

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

HELENA THOMASSIM MEDEIROS

DA EXCLUSÃO À EXPOSIÇÃO

Narrativas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã - RS

Porto Alegre

2015

HELENA THOMASSIM MEDEIROS

DA EXCLUSÃO À EXPOSIÇÃO

Narrativas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã - RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências da Informação, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof.^a Orientadora: Vanessa Barrozo Teixeira

Porto Alegre

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof^a Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vive Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dr. Moisés Rockembach

Chefe Substituto: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora: Prof^a Me. Ana Carolina Gelmini de Faria

Coordenadora Substituta: Prof^a Dra. Jeniffer Alves Cuty

CIP - Catalogação na Publicação

Medeiros, Helena Thomassim
Da Exclusão à Exposição: Narrativas Expográficas do
Memorial do Hospital Colônia Itapuã - RS / Helena
Thomassim Medeiros. -- 2015.
127 f.

Orientadora: Vanessa Barrozo Teixeira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Museologia. 2. Narrativas Expográficas. 3.
Hospital Colônia Itapuã. 4. Memorial do Hospital
Colônia Itapuã. I. Teixeira, Vanessa Barrozo, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, 2750 – Bairro Santana

Porto Alegre - RS

Tel. Fax: (51) 3316-5146

E-mail: fabico@ufrgs.com.br

HELENA THOMASSIM MEDEIROS

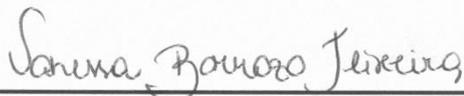
DA EXCLUSÃO À EXPOSIÇÃO

Narrativas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã - RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências da Informação, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 07 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:



Prof.^a Me. Vanessa Barrozo Teixeira – Orientadora



Prof.^a Me. Ana Carolina Gelmini de Faria – Examinadora interna



Prof.^a Dr.^a Zita Rosane Possamai – Examinadora interna

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, por me apoiar em todos os momentos e por acreditar que as histórias devem ser contadas e repassadas de geração em geração, fazendo com que não nos esqueçamos de nossos entes queridos que não estão mais aqui.

Agradeço pela paciência e dedicação que meus pais, Nestor e Marlí, e meus irmãos, Carolina e André, demonstraram ao me acompanhar durante as visitas ao Hospital Colônia Itapuã, lendo meus textos, me escutando falar sobre este assunto por mais de um ano e auxiliando em tudo o que puderam.

À dedicação das professoras do curso de Museologia da UFRGS: Jeniffer Alves Cuty, primeira docente para quem mencionei meu interesse em trabalhar o Hospital Colônia Itapuã; Ana Carolina Gelmini de Faria que me ajudou durante a escrita deste projeto; e minha orientadora, Vanessa Barrozo Teixeira que esteve comigo nesta trajetória, mantendo-se sempre calma e me dizendo que tudo daria certo.

Aos entrevistados Rita Sosnoski Camello, Marco Antônio Lucaora, Dennis Guedes Magalhães, Lia Conceição Mineiro de Souza Magalhães e Éverton Reis Quevedo. Agradeço a todos que me receberam e aceitaram ser fonte de informação para este trabalho.

Aos amigos que conheci nestes quatro anos de faculdade, em especial as minhas amigas Maitê e Ruth, companheiras de curso e de muitos trabalhos. Ao Bruno, meu namorado dedicado e atencioso que pacientemente ouviu meus lamentos e receios em relação a esta jornada, e que esteve comigo em todos os momentos.

Aos meus pais, irmãos, tios, primos e minhas queridas avós, Maria e Nilza. Obrigada as mulheres de minha família que contam e recontam as histórias que um dia eu também gostaria de contar aos que virão.

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar as narrativas expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã, assim como pontuar outras exposições que abordaram o Hospital Colônia Itapuã realizadas na região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Este estudo tem como meta investigar quais são as representações, presentes nas narrativas expográficas, no que tange a esta instituição. Apresenta-se um panorama sobre a trajetória da doença hoje conhecida como hanseníase e desta instituição, que faz parte do imaginário local enquanto representante do método de tratamento desta enfermidade no começo do século XX. Visa-se legitimar este ambiente enquanto patrimônio e lugar de memória, a partir da análise da expografia concebida pelo Memorial, trabalhando-o dentro da perspectiva da Museologia. A fim de estabelecer os conhecimentos necessários para esta pesquisa fez-se o uso de entrevistas com funcionários envolvidos no processo de construção das exposições, assim como da análise de documentos derivados das mesmas e do uso de bibliografia específica. A abordagem mais aprofundada se dá no que tange ao Memorial, objetivando compreender seu desenvolvimento, as escolhas realizadas e o papel social que esta e as demais exposições buscam cumprir, divulgando e conscientizando a população sobre a hanseníase e a história do Hospital.

Palavras-Chave: Museologia. Narrativas Expográficas. Hospital Colônia Itapuã. Memorial do Hospital Colônia Itapuã.

ABSTRACT

This work consists of an analysis of expographic narratives of the Memorial of Hospital Colônia Itapuã, also showing others exhibitions which approached the Hospital Colônia Itapuã, performed in the metropolitan region of Porto Alegre, Rio Grande do Sul. This study aims to investigate what are the representations, present in the expographic narratives, regarding that institution. It is presented a panorama about the Hansen's disease and the institution's trajectory, which is part of the local imaginary as representative of the treatment method of the illness in the 20th century. Aims to legitimate this place as heritage and place of memory, through the analysis of the expography conceived by the Memorial, analysing it in the perspective of Museology. In order to stabilish the necessary knowledges to this research, interviews with staff envolveds in the process of maiking the exhibition were made, as also the analyse of documents derivated from it and the use of especific bibliography. The deeper approach happens in what is told about the Memorial, with the objective of understanding the development of it, the choices made and the social functions that it and others exhibitions search to accomplish with society , promoting and educating the population about the Hansen's disease and the Hospital's history.

Key-words: Museology. Expographic Narrativs. Hospital Colônia Itapuã. Memorial do Hospital Colônia Itapuã.

LISTA DE ABREVIACÕES

CAR – Centro Agrícola de Reabilitação.

CEDOPE – Centro de Documentação e Pesquisa.

HCI – Hospital Colônia Itapuã.

MUHM – Museu da História da Medicina.

POA – Porto Alegre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do HCI.....	25
Figura 2 – Casamento realizado no Hospital.....	27
Figura 3 - Filhos de Hansenianos	28
Figura 4 – HCI na década de 1940	29
Figura 5 – Irmãs Franciscanas	29
Figura 6 – Atendimento no HCI.....	30
Figura 7 – Cemitério do Hospital Colônia Itapuã.....	30
Figura 8 – Salão de Jogos	31
Figura 9– Visão Panorâmica Casa dos moradores e Antiga Igreja Evangélica.....	35
Figura 10 – Antiga Casa do HCI	39
Figura 11 – Pórtico de Entrada	40
Figura 12 – Painel da Exposição “HCI – 60 Anos de História”	47
Figura 13 – <i>Banner</i> de Divulgação.....	49
Figura 14 – Exposição “Da Lepra à Hanseníase”	50
Figura 15 – Casa das Freiras.....	53
Figura 16 – Exterior da Igreja Evangélica.....	54
Figura 17 – Interior da Igreja Evangélica.....	55
Figura 18 – Prédios do HCI.....	56
Figura 19 – Cozinha do Memorial.....	60
Figura 20 – Cozinha do Memorial.....	60
Figura 21 – Sala de arquivo.....	61
Figura 22 – Sala de arquivo.....	61
Figura 23 – Mapa com os “Caminhos da Lepra”	65
Figura 24 – Sala Expositiva.....	65
Figura 25 – Texto Expositivo Espaço 01.....	66
Figura 26 – Texto Expositivo Espaço 01.....	66
Figura 27 – Texto Expositivo Espaço 01.....	67
Figura 28 – Cenografia Espaço 01	67
Figura 29 – Cenografia Espaço 01	68
Figura 30 – Cenografia Espaço 01	69
Figura 31 – Corredor com Jornais	70
Figura 32 – Jornais sobre o HCI.....	70

Figura 33 – Objetos para fabricação de sabão e roupas	71
Figura 34 – Objetos da Fábrica de Calçados	71
Figura 35 – Texto sobre a Fábrica de Sabão	72
Figura 36 – Máquina da Fábrica de Sabão	72
Figura 37 – Pães, Fotos e Instrumentos Agrícolas	73
Figura 38 – Sala dos Amores.....	73
Figura 39 – Cenografia Espaço 06	74
Figura 40 – Cenografia Espaço 08	75
Figura 41 – Fotos e Depoimentos de Casais.....	76
Figura 42 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos	76
Figura 43 – Mesa de Jogos	77
Figura 44 – Sala de Jogos	78
Figura 45 – Sala com Utensílios Agrícolas	78
Figura 46 – Sala com Utensílios Agrícolas	79
Figura 47 – Corredor sobre a Creche para filhos de funcionários.....	79
Figura 48 – Sala de “Informática”	80
Figura 49 – Sala Expositiva.....	80
Figura 50 – Cenografia Espaço 17	81
Figura 51 – Cenografia Espaço 17	82
Figura 52 – Sala de Artefatos Religiosos	83
Figura 53 – Fotos e Textos sobre a Igreja Luterana	83
Figura 54 – Vitral da Igreja Luterana	84
Figura 55 – Pinturas baseadas no médico Hansen e instrumentos médicos.....	85
Figura 56 – Panorama da Sala	85
Figura 57 – Instrumentos para avaliar a visão e manipulação de medicamentos.....	86
Figura 58 – Instrumentos para avaliar a visão sendo utilizado.....	86
Figura 59 – Moedas usadas no HCI	87
Figura 60 – Texto Expositivo Espaço 02.....	87
Figura 61 – Texto Expositivo Espaço 02.....	88
Figura 62 – Texto Expositivo Espaço 01.....	88
Figura 63 – Cenografia Espaço 02	90
Figura 64 – Instrumentos e Objetos Médicos.....	90
Figura 65 – Texto Expositivo Espaço 07.....	91
Figura 66 – Texto Expositivo Espaço 07.....	91

Figura 67 – Instrumentos utilizados em laboratório.....	92
Figura 68 – Instrumentos utilizados em laboratório.....	92
Figura 69 – Escada vista do primeiro andar	93
Figura 70 – Escada vista do segundo andar.....	94
Figura 71 – Quadro sem Legenda Espaço Expositivo10.....	94
Figura 72 – Fotos e Trabalhos dos Pacientes Psiquiátricos.....	95
Figura 73 – Trabalhos dos Pacientes Psiquiátricos	95
Figura 74 – Fotos e Trabalhos dos Pacientes Psiquiátricos.....	96
Figura 75 – Fotos dos Pacientes Psiquiátricos.....	96
Figura 76 – Colônia Japonesa.....	97
Figura 77 – Colônia de Pescadores	98
Figura 78 – Cenografia Espaço 13	98
Figura 79 – Texto Expositivo Espaço 13.....	99
Figura 80 – Texto Expositivo Espaço 13.....	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 HANSENÍASE E A HUMANIDADE: UMA HISTÓRIA DE SEGREGAÇÃO	19
2.1 Hanseníase: Conceituando o Mal de Hansen	21
2.1.2 Hanseníase no Rio Grande do Sul.....	23
2.2 Hospital Colônia Itapuã: Patrimônio Cultural.....	28
3. NÃO CAMINHAMOS SÓS.....	40
3.1 HCI em cena: Narrativas Expográficas sobre o Hospital Colônia	44
3.2 Memorial do Hospital Colônia Itapuã: Análise de uma Concepção Expográfica.....	52
4 NARRATIVAS EXPOGRÁFICAS DO MEMORIAL HCI: Cada objeto é uma história de vida.....	58
4.1 Ambientações Históricas e o Cotidiano no HCI	64
4.2 Ambientações Hospitalares.....	84
4.3 Setor Psiquiátrico	93
4.4 Contexto Local do HCI	97
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICE A – Autorização de uso de entrevista.....	112
APÊNDICE B – Roteiro para Entrevista Semiestruturada	113
APÊNDICE C – Rascunho da Localização das Salas do Memorial	114
ANEXO I – Folder da exposição “HCI – 60 Anos de História”	116
ANEXO II – Textos utilizados na exposição “A História da Saúde Pública no Rio Grande do Sul sob a Ótica dos Hospitais Estaduais”	122
ANEXO III – Convite da exposição “Da Lepra à Hanseníase”	126
ANEXO IV – Material de Divulgação da exposição “Da Lepra à Hanseníase”	127

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse pelo tema Hospital Colônia Itapuã (HCI) surgiu durante minha infância, pois sempre gostei de ouvir as histórias das pessoas de minha família, e minha mãe e avó materna comentavam sobre o leprosário e parentes que viveram lá. Sendo assim, quando entrei no curso de Museologia, refleti sobre como utilizar esta ciência enquanto instrumento de inclusão e representação social. Ao estudar sobre o Hospital fiquei surpresa por saber que o tema hanseníase e este espaço haviam sido trabalhados em algumas exposições, deste modo percebi um norte para desenvolver meu trabalho de conclusão de curso. Portanto, fazer este trabalho é mais do que falar sobre uma curiosidade local ou um lugar de memória¹, para mim, é lembrar e descobrir um pouco mais sobre minha própria história, é fazer uma homenagem aos que já se foram e aos que virão.

Durante o século XX cerca de 30 (trinta) leprosários foram construídos em vários locais do Brasil, obedecendo a uma política de prevenção e controle da doença hanseníase, também conhecida como lepra. Um destes pontos é a região metropolitana de Porto Alegre (POA), na cidade de Viamão. Formulado em 1935 e criado em 1940, o HCI é uma das instituições remanescentes deste período histórico.

A construção da edificação dos leprosários, ou hospitais colônia, era realizada na projeção de uma pequena cidade dividida em três zonas: sadia, intermediária e doente; a primeira seria a área de moradia de funcionários, a outra administrativa e uma para os pacientes doentes.

No local havia igreja, cemitério, escolas, espaços de lazer e até mesmo um sistema monetário próprio. A internação era compulsória, ou seja, quem fosse portador da doença deveria ser mandado para o Hospital. Muitos moradores chegaram jovens e acabaram constituindo família, casando e tendo filhos neste espaço de reclusão social. Os filhos destes pacientes eram tirados de seus pais ao nascer e colocados em instituições governamentais. Hoje alguns destes filhos buscam indenização pelos danos causados por todo este processo traumático de segregação. O Ministério da Saúde aponta para a existência de cerca de 30 (trinta) mil crianças que foram separadas de seus pais por causa da hanseníase².

¹Conceito definido a partir de NORA, 1993.

² Mais informações em: ELY, Lara. *Filhos de pessoas com hanseníase buscam indenização a traumas*. ZH VIDA. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/vida/noticia/2015/03/filhos-de-pessoas-com-hanseníase-buscam-indenizacao-a-traumas-4730546.html>>. Acesso em 26 de jun. de 2015.

A partir das décadas de 1950 e 1960 o número de pacientes começou a cair, pois surgiram novos tratamentos para a doença, contudo, diversas pessoas não conseguiram retornar ao convívio com a sociedade.

Em 1972, ocorreu a transferência de pacientes, vindos do Hospital Psiquiátrico São Pedro para o HCI, por este motivo foi construída uma cerca de arame que separava os antigos moradores dos novos – esta seria retirada no começo da década de 1990. Neste período de reformulação o local passou ser utilizado como Centro Agrícola de Reabilitação (CAR).

Durante o período de funcionamento cerca de 2.500 (duas mil e quinhentas) pessoas³ viveram na instituição, isoladas do convívio social com o mundo externo. Ainda hoje existem remanescentes deste período, assim como pacientes psiquiátricos.

Abordando a doença hanseníase e utilizando como elemento de referência o HCI foram realizadas algumas exposições na região metropolitana de POA. Sendo assim, o presente trabalho tem como principal intuito estudar estas exposições, visando perceber qual o objetivo destas, e quais aspectos foram ou são abordados em suas narrativas – aprofundando a análise do Memorial do Hospital Colônia Itapuã (Memorial HCI), tendo em vista que o material proveniente das outras foi insuficiente –, observando qual é a representação⁴ dada ao Hospital e a história de seus pacientes. Foram localizadas 03 (três) exposições que se encaixam nesta temática, são elas: *HCI: 60 Anos De História* (2000), exposição itinerante inaugurado no HCI; *Da Lepra À Hanseníase* (2012), realizada no Museu da História da Medicina (MUHM); e a exposição de longa duração do Memorial do Hospital Colônia Itapuã (2014), localizada dentro das dependências do HCI. Considerando que as duas primeiras citadas não estão mais em exibição, diferentemente da terceira, o foco de minha análise foi o Memorial, e as demais exposições foram apenas pontuadas, tendo em vista a dificuldade enquanto a sua documentação.

O HCI faz parte do imaginário⁵ da região metropolitana de POA, contudo, no campo da Museologia não foram localizadas pesquisas realizadas com enfoque neste tema. Esta análise visa contribuir com a perspectiva de pensar este local enquanto patrimônio, enriquecendo os estudos sobre ele e sobre a representação do mesmo em diferentes expressões, tendo como objeto de estudo as exposições.

³Mais informações em: BORGES, Viviane Trindade. SERRES, Juliane Conceição Primon. *Narrativas sobre o velho leproário: as entrevistas realizadas com pacientes/moradores do Hospital Colônia Itapuã (Viamão/RS)*. História Oral. v. 17. n.1. 2014. P.119-134.

⁴ Conceito definido a partir de PESAVENTO, 2003, no capítulo III este conceito será devidamente trabalhado.

⁵ Conceito definido a partir de LAPLANTINE; TRINDADE, 1996.

Meu problema de pesquisa é perceber de que forma o HCI é abordado dentro das exposições nas quais esta temática foi trabalhada, analisando como e com qual intuito estas narrativas expográficas foram formuladas. Meu enfoque é a exposição realizada no Memorial HCI, tendo em vista que é a única voltada especificamente para esta instituição e que se encontrava em exibição durante o período da pesquisa.

O objetivo geral de meu trabalho é analisar as narrativas expográficas construídas sobre o HCI no Memorial desta instituição. Os objetivos específicos consistem em: apresentar um panorama sobre a história da doença hanseníase; contextualizar a trajetória do Hospital; identificar quem formulou as exposições e para qual público; analisar a exposição do Memorial e pontuar as exposições realizadas na região metropolitana de POA e que utilizaram o Hospital em suas narrativas.

Ao tratar do HCI associamos o assunto a duas áreas do conhecimento, História e Medicina. Dentro de minhas pesquisas pouco encontrei sobre a segunda área, contudo na primeira há um número considerável de dissertações e publicações em periódicos. Tratando especificamente do Hospital há 13 (treze) trabalhos de 07 (sete) autores diferentes, considerando que alguns deles foram escritos em conjunto. São eles: Fernanda Barrionuevo Proença; Éverton Reis Quevedo; Juliane Conceição Primon Serres; Viviane Trindade Borges; Arselle de Andrade da Fontoura; Artur Henrique Franco Barcelos; e Luiz Eduardo Robinson Achutti.

Todos os trabalhos citados apresentam-se dentro da área de História, alguns abordam a perspectiva do patrimônio e outros ainda trazem elementos museológicos como peças de acervo ou citam uma exposição. Contudo, não se aprofundam no conceito de museu e na importância cultural e histórica da disseminação da trajetória do HCI. Meu enfoque nesta pesquisa são as exposições, nesse sentido, viso compreender como as memórias deste local foram abordadas nelas.

Dos 13 (treze) trabalhos encontrados que tratam especificamente sobre o HCI, 09 (nove) fazem parte da construção teórica desta pesquisa, pois abarcavam de forma mais concisa o enfoque que desenvolvi. Estes foram distribuídos em três grandes áreas, com o intuito de facilitar a pesquisa, sendo elas: trajetória do Hospital e políticas públicas; entrevistas e vivências; acervo e exposições.

Dentre os textos que se encaixam no primeiro eixo - trajetória do Hospital e políticas públicas - pode-se citar 03 (três) trabalhos: *“Isolamento, Isolamento e Ainda, Isolamento” O Hospital Colônia Itapuã e o Amparo Santa Cruz na Profilaxia da Lepra no Rio Grande do Sul (1930 - 1950)*, dissertação de mestrado de Éverton Reis Quevedo, realizada em 2005, visa

apresentar o papel do Hospital Colônia Itapuã e do Amparo Santa Cruz para a prevenção da lepra no Estado, ambas medidas relativas a Campanha Nacional Contra a Lepra; a dissertação de mestrado *“Os Escolhidos de São Francisco: Aliança Entre Estado e Igreja Para a Profilaxia da Lepra Na Criação e no Cotidiano do Hospital Colônia Itapuã - (1930-1940)”* escrita por Fernanda Barrionuevo Proença em 2005, mostra a abordagem histórica do Hospital e das políticas públicas de saúde e os mecanismos de poder da Igreja e do Estado; *“Projeto CAR: o Centro Agrícola de Reabilitação do Hospital Colônia Itapuã”* (2002) artigo de Viviane Trindade Borges cujo enfoque é a pesquisa sobre o Centro Agrícola fundado em 1972 para atender as necessidades do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

No segundo eixo – entrevistas e vivências no Hospital – encaixo mais 04 (quatro) publicações sendo estes os seguintes: *“Segregar para curar? A experiência do Hospital Colônia Itapuã”* (1999-2000) é um trabalho que relata a história dos pacientes do Hospital dentro da instituição, visando mostrar o que foi feito para reintegrá-los à vida em sociedade após o período de internamento, traz um pouco sobre o histórico da instituição e também mostra entrevistas realizadas, é de autoria de Artur Henrique Franco Barcelos e Viviane Trindade Borges; *“A loucura herda um espaço deixado pela lepra: fragmentos de história oral com os pacientes-moradores do Hospital Colônia Itapuã”* (2006) texto no qual a autora, Viviane Trindade Borges, tenta explorar o conflito entre os portadores de hanseníase e os pacientes psiquiátricos; *“Casamento, maternidade e viuvez: memórias de mulheres hansenianas”* (2007) artigo de Viviane Trindade Borges, que se baseia na fala de quatro mulheres hansenianas que moram na instituição; Juliane Conceição Primon Serres e Viviane Trindade Borges, em 2014, escreveram *“Narrativas sobre o velho leprosário: as entrevistas realizadas com pacientes/moradores do Hospital Colônia Itapuã (Viamão/RS)”*, artigo que trata de entrevistas realizadas sobre a instituição.

Somente 02 (duas) pesquisas se enquadram no terceiro eixo - acervo e exposições- sendo elas: *“Desvendando uma história de exclusão: a experiência do Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital-Colônia Itapuã”* publicação de 2003 cujos autores são Arselle de Andrade da Fontoura, Artur H. F. Barcelos e Viviane Trindade Borges, aborda o Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital, trazendo alguns dados sobre seu acervo bibliográfico, documental e iconográfico, além de abordar a história da instituição e a criação deste Centro; *“Uma Memória Que Agoniza: Hospital Colônia Itapuã - RS”*, artigo de 2013 de Juliane Conceição Primon Serres trata sobre a história do Hospital e menciona a exposição em homenagem aos 60 anos da instituição.

No que tange à questão metodológica, esta pesquisa é de natureza básica, pois visa à geração de conhecimento a partir das exposições que envolvem o HCI, realizando uma análise das mesmas. É uma pesquisa exploratória e descritiva à medida que faz uso de levantamento bibliográfico e de observação.

A fim de efetivar esta pesquisa, para meu trabalho de conclusão de curso, busquei empregar as técnicas de documentação indireta através da coleta de dados a partir da análise bibliográfica (fonte secundária) e documental (fonte primária); e documentação direta, indo no local pesquisado para coletar dados. As fontes de informação utilizadas consistem em análises do local (campo) e de material impresso ou publicado em mídia (bibliográfica).

A obtenção de dados ocorreu através da abordagem qualitativa, devido ao fato de que uma exposição é algo subjetivo, assim como seus processos de escolhas expográficas, deste modo, não seria possível quantificar as informações, apenas analisá-las, através da técnica de pesquisa de entrevista semiestruturada que foca um tema, desempenhando o papel de “fio condutor”.

Os procedimentos técnicos adotados são: pesquisa bibliográfica, analisando fontes secundárias de informação sobre a exposição; pesquisa documental, considerando o material de divulgação e provenientes das exposições como documentos de estudo; e estudo de caso, por meio de entrevistas e análises dos processos expográficos – através destas conversas, da documentação existente e da observação da exposição do Memorial –, visando à análise e compreensão quanto ao desenvolvimento das exposições pesquisadas.

A revisão bibliográfica ocorreu de agosto a outubro de 2015 e consistiu na pesquisa e análise de textos com informações sobre o HCI e/ou sobre as exposições que ocorreram e que representaram este espaço em sua narrativa. A pesquisa documental, que ocorreu no mesmo período, se tornou fundamental tendo em vista o fato de que apenas 01 (uma) das 03 (três) exposições mapeadas para esta pesquisa está em funcionamento, o único meio de analisar as outras foi usando como base fotos, material impresso, elementos de divulgação e entrevistas com alguns dos envolvidos em sua produção.

As 03 (três) entrevistas realizadas de agosto a outubro de 2015 se fizeram necessárias à medida que tenho por intuito perceber como foram desenvolvidas as exposições, observando as escolhas realizadas. Os entrevistados foram escolhidos visando conseguir recolher informações sobre a construção de todas as exposições que utilizaram em sua narrativa o HCI: Rita Sosnoski Camello é enfermeira do HCI, possui em amplo conhecimento em hanseníase, foi uma das idealizadoras do Memorial HCI, e Marco Antônio Lucaora, funcionário estadual, foi o idealizador e patrocinador do Memorial HCI; Dennis Guedes Magalhães e Lia

Conceição Mineiro de Souza Magalhães, funcionários estaduais formados em Relações Públicas, responsáveis pela assessoria dos hospitais estaduais, entre eles o HCI; Éverton Reis Quevedo, diretor técnico do MUHM foi selecionado por ter participado do processo de construção das 02 (duas) primeiras exposições que abordaram o HCI. Optei por realizar entrevistas semiestruturadas por trabalhar com memórias, busquei focar no planejamento e desenvolvimento das exposições, para isto utilizei um roteiro, como mostra o Apêndice B. A análise do Memorial ocorreu após a realização da coleta de dados, em outubro de 2015, posto que ele tornasse meu objeto de estudo à medida que não foi possível focar em todas as exposições que abordam o HCI.

Considerando os aspectos acima citados, o presente trabalho se estrutura na forma de capítulos que vão norteando o tema principal, as exposições, para posteriormente esmiuçá-lo. Sendo assim no segundo capítulo, intitulado “Hanseníase e a Humanidade: Uma História de Segregação” buscou-se descrever brevemente a trajetória percorrida por esta enfermidade, desde sua percepção enquanto um castigo divino ao descobrimento de seu bacilo causador, e as políticas de prevenção que levaram à construção do HCI. A partir deste apanhado histórico visa-se conceituar o espaço do Hospital enquanto patrimônio e lugar de memória.

Dentro do terceiro capítulo consta uma análise mais aprofundada nas questões de cunho museológico, problematizando a importância das exposições enquanto um meio de comunicação, preservação da memória e representação do fato museal. Outro ponto abordado neste capítulo é a descrição e análise, se não objetivamente das exposições, mas do processo de concepção que as gerou, utilizando os dados coletados no decorrer desta pesquisa.

No quarto capítulo há um maior aprofundamento na concepção expográfica do Memorial HCI, tento em vista que ele possui a única exposição cujo tema principal é esta instituição e que está em atividade. No decorrer do último capítulo faço uma análise de todo este trabalho de pesquisa, percebendo as “descobertas” feitas ao longo desta trajetória.

Este trabalho busca abordar algumas das diversas facetas que envolvem o HCI, contextualizando sua existência de modo que auxilie na compreensão de sua significância histórica e patrimonial. A análise das exposições torna-se necessária à medida que elas são um mecanismo que permite comunicar à população esta trajetória representando-a através de textos e objetos. Sendo assim, cada uma destas iniciativas fez-se necessária em um determinado momento, redescobrimo o Hospital por meio de diferentes olhares. De certo modo, todas elas visam impedir o esquecimento deste local, pois quando uma história é contada e recontada ela acaba sendo incorporada e sua importância legitimada, deste modo, este também se torna um dos intuitos deste trabalho.

2 HANSENÍASE E A HUMANIDADE: UMA HISTÓRIA DE SEGREGAÇÃO

A hanseníase é uma das doenças mais antigas que se têm registro, é citada na Bíblia, afetou o mundo inteiro e foi considerada como um castigo divino. Desta forma desenvolveu-se dentro de um estigma social ao qual é associada até os dias de hoje, como signo de vergonha e rejeição. Antigamente esta doença era, e ainda é conhecida pelo nome de lepra, desta palavra derivou-se termos que são utilizados popularmente como leproso ou lazarento, normalmente associados a algo ruim ou isolado. Vânia Carvalho Santos (2006) coloca, em sua dissertação de Mestrado, que:

De acordo com Miranda (1999), o termo *.tsara.at.* é derivado do hebraico cuja raiz é Sara, que significa ferido por Deus. A palavra *.tsara.at.* traduzida do hebraico para o grego, foi concebida como lepra. (*lépros* - algo que escama), e passou a ser usada pelos gregos para denominar doenças escamosas (MIRANDA, 1999 *apud* SANTOS, 2006, p.09).

Outro aspecto levantado pela autora é uma das razões para o preconceito e o estigma da lepra, hoje conhecida como hanseníase, segundo ela:

O desejo excessivo por sexo havia sido associado à doença por escritos antigos, que não faziam distinção entre lepra e doença venérea, encarando ambas como equivalentes. As relações sexuais eram vistas como uma das causas da lepra. Esse vínculo entre a doença e o sexo teve o efeito de reforçar a visão geralmente aceita sobre a inferioridade e imoralidade potencial das mulheres. Rotulavam as mulheres como fontes potenciais de infecção, pois era crença geral que a relação sexual com uma mulher menstruada podia levar à lepra, e que, se uma mulher tivesse relações com um leproso, ela não seria contaminada pela doença, mas poderia passá-la para o próximo homem com quem fizesse sexo [...] (RICHARDS, 1993 *apud* SANTOS, 2006, p.12).

Associada ao pecado e posteriormente sendo vista como uma enfermidade, a hanseníase representa um papel importante dentro da história da humanidade, existem registros desta doença na Ásia, por volta de 4.600 a. C., onde ela teria sido transmitida pelos povos fenícios, sírios e hebreus; no Egito em 4.300 a. C., acredita-se que o Rio Nilo seria peça fundamental para a propagação da doença; na Índia em 1.400 a. C., China e Japão em 400 a. C. A volta dos soldados de Pompeo para a Itália teria levado a hanseníase à Europa, por volta

de 60 a. C⁶. Contudo, vale frisar que, segundo Savassi (2010), não há unanimidade quanto à fonte inicial e as rotas de transmissão da doença, sendo que elas:

Recaem sobre as três civilizações mais antigas da humanidade – indiana, egípcia e hebréia – as suposições. Os relatos antigos e os sinais da doença em esqueletos indianos e múmias egípcias são fonte de controvérsia, e a probabilidade mais aceita é que a “lepra” tenha se originado no subcontinente indiano, e introduzida na Europa pelas tropas de Alexandre, o Grande. Outra possibilidade seria a de duas correntes da doença: asiática e africana (MONOT, 2005, *apud* SAVASSI, 2010, p. 25)

Segundo Santos (2006), durante a Idade Média, a Igreja Católica passa a cuidar dos acometidos deste mal, os doentes eram colocados em isolamento e se tornavam mortos em vida. Eram realizadas cerimônias fúnebres para que a família pudesse se despedir do doente que a partir dali será identificado não mais por seu nome ou história, mas por sua doença, como o leproso, aquele do qual ninguém deve se aproximar, a pobre alma que não mais pertencerá ao mundo dos vivos. Eles eram identificados por roupas escuras, deveriam usar um chapéu que cobrisse seu rosto para esconder sua face desfigurada pela doença, usar um sino ou instrumento sonoro que anunciasse sua presença e só poderia tocar nas coisas por meio de um cajado, sua vida seria isolada do restante da sociedade. Segundo Savassi (2010) os enfermos perdiam o direito aos seus bens materiais, que eram confiscados pela Igreja, também eram considerados pecadores, por este motivo haviam sido punidos por Deus com esta doença.

Segundo Souza (2012), no final do século XIX, a hanseníase havia sido quase extinta na Europa, fator que pode ser atribuído à melhora nas condições de vida, incluindo a alimentação e higiene.

No século XV e XVI, período das grandes navegações organizadas pela Europa, a doença hanseníase teria vindo para o Novo Mundo. E durante o processo de colonização a América se torna um novo foco endêmico. Segundo Souza (2012) em 1600 já há registros da doença no Brasil, no século XVIII surgem “Sociedades Protetoras dos Lázaros” e pensões para seu isolamento, no século XIX, são promovidas medidas para combater a endemia, consistindo na construção precária de casas afastadas do convívio social chamadas de “lazaretos” a fim de isolar os doentes.

No começo do século XX é criado o Departamento Nacional de Saúde Pública que toma como medida a construção de abrigos para os doentes em todos os estados brasileiros

⁶ Esses dados foram retirados da palestra ministrada pela enfermeira Rita S. Camello no Memorial do Hospital Colônia Itapuã no dia 25 de julho de 2015

que apresentassem focos endêmicos de hanseníase. O Departamento de Profilaxia da Lepra surge 1935 e é instaurado o Serviço Nacional de Lepra em 1941.

2.1 Hanseníase: Conceituando o Mal de Hansen

O médico norueguês Gehard Henrick Armauer Hansen (1841-1912) estudou a causa da doença então conhecida como lepra e percebeu que ela era causada por um bacilo similar ao bacilo causador da tuberculose, a ele foi dado o nome de *Mycobacterium leprae* ou bacilo de Hansen, e a doença passou a ser conhecida como hanseníase.

Esta doença é transmitida por via respiratória, sendo assim, se um membro da família entra em contato com o bacilo pode contaminar todos os que moram em sua casa. Neste aspecto, as condições de vida se tornam fundamentais, por exemplo, uma família pobre que dispõe de pouco espaço e dorme próxima, em pouco tempo todos estarão contaminados e contaminando mais pessoas. Pode levar de 02 (dois) a 07 (sete) anos para aparecerem os primeiros sintomas da doença e, segundo Souza (2012), estima-se que cada pessoa contaminada, sem tratamento, contamina 05 (cinco) pessoas em 01 (um) ano.

A doença provoca diminuição ou ausência de sensibilidade ao calor, dor ou tato e esta falta de sensibilidade leva a perda dos membros periféricos, pois em muitos casos a pessoa se fere gravemente e nem percebe, um dos cuidados que o paciente deve tomar é o de manter essas áreas hidratadas. Pode causar paralisia facial e o desabamento nasal, comprometendo a fala e desfigurando o paciente.

Segundo Souza (2012), em 1941 o médico estadunidense Guy Henry Faget (1891–1947) demonstrou a eficácia do Diamino-defenil-sulfona com a proliferação da hanseníase, apenas um ano depois da criação do HCl. Porém, este tratamento ambulatorial só começou a ser implantado no Brasil por volta da década de 1960.

No ano de 1992 é implantada a poliquimioterapia, que consiste em cartelas de remédio que variam de dosagem de acordo com o grau de desenvolvimento da doença, essas cartelas impossibilitam a transmissão da doença e inibem seu aumento. Contudo, não restabelecem os danos já sofridos, o paciente poderá levar uma vida normal, tomando alguns cuidados e precauções.

A hanseníase é uma doença dermato-neurológica, se alimentando da pele e dos nervos do doente, um de seus primeiros sintomas é o aparecimento de manchas na pele, segundo o relato de pacientes, elas não incomodam, não doem, não coçam e não pegam pó, pois a área

não transpira. Para o seu diagnóstico são utilizados três tipos de teste: térmico, doloroso e tátil, testando a sensibilidade da pele. Santos (2006), afirma que:

As manifestações neurológicas são comuns a todas as formas de hanseníase e se caracterizam pela sensação de anestesia com perda da sensibilidade dolorosa ao calor ou frio no local. Por sua vez, o comprometimento dos nervos provoca: diminuição da força muscular, atrofia e contração dos pés e/ou mãos e dedos; ressecamento dos olhos; lesões da mucosa nasal e cavidade bucal (SANTOS, 2006, p.19).

Se o diagnóstico ocorre na fase inicial evita o comprometimento de troncos nervosos e previne incapacidades físicas. A doença é dividida de acordo com as fases de seu desenvolvimento:

Segundo o Brasil (Ministério da Saúde, 2002), a atual classificação da hanseníase de acordo com suas formas de manifestação clínica são:

1. Indeterminada: considerada a manifestação clínica inicial da doença, caracterizada por manchas avermelhadas ou embranquecidas na pele com perda de sensibilidade térmica;
2. Tuberculóide: caracterizada por lesões em placa na pele, provoca queda de pelos e alteração da sensibilidade térmica, dolorosa e tátil;
3. Virchowiana: caracteriza-se pela disseminação de lesões de pele, alterações de sensibilidade nessas lesões e acometimento dos troncos nervosos;
4. Dimorfa: oscila entre as manifestações da forma tuberculóide e as da forma virchowiana. O portador desta forma de hanseníase tem um alto risco de desenvolver incapacidades e deformidades físicas (Brasil, Ministério da Saúde, 2000) (BRASIL, 2002, *apud* SANTOS, 2006, p.22).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2014 o Brasil era o segundo no ranking de países com maior número de casos, representando 15% (quinze por cento) dos casos no mundo. As macrorregiões mais atingidas são Norte, Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste. Neste contexto, é importante ressaltar que:

Atualmente, 80% dos casos novos concentram-se em países localizados na faixa intertropical: Índia; Brasil; Myanmar; Madagascar; Nepal; e Moçambique. Alguns trabalhos de geografia médica da hanseníase discutem o papel da história da ocupação dos territórios como fundamento da manutenção de focos da doença. Por outro lado, geralmente, é aceita a associação da hanseníase com condições desfavoráveis de vida, considerando-se fatores econômicos, higiênico-sanitários e biológicos. O Brasil mantém, nas últimas décadas, a situação mais desfavorável na América e o diagnóstico da segunda maior quantidade de casos do mundo, depois da Índia. A hanseníase entre os brasileiros é, portanto, um problema de Saúde Pública cujo programa de eliminação está entre as ações prioritárias do Ministério de Saúde. (MAGALHÃES; ROJAS, 2007, p. 76).

Segundo a enfermeira Rita S. Camello, que trabalha no HCI, a doença está onde a pobreza está, pois a proteção imunológica e a qualidade de vida são fundamentais. Um exemplo dado por ela é a redução de mais de 33% (trinta e três por cento) dos casos de hanseníase no País desde o surgimento do Programa Bolsa Família. Posto que:

Entre as premissas sociais associadas à distribuição geográfica da doença, reafirmam-se a pobreza, a desnutrição ou algumas carências nutricionais, além de condições higiênicas desfavoráveis e movimentos migratórios. A doença, com frequência, relaciona-se a indicadores como baixa renda familiar ou per capita, baixa escolaridade e falta de condições básicas de saúde, entre outros. (MAGALHÃES; ROJAS, 2007, p. 76).

Segundo Souza (2012, p.38) “Somente 1/3 da população mundial não mora em países endêmicos [...]”. Outro aspecto que deve ser apontado:

[...] é o fato de a hanseníase ser tida como uma doença estigmatizadora. O pouco conhecimento que a população detém dificulta a aceitação, até mesmo dos próprios portadores, que abandonam ou se recusam a realizar o tratamento, além de não admitirem que possuem a doença. Logo, urge que o tema tenha uma abordagem ampla perante a população, que haja um planejamento de uma educação continuada com o intuito de informar, esclarecer e educar essa comunidade (MIRANZI; PEREIRA; NUNES, 2010, p.66).

Este tipo de informação demonstra o quanto ainda é importante o cuidado e o acesso a medidas de prevenção e conscientização sobre esta doença que, sendo tratada, deixa de ser contagiosa e pode não ocasionar deformidades físicas.

2.1.2 Hanseníase no Rio Grande do Sul

Como dito anteriormente, supõe-se que a hanseníase tenha vindo para o Brasil através dos colonizadores europeus e se espalhou pelo País. Segundo Eidit (2004) acredita-se que um dos primeiros focos no Rio Grande do Sul ocorreu na cidade de Vacaria, que fica na região nordeste do Estado, nos Campos de Cima da Serra, é possível que a doença tenha sido trazida através das relações comerciais e migratórias com paulistas e com habitantes dos países que fazem fronteira com o Estado.

O Dr. Leônidas Soares Machado aponta para o fato que:

[...] dos 86 municípios existentes no Rio Grande em 1939 (em 1940 foram instalados mais os de Canôas e Sarandí), 45 já possuem leprosos confirmados e fichados e em

41 não foram confirmados casos de lepra, mas, destes 41 municípios, em alguns o censo ainda não foi feito. A realização do censo nesses municípios e uma apuração mais rigorosa nos municípios já com lepra, farão aumentar muito o número que serviu para este trabalho (MACHADO, 1940, p. 116).

No referido trabalho o autor aponta como os municípios com maior número de casos da doença as cidades de POA, com 61 (sessenta e um) casos, e Vacaria com 28 (vinte e oito) casos.

Com a disseminação da doença mais pessoas buscaram ajuda médica e doentes de diversas cidades do interior começam a se concentrar em frente aos hospitais da capital, muitos não tinham condições de retornar às suas cidades e acabavam ficando, sendo sustentados por doações ou esmolas:

Diante desta realidade, surgiram algumas associações e sociedades beneficentes que trataram de arrecadar recursos para a construção de instalações permanentes para os hansenianos. A partir da década de 1930, a parceria entre essas instituições e os órgãos públicos federais, estaduais e municipais, agilizou a construção de hospitais-colônias em vários estados do Brasil (FONTOURA; BARCELOS; BORGES, 2003, p. 399).

O início do processo, que anos depois ocasionaria na construção do HCI, se dá com uma sociedade beneficente criada em 1877 na cidade de Santa Cruz do Sul, iniciada pela comunidade de origem alemã da região. No ano em que se comemorou o centenário da imigração alemã, 1924, a comunidade resolveu promover uma ação que fosse pensada para as próximas gerações. Optou-se então pela criação de um hospital asilar voltado para os leprosos, originou-se a Sociedade Pró-Leprosário Rio-Grandense (FONTOURA; BARCELOS; BORGES, 2003).

Esta Sociedade adquiriu um terreno na periferia de POA, em Belém Velho, onde em 1940 instalar-se-ia o Hospital Amparo Santa Cruz, e “Em 1909, fora instalado um conjunto de pavilhões no arraial de São José, na periferia rural de Porto Alegre, que passou a ser denominado Hospital de Isolamento São José” (FONTOURA; BARCELOS; BORGES, 2003, p. 400). No ano de 1936 cria-se o Hospital de Emergência para Leprosos, sendo uma extensão do Hospital de Isolamento São José, casas para os lázaros a fim de isolá-los da cidade.

Surge um grupo em POA, liderado por Luiza Aranha – mãe de Oswaldo Aranha, na época embaixador do Brasil nos Estados Unidos – sensível à questão da construção de um leprosário. O Estado é envolvido e adquire uma fazenda no município de Viamão, em Itapuã,

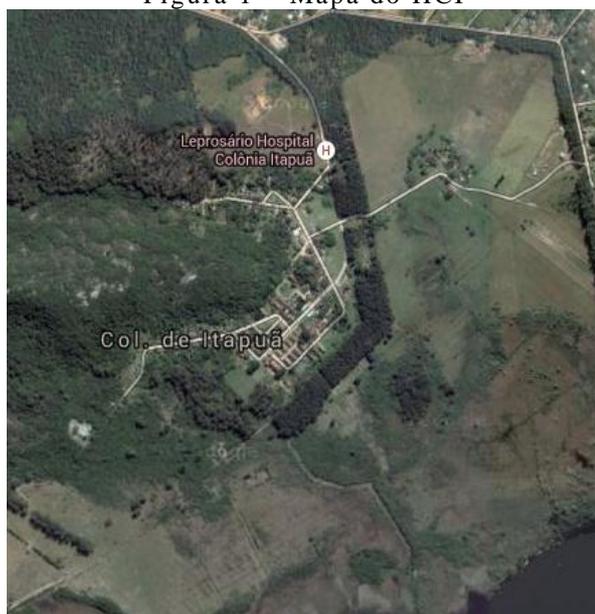
no ano de 1936. A escolha por este local de difícil acesso e afastado do perímetro urbano, ocorreu devido às medidas adotadas na época para isolar os pacientes, considerando que:

Tal medida havia sido sugerida nas chamadas Conferências Internacionais de Lepra: a primeira, realizada em Berlim no ano de 1897, havia proclamado a contagiosidade da doença; a segunda, em 1909, em Bergen reafirmou o que havia sido dito em Berlim e asseverou que o isolamento era a forma mais eficaz de evitar a propagação da doença. Como resultado dessa orientação, o Brasil construiu no período de governo de Getúlio Vargas (1930-1945) uma rede de mais de 30 instituições, presentes em todos os estados da federação (BORGES; SERRES, 2014, p.120-121).

A partir deste momento: “Técnicos do estado apresentaram a planta das futuras instalações, e o governo estadual assumiu o compromisso público com a manutenção do asilo” (FONTOURA; BARCELOS; BORGES, 2003, p. 401). Em 1937 começam as obras para a construção do Hospital. Sendo um dos últimos hospitais colônia do País, ele é inaugurado no dia 11 de maio de 1940, seguindo as medidas de isolamento para prevenção à hanseníase.

Como pode ser observado na figura 1, até hoje o acesso a este local é difícil e ele acaba ficando distante de regiões mais habitadas. Sua proximidade à Lagoa Negra e em uma área rodeada de árvores também se deve à política na qual foi construído, com intenção de que isto dificultasse a expansão da doença. Um aspecto que chama a atenção é a nomenclatura atribuída a este local na ferramenta “*Google Maps*” que o intitula como Leprosário Hospital Colônia Itapuã, fato que demonstra o quanto o estigma da lepra ainda é associado ao local.

Figura 1 – Mapa do HCI



Fonte: GOOGLE MAPS, 2015.

Poderíamos considerar espaços como estes, leprosários, uma medida do governo influenciada pelo conceito da eugenia⁷ que consiste no aprimoramento da espécie; medidas de reclusão semelhantes podem ser percebidas durante o nazismo. O intuito destes locais não era o de prolongar e aprimorar a qualidade de vida de seus pacientes, mas sim isolá-los do convívio social. No Brasil, chegou-se a cogitar medidas de esterilização, e o casamento entre hansenianos não era incentivado por medo da procriação, mesmo a doença não sendo hereditária.

Algo importante de se perceber, no que tange à evolução do tratamento para a hanseníase, na época em que o HCI foi inaugurado, é que:

Leprosário abre em 1940, nós não temos nenhum medicamento que possa ajudar, então na verdade, nós estamos tirando ele da sociedade para que não contage, e, botando num espaço fechado, mas nós não temos como ajudá-lo. Nós não temos medicamento para dar, nós meramente excluímos um doente, nós não estamos ajudando. (CAMELLO, 2015, inf. verb.).

Outro aspecto relevante sobre esta doença é indagado por Quevedo (2005), quando ele diz que:

[...] a partir do momento do diagnóstico da doença toda e qualquer forma de identidade original é perdida. A lepra tornou-se assim uma doença com a capacidade impar de transformar qualquer Homem, rico, pobre, branco, negro, alemão, italiano... em um “simples” leproso (QUEVEDO, 2005, p. 38).

Legitimando este aspecto apontado sobre a percepção que se tinha quanto a um doente portador de hanseníase, encontramos a fala da enfermeira Rita S. Camello que relata que “Os pequeninos, sete, oito anos estavam lá dentro, tu era um leproso.” (CAMELLO, 2015, inf. verb.). A partir dos trechos citados anteriormente percebe-se que os Hospitais Colônia não eram criados para o tratamento das pessoas com hanseníase, tendo em vista que ainda não havia sido descoberta a cura para a doença, mas sim um espaço para isolar os “leprosos” que passavam a carregar este estigma como sua própria identidade.

Contudo, mesmo com toda esta política de segregação dos doentes para o não contágio dos sãos, existia dentro do Hospital espaços de sociabilidade e como em qualquer ambiente,

⁷ Este termo foi desenvolvido por Francis Galton em 1883 e consiste na teoria do aprimoramento genético da espécie humana utilizando a seleção de características desejadas. Mais informações em: MELDAU, Débora Carvalho. Eugenia. *Info escola: navegando e aprendendo*. Disponível em: < <http://www.infoescola.com/genetica/eugenia/>>. Acesso em 26 de jun. de 2015.

aconteciam relacionamentos e, mesmo não sendo incentivados, ocorriam casamentos dentro do Hospital.

Figura 2 – Casamento realizado no Hospital

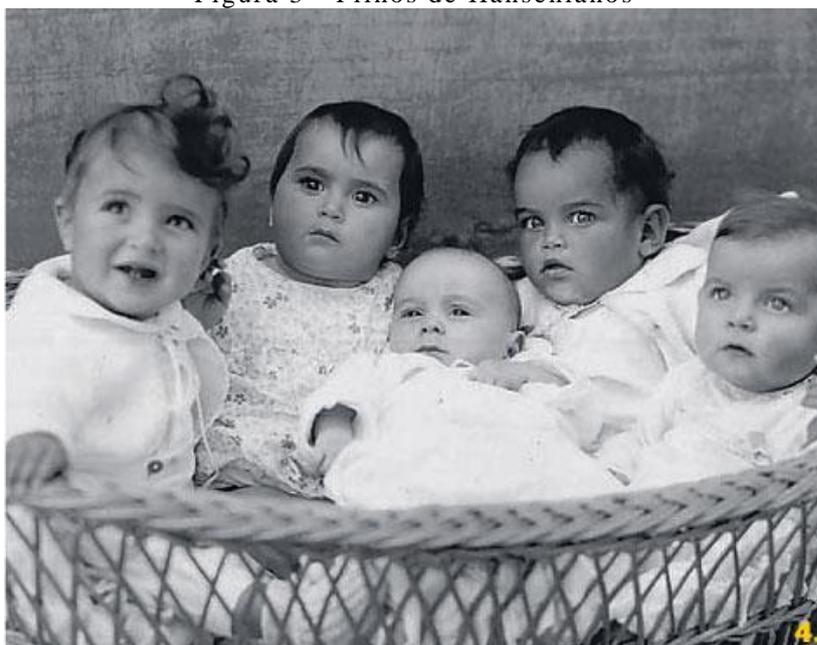


Fonte: Memorial HCI.

A partir destes relacionamentos dentro dos muros do Hospital nasciam os filhos destes pacientes que eram separados de seus pais logo ao nascer (Figura 3), pois:

Os bebês nasciam. A freira fazia o parto. Agora vamos entender uma parte, assim, existia a maca ginecológica, como todas. A parte de abdômen ficava, um vidro passava por aqui, imagina: fora da janela é onde fica o abdômen, uma meia janela em aberto, para que fique do abdômen para baixo, daqui eu faço o parto e retiro o bebê, porque eu sou a freira. No momento que eu retiro o bebê eu te mostro: “Estás vendo? Este é teu filho, estás vendo? É um menino.” Bom, só que esta mãe jamais punha a mão pela janela para tocar. [...] O Amparo é um instituição para receber todos os filhos de pais leprosos. [...] Uma vez por mês vinha um ônibus com as irmãs do Amparo trazendo os bebês no colo e de dentro do ônibus ela mostrava para os pais [...] (CAMELLO, 2015, inf. verb.).

Figura 3 - Filhos de Hansenianos



Fonte: BOTELHO, 2012.

Todas estas experiências e vivências precisam ser compartilhadas. Esta história, de uma doença que desfigura o doente, excluiu um grande número de pessoas e trouxe consigo estigmas historicamente construídos, que até hoje ainda revelam-se impregnados no imaginário popular. Deste modo, o HCI é um representante de um passado que faz parte da história da humanidade e de uma doença silenciosa que até hoje se propaga.

2.2 Hospital Colônia Itapuã: Patrimônio Cultural

Inaugurado em 1940, o HCI conta com 14 pavilhões, em uma estrutura de cidade, com fábrica de calçados, sabão e outros produtos; padaria; três igrejas, sendo elas, duas católicas (uma na área para os pacientes e outra para os funcionários) e uma luterana; duas escolas; casas separadas para os moradores que lá casaram; salão de jogos com cinema; praça; área médica que atendia não só os pacientes como a comunidade do entorno; e a casa das freiras (local onde hoje é o Memorial do Hospital).

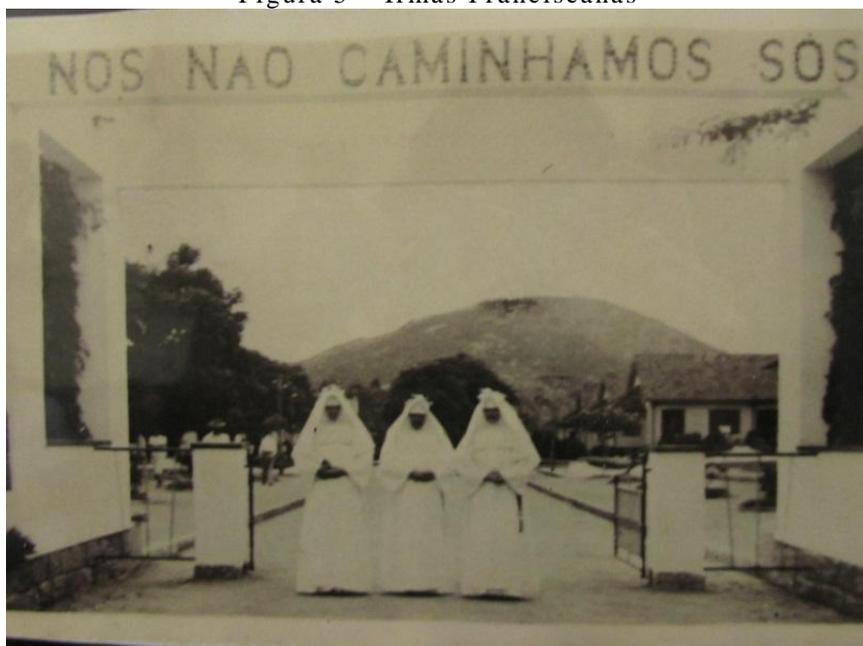
Figura 4 – HCI na década de 1940



Fonte: VIDAL, 2014.

Segundo Proença (2005), as Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã (Figura 5) foram responsáveis pelos cuidados com os pacientes e coordenaram diversas áreas do Hospital. Desde 1925, antes da existência desta instituição, elas foram encarregadas dos cuidados com os pacientes do futuro leprosário (Figura 6), e possuíam autonomia quase total, sendo subordinadas apenas ao Diretor Chefe que era o diretor e médico geral da instituição.

Figura 5 – Irmãs Franciscanas



Fonte: Memorial HCI.

Figura 6 – Atendimento no HCI



Fonte: Site do MUHM, 2012.

O internamento no Hospital era compulsório, ou seja, a pessoa diagnosticada com a doença hanseníase era levada a este local para ser isolada da sociedade com a intenção de evitar a proliferação desta enfermidade. Muitos ficaram lá até sua morte e estão enterrados no cemitério do local.

Figura 7 – Cemitério do Hospital Colônia Itapuã



Fonte: MEDEIROS, Nestor Ourique (2015).

Buscava-se que no ambiente do Hospital os pacientes/moradores pudessem viver suas vidas o mais próximo do normal. Dentro deste espaço eles usavam uma moeda própria feita

de latão – medida que também servia para prevenir possíveis fugas, já que eles não teriam dinheiro para escapar –, tinham um delegado e um prefeito escolhido por eles, assim fazendo suas próprias regras utilizando padrões semelhantes aos da sociedade da qual foram excluídos. Eram realizados casamentos, havia locais de sociabilidade, com cinema, cassino, campeonatos, entre outras atividades, além de fábricas para produção de produtos usados no cotidiano do Hospital, como sapatos, pães e sabão.

Figura 8 – Salão de Jogos



Fonte: MEDEIROS, Nestor Ourique (2015).

A instituição abrigou no total 2.470 (dois mil quatrocentos e setenta) pacientes com hanseníase durante seu funcionamento e, mesmo com o fim do internamento compulsório, até hoje alguns ex-hansenianos habitam o local. São no total 29 (vinte e nove) remanescentes, sendo que 14 (quatorze) deles moram nas antigas casas, 07 (sete) estão na enfermaria e 08 (oito) moram fora do Hospital, mas continuam sendo tutelados por ele e o Estado. É interessante notar que:

Com o avanço no tratamento da doença e a diminuição da sua incidência no Rio Grande do Sul, no final da década de 50, não se fazia mais necessário o internamento compulsório, que foi abolido por lei em 1954. Assim, os pacientes poderiam voltar a seus locais de origem. Isto levou a uma diminuição de pacientes, que passaram de 700 para 340, em 1960 (BARCELOS; BORGES, 1999-2000, p. 145).

Contudo, esta transição entre o isolamento e a vida em sociedade não ocorreu de forma fácil, de modo que após o fim do isolamento compulsório, os pacientes do HCI

voltaram aos seus locais de origem, porém: “Muitos retornaram à instituição, vítimas do preconceito, carregando um estigma que impossibilitava a reintegração social.” (BORGES, 2007, p. 110).

Segundo Santos:

O isolamento foi considerado extinto no Brasil em 1962 com a aprovação do decreto nº 968, de 7 de maio, embora alguns estados, como São Paulo, continuassem a manter as colônias em funcionamento. Na década de 1970, a Organização Mundial da Saúde recomendou o emprego da poli quimioterapia no Brasil e, paralelamente a isto, começou um movimento com o intuito de minimizar o preconceito e o estigma contidos no termo "lepra". Assim, oficialmente, no país foi abolido o uso da palavra lepra e seus derivados, passando a doença a ser designada como "hanseníase" (SANTOS, 2006, p.15).

Porém, até os dias de hoje, esta doença ainda carrega um forte estigma, sendo sinônimo de coisas ruins ou tendo sua existência ignorada, parece-me que este preconceito e este medo são tão presentes e enraizados em nossa sociedade que preferimos esquecer esta doença e considerá-la algo do passado. O fato de alterar o nome da doença, de lepra para hanseníase, aponta uma carga subjetiva, pois, é como se tudo o que ocorreu e todo o medo que a palavra carrega fossem substituídos por um novo conceito, que mesmo visando descaracterizar um estigma acaba desvinculando uma história e provocando seu possível esquecimento. Uma comparação interessante é a de que:

Podemos designar tais ex-pacientes como pessoas egressas do cárcere, pois haviam sido retiradas de seus locais de origem e obrigadas a permanecer em um mesmo espaço de forma compulsória por um longo período. Muitas destas pessoas que puderam sair do HCI não foram aceitas em suas comunidades de origem e acabaram voltando para o Hospital, constituindo-o em um espaço asilar. Entre os egressos que conseguiram se reintegrar, muitos tiveram que esconder o seu passado, o seu internamento no HCI (BARCELOS; BORGES, 1999-2000, p. 147-148).

Segundo Borges (2002), em 07 de julho de 1972, foram transferidos para o HCI 12 (doze) pacientes portadores de sofrimento psíquico vindos do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Este número logo subiu para 172 (cento e setenta e dois), assim, o local foi utilizado como CAR, e realizava a Laborterapia que: “[...] visava à recuperação através da reintegração do indivíduo ao mercado de trabalho, à medida que conseguiam arcar com sua subsistência e ainda produzir lucro [...]” (BORGES, 2002, p. 119).

Borges (2006) relata em seu artigo que a transferência dos pacientes do Hospital Psiquiátrico São Pedro gerou certo desconforto. Para os pacientes hansenianos era como se

sua casa estivesse sendo invadida sem o seu consentimento, foi feita inclusive uma cerca de arame que dividia o espaço dos antigos e novos pacientes do Hospital. A cerca também era percebida pelos pacientes psiquiátricos como: “[...] uma maneira de impedir sua livre circulação e fuga. Já para os atendentes do Centro Agrícola era uma forma de prevenção em relação à lepra.” (BORGES, 2006, p. 104). Esta divisa foi retirada no começo da década de 1990, porém: “[...] a linha imaginária que cortava o Hospital permaneceu por longos anos.” (BORGES, 2006, p. 104).

Atualmente, existem cerca de 39 (trinta e nove) pacientes na área psiquiátrica morando no HCI, eles eram provenientes de áreas rurais do Estado e seguiam alguns critérios de seleção:

[...] se estabelecia que o paciente fosse de origem rural; que tivesse algum contato com a família ou perspectivas de viver fora do ambiente hospitalar; que fosse do sexo masculino; que tivesse idade entre 18 e 45 anos; que apresentasse, preferencialmente, diagnóstico de esquizofrênico crônico (Critérios da Divisão Paineis do HPSP) (BARCELOS; BORGES, 1999-2000, p. 156).

Para problematizar o HCI e as exposições nas quais ele foi representado devemos antes abordar alguns conceitos que possibilitem compreender a importância deste espaço enquanto patrimônio cultural e lugar de memória.

Para perceber o que é patrimônio e patrimônio cultural, fez-se uso do entendimento de Maria de Lourdes Parreiras Horta e de Néstor García-Canclini. Segundo Horta (2000):

O termo “patrimônio” já indica o conceito inicial, na raiz da palavra - o que foi acumulado e herdado dos pais, dos ancestrais. Uma “herança” de conceitos, valores e práticas, representados concretamente por palavras, sons, ritmos, gestos, expressões faciais e corporais, rituais, histórias e lendas, tecnologias e práticas, imagens, coisas, artefatos, construções e monumentos (HORTA, 2000, p. 15).

Por esta perspectiva considera-se patrimônio o conjunto de bens e práticas herdados. Porém, devemos observar que, segundo García-Canclini (1994), as percepções quanto ao patrimônio cultural estão sendo modificadas, hoje são considerados como tal a cultura popular e o patrimônio imaterial, não apenas os bens materiais e as expressões tradicionais. No que tange ao HCI, é interessante notar que estas novas concepções quanto ao patrimônio, proporcionam um novo significado ao local que, apesar de ser um bem material e ter suas especificações arquitetônicas, é permeado de histórias e trajetórias das pessoas que ocupavam este espaço para serem “esquecidas” pela sociedade. Garcia-Canclini afirma que:

[...] os capitais simbólicos dos grupos subalternos têm um lugar subordinado, secundário, dentro das instituições e dos dispositivos hegemônicos. Por isso, a reformulação do patrimônio em termos de capital cultural tem a vantagem de não representá-lo como um conjunto de bens estáveis e neutros, com valores e sentidos fixos, mas sim como um processo social que, como o outro capital, se acumula, se renova, produz rendimentos de que os diversos setores se apropriam de forma desigual (GARCÍA-CANCLINI, 1994, p. 97).

Desta forma, observamos que o Hospital pode ser um espaço dinâmico, mesmo tendo seus limites físicos, as memórias e as apropriações que o ser humano faz dele podem refletir em seu dinamismo, e creio que nada melhor para abranger tais transformações e trocas do que o espaço museológico. Nesse sentido, utilizou-se o Memorial como um espaço para o questionamento e a interação dos diversos sujeitos que fazem ou fizeram parte deste ambiente.

É interessante notar que esta política do esquecimento se repete quando tocamos no tema dos Hospitais Colônia, é provável que muitos moradores do Estado e da região metropolitana de POA, nem saibam de sua existência, e mesmo o poder público passa a ignorar este passado, não cuidando do patrimônio a ponto que ele seja ocupado pela população em busca de moradia ou tão sucateado que seu espaço possa ser vendido. Em qualquer uma destas possibilidades a sociedade perde. Perdem-se lembranças, vivências, novas possibilidades para a instituição e um espaço vivo de memória, segundo Serres:

Pensar a preservação de edificações hospitalares, como testemunhos de narrativas históricas, não é apenas desejável, como imprescindível. [...] Os edifícios hospitalares traduzem em sua concepção arquitetural as diversas funções da instituição a longo do tempo, de espaços de acolhimento social e espiritual, como inicialmente eram as Santas Casas de Misericórdia a espaços de conhecimento médico científico como testemunham os edifícios construídos em sistema pavilhonar. Ainda que em muitos casos, esses hospitais tenham perdido as funcionalidades iniciais, pela monumental idade de muitas dessas construções, inúmeras sobreviveram até presente. Porém, importa não apenas preservar o patrimônio arquitetônico de tais instituições, em muitos casos com novos usos contemporâneos, mas a história que abrigam entre suas paredes internas, corredores, enfermarias, salas cirúrgicas, pátios, locais de convívio. [...] O patrimônio hospitalar portanto, é formado por uma diversidade de elementos, desde os arquiteturais até documentos textuais e iconográficos que permitam preservar a memória dessas instituições e seus usuários (SERRES, 2013, p.02-03).

O HCI seja por suas características materiais – estrutura, arquitetura e objetos – ou imateriais – vivências, histórias e memórias –, representa um patrimônio para o Estado do Rio Grande do Sul, ele é símbolo de uma época, representa o estigma de uma doença e a vida dos que por ali passaram. Considerando que:

Concebemos como patrimônio os elementos da cultura que ajudam a ligar uma comunidade com o seu passado tanto do ponto de vista imaterial (costumes, festas, rituais) como do ponto de vista material (bens móveis ou imóveis). Desta forma, cresce a importância da cidade e sua conservação como parte do patrimônio fundamental para a sociedade contemporânea (XAVIER, 2010, p.260).

Segundo Horta (2000):

Há muito mais objetos patrimoniais fora dos museus do que dentro deles... As “paisagens objetuais” contemporâneas podem ser fonte de exploração e de conhecimento sobre nossos padrões de cultura, os nossos conflitos e fracassos, os nossos valores e sucessos (HORTA, 2000, p. 20).

Sendo assim, compreendemos o Hospital também como um lugar de memória, conceito de Pierre Nora que consiste na ideia de que:

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional simultaneamente, somente em graus diferentes. [...] É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólico por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p. 21-22).

Figura 9– Visão Panorâmica Casa dos moradores e Antiga Igreja Evangélica



Fonte: MEDEIROS, Nestor Ourique (2015).

Este lugar é formado pelas histórias de vida de muitas pessoas, possuindo mais um elemento descrito por Nora, ao definir lugar de memória e que reflete um pouco sobre o ambiente do Hospital, posto que:

[...] a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, é fixar um estado das coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1993, p. 22).

Apesar de ser um local que parece preso ao passado, até hoje esta medida de prevenção contra a lepra ressoa nas lembranças e no vazio sentido por muitas famílias. Hoje este Hospital ganha novos significados, como um local de memória, de perda, de reclusão e também como um espaço de luta por direitos. Este último elemento pode ser exemplificado pelo movimento organizado pelos filhos de pacientes do Hospital que foram excluídos do convívio familiar e que hoje pedem indenização ao Estado. A Relações Públicas, Lia Conceição Mineiro de Souza Magalhães aponta que:

Ficou as marcas, hoje existem movimentos para a defesa daqueles que sofreram pela adoção desta política que criou o Colônia Itapuã. Realmente foi uma política difícil, a gente reconhece, mas como sanitarista eu também reconheço que foi uma medida, naquela época não se tinha informação, tratamento, alternativas de tratamento que pudessem ser eficazes para curar a hanseníase. (MAGALHÃES, 2015b, inf. verb.).

Como foi dito anteriormente, o Hospital é uma lembrança viva, um lugar de memória, um espaço onde o tempo “parou”, poderia servir como local de ensino trabalhando seus aspectos arquitetônicos, assim como as medidas de saúde a qual está associado ou à sua representação histórica. Este local também poderia se transformar em um ecomuseu, sendo este:

[...] uma instituição museal que associa ao desenvolvimento de uma comunidade a conservação, a apresentação e a explicação de um patrimônio natural e cultural pertencente a esta mesma comunidade, representativo de um modo de vida e de trabalho, sobre um dado território, bem como a pesquisa que lhe é associada. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 66).

Entre diversas possibilidades para o futuro deste espaço o que não poderia acontecer é o seu esquecimento, seguindo esta perspectiva é importante ressaltar que:

A educação patrimonial é uma ação fundamental para a preservação do patrimônio. A não realização repercute de forma negativa, pois se torna difícil obter o apoio da sociedade para a preservação destes bens, uma vez que ela, por desconhecimento quanto à importância deles para a manutenção da memória coletiva, não valoriza, e principalmente, rejeita as medidas de preservação impostas pelo poder público (MEDEIROS; SURYA, 2012, p. 300)

Posto que para a preservação de determinado patrimônio, se torna necessário um trabalho de identificação e conscientização de sua importância, pois:

Quando a população se apropria e se reconhece nos bens culturais eleitos como representativos da nação, torna-se mais fácil atuar com políticas de preservação. Portanto, trabalhos de educação patrimonial que atuem na conscientização da população para a proteção do patrimônio são essenciais nas políticas de preservação (MEDEIROS; SURYA, 2012, p. 300).

Compreende-se a educação patrimonial como “[...] o processo permanente e sistemático de trabalho educativo, que tem como ponto de partida e centro o Patrimônio Cultural e todas as suas manifestações.” (GRUNBERG, 2007, p. 05). Deste modo, evocar o HCI segundo esta perspectiva, pode ampliar a discussão quanto às medidas de saúde pública utilizadas na época de sua criação, o estigma trazido por esta doença e a conscientização da importância de se preservar esta estrutura como um marco histórico. Além do incentivo de fazer a comunidade, tanto próxima ao Hospital como no restante do Estado, se apropriar deste espaço, compreender a dinâmica e a função desta instituição.

Ações de educação patrimonial poderiam surgir como extensões do Memorial, proporcionando atividades educativas possibilitando ao visitante conhecer de forma interativa a história do Hospital. Jogos como quebra-cabeça, jogo da memória ou caça ao tesouro – quando bem contextualizados com a trajetória que envolve o espaço – podem atrair o público infante-juvenil em atividades lúdicas que gerem a conscientização e a apropriação deles com este patrimônio. No momento em que há incentivo para a realização de tais intervenções no ambiente do Memorial e do Hospital, podem surgir inúmeras atividades que despertem o interesse do público do entorno a redescobrir este lugar.

Deste modo, outra abordagem interessante que poderia ser realizada – em conjunto com a educação patrimonial – para a permanência e o fortalecimento do HCI enquanto patrimônio seria o fomento do turismo cultural. Tendo em vista o que é apontado por Brusadim (2012), sobre uma tendência quanto à procura pelo turismo cultural, histórico e artístico, ocasionando no que ele aponta, no turismo dentro das grandes cidades, como “[...] o

ressurgimento da figura do *flâneur*, que caracterizou o final do século XIX [...]” (BRUSADIN, 2012, p. 41). O autor afirma ainda que:

As tendências internacionais, particularmente aquelas verificáveis na União Européia, indicam que, com o esgotamento do paradigma industrial e o desemprego, a parceria planejada e bem gerenciada entre patrimônio e turismo é uma alternativa eficaz, com a criação de novos postos de trabalho (BRUSADIN, 2012, p. 44).

Seguindo este ponto de vista, o local – considerando suas belezas naturais, tendo em vista sua proximidade com o Parque Estadual de Itapuã –, a história e a arquitetura relacionados ao Hospital ocasionariam em um ambiente passível de ser inserido na perspectiva turística sem que houvesse perdas de seu significado ou de sua estrutura. Possibilitando ainda a geração de renda e a apropriação da comunidade por este espaço. Neste ponto faço minhas as palavras de Brusadim (2012) que coloca que:

Partindo da premissa de que o patrimônio cultural insere-se em processo histórico que visa à perpetuação da memória coletiva e, conseqüentemente, de dado processo identitário, pensamos o turismo cultural como forma de valorização patrimonial, desde que haja planejamento necessário para sua utilização. O que se defende aqui é a integração dessas ações por meio do trabalho interdisciplinar que envolva profissionais ligados ao Turismo e à História, proporcionando uma ação em que os bens patrimoniais que refletem sobre a experiência preservadora possam contribuir para uma intervenção prática reflexiva (BRUSADIN, 2012, p. 44).

Acrescento ainda a importância de profissionais da área de Museologia desenvolvendo a perspectiva patrimonial seja dentro do espaço do Memorial ou problematizando o Hospital como uma herança a ser preservada. Uma de minhas maiores preocupações é que a falta de uso e manutenção do Hospital, além de uma possível tendência histórica do apagamento de memórias ligadas ao sofrimento e perda dos bens – materiais e imateriais – que as representem, possa ocasionar em um uso deste local para venda ou sua gradual deterioração (Figura 10).

Figura 10 – Antiga Casa do HCI



Fonte: MEDEIROS, Nestor Ourique (2015).

Para que esta instituição possa ser considerada como um patrimônio cultural é necessário que ocorra o processo de patrimonialização, este acontece à medida que a sociedade percebe sua importância, pois:

[...] se aceitamos que o patrimônio representa o resultado de um processo fundado sobre certo número de valores, isso implica que são esses mesmos valores que fundam o patrimônio. Tais valores justificam a análise, bem como – por vezes – a contestação do patrimônio. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 76).

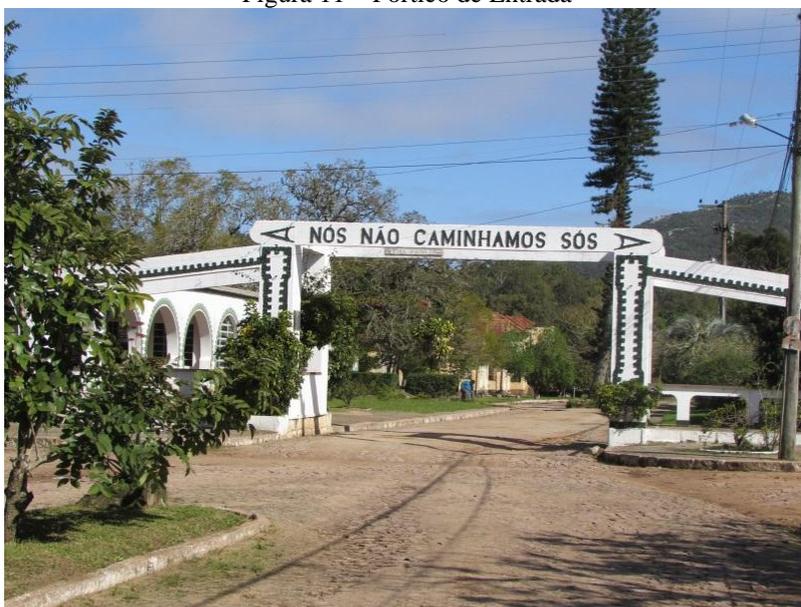
Deste modo, podemos considerar as exposições como uma medida favorável para que aconteça este processo de apropriação e de identificação da sociedade para com o HCI, enquanto patrimônio cultural. Ações como as exposições que abordam esta trajetória tornam-se fundamentais, pois possuem o intuito de disseminar conhecimento sobre esta instituição e as histórias de vida das quais ela foi ou é parte.

A fim de que estas memórias e trajetórias de vida não fossem apagadas ou esquecidas, foram realizadas algumas exposições que abordam o HCI dentro de suas narrativas. Porém, vale lembrar que todo este processo de estudo, coleta de acervo, desenvolvimento de material bibliográfico e a montagem expográfica resultantes destes processos, obtêm sua função legitimada pela existência desta instituição e a continuidade do trabalho que ela até hoje executa junto aos seus pacientes. Estas exposições são um reflexo da importância e da diversidade de histórias e temas que podem ser evocados a partir desta instituição.

3. NÃO CAMINHAMOS SÓS

A frase enigmática que ganha notoriedade ao adentrarmos na área suja⁸ do HCI e que diz: “Nós não caminhamos sós” (Figura 11), pode ser analisada de diversas formas quando refletimos sobre todo o sentimento de perda e de rejeição que as pessoas levadas ao local devem ter presenciado. Sendo assim, as exposições que foram criadas e que contam esta história podem ser vistas como uma espécie de tentativa de reparação sob os danos que esta política de isolamento acarretou.

Figura 11 – Pórtico de Entrada



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Uma exposição é mais do que simplesmente mostrar algo, abordar um tema ou contar uma história, eu a comparo com o ato de assistir um filme, adentrando em uma narrativa num cenário cuidadosamente montado visando representar algo. Ou seja, a exposição deve construir a narrativa e a ambientação necessárias para que o visitante possa sentir-se inserido naquele universo.

O museu é a instituição na qual a maioria das exposições ocorre, o que não significa que elas sejam exclusividade deste ambiente. Dentro da perspectiva museal a exposição será o meio que possibilita a divulgação do trabalho desenvolvido por esta instituição, este consiste na Museografia “[...] termo que engloba todas as ações práticas de um museu [...]” (CURY, 2006, p. 27) – coleta, pesquisa, documentação, conservação e divulgação de informações, muitas vezes provenientes de análise do acervo, pertinentes à missão do museu. A exposição

⁸ Área suja e área limpa são termos usados informalmente para diferenciar o ambiente usado pelos pacientes hansenianos (área suja), dos locais em que os funcionários que trabalhavam no Hospital moravam (área limpa).

seria uma porta para a comunicação entre instituição e comunidade na qual ele está inserido, para isso é necessário fazer uso da expografia que “[...] abrange os aspectos de planejamento, metodológicos e técnicos para o desenvolvimento da concepção e materialização da forma [...]” (CURY, 2003 *apud* CURY, 2006, p. 27). Sendo assim Scheiner (2002) afirma que o museu é:

[...] uma poderosa construção sgnica, que se constitui e institui a partir de percepções identitárias, utilizando os jogos de memória e expressando-se sob as mais diferentes formas, no tempo e no espaço. [...] Mais do que representação, **o Museu será portanto criador de sentidos, na relação:** dos sentidos que percolam essas sensações, atos e experiências. E é desses sentidos que o Museu constrói o seu discurso, veiculado para a sociedade essencialmente através da exposição (SCHEINER, 2002, p. 96. Grifos da autora).

Por meio da exposição, temos acesso a uma versão da realidade e ela pode influenciar o visitante em sua percepção quanto ao tema proposto, pois “[...] se uma exposição tem um sentido, esse sentido pressupõe uma relação não só entre quem a realiza e quem a “consume”, mas entre o objeto mesmo e quem o lê” (GUARNIERI, [1986], 2010, p.139). Posto que todas as pessoas tenham uma visão particular do mundo, ao observar uma exposição o visitante estará interagindo com a sua realidade e as informações apresentadas por este espaço, que por sua vez, são as representações escolhidas por um grupo que pensou este ambiente. Sendo assim, em diversas ocasiões o visitante pode observar a mesma exposição, os mesmos objetos, realizar a mesma trajetória que outro indivíduo e cada um verá uma “exposição diferente”. Assim como podemos observar a mesma exposição e em cada visita obter uma nova perspectiva, como num filme, quando mais vemos mais detalhes perceberemos.

É fundamental entender também que “Cada exposição representa, ainda, aspectos da visão de um mundo dos grupos sociais aos quais se refere, expressando, em linguagem direta ou metafórica, os valores e traços culturais desses grupos” (SCHEINER, 2002, p. 97). Seguindo esta lógica, Soares (2012) compara o museu e o teatro, trazendo as exposições para o panorama das performances, ele afirma que:

[...] depois que um objeto é removido de um contexto anterior ele adentra o cenário do museu, uma grande parte do seu passado é deixado para a imaginação. Logo, a musealização é muito mais um processo subjetivo do que objetivo. [...] O que os museus musealizam, em última instância, não é a coisa em si, mas todas as relações que ela pode encenar, e os valores produzidos nessas performances (SOARES, 2012, p. 196).

Um dos objetivos principais do espaço museal é preservar a memória, sendo assim, pode-se caracterizar as exposições que foram desenvolvidas e que abordaram o Hospital, como espaços onde o fato museal ocorre. Fato museal é um conceito de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri que afirma que ele representa “[...] a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto, parte da realidade à qual o homem igualmente pertence e sobre a qual tem o poder de agir” (GUARNIERI, 1981 *apud* GUARNIERI [1983], 2010, p. 127.).

No caso de exposições com um tema social, assim como o HCI, se não houver esta ligação simbólica entre o artefato e a trajetória da comunidade este item não terá sentido, pois é necessário que ele pertença ao contexto ao qual está sendo projetado. Os autores, Laplantine e Trindade (1996), afirmam que o imaginário encontra-se dentro do conceito de representação, porém a representação é baseada em algo, enquanto o imaginário nem sempre possui uma lógica, e ele difere da imaginação por possuir caráter afetivo. Ao apresentar o exemplo da percepção que se tem de uma universidade para diferenciar representação de imaginário os autores colocam que:

Essa instituição consiste não apenas da representação que temos de universidade, mas ao aspecto contido nas narrativas históricas sobre as origens da construção do saber instituído e aquilo que foi idealizado como sendo uma universidade mais os nossos sentimentos, valores, emoções e expectativas que temos em relação a ela (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996, p. 28)

É necessário compreender que a exposição consiste em escolha, recortes, o destaque de aspectos que pareçam fundamentais para que se conte uma história, a qual estes objetos representam. Contudo, nas exposições que trabalham o Hospital há mais um ponto que pode influenciar nestas escolhas, este é o imaginário, pois este local faz parte do imaginário regional, caracterizado pelo estigma da hanseníase e pelo isolamento imposto aos doentes. Tendo em vista que:

A razão encontra-se no imaginário e no sentido da lógica interna, que não é contrária ao real, mas que, como um caleidoscópio, recria, reconstrói, reordena e reestrutura, criando uma outra lógica que desafia a lógica formal. Nesse sentido, o imaginário é um processo cognitivo no qual a afetividade está contida, traduzindo uma maneira específica de perceber o mundo, de alterar a ordem da realidade (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996, p. 28)

A mensagem que o museu visa comunicar através das exposições se expressa por meio de bens culturais, em geral materiais, que se propõe a representar um discurso. Um objeto, antes com uma função de uso ganha novo significado quando é exposto, ele passa a não ser

somente um bem material, mas sim um dispositivo de memória, que tem por intuito evocar um tempo e representar uma história. Neste sentido observo que:

Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A idéia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença. (PESAVENTO, 2003, p. 40).

Dentro da exposição um objeto não é ele em si, é representação, entendendo que: “Aquilo/aquele que se expõe – o representante – guarda relações de semelhança, significado e atributos que remetem ao oculto – o representado” (PESAVENTO, 2003, p. 40). Então quando um item é selecionado, a intenção por trás desta escolha é a de possibilitar que através desta materialidade o visitante possa perceber a mensagem que se pretende transmitir através da exposição, pois:

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internacionalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão (PESAVENTO, 2003, p. 41).

Desenvolver uma exposição é trabalhar com narrativas e dentro delas fazer uso de representações. É uma atividade complexa que envolve os objetos que a constituem de forma objetiva – a percepção de sua materialidade –, e subjetiva – forma como o visitante e o curador irão compreender e se relacionar com o ambiente montado. Tendo em vista que:

La exposición se entiende como um contexto y los objetos están allí como parte de un conjunto al que cada objeto contribuye a dar su sentido por las relaciones que establecen entre si, y a su vez, cada objeto adquiere su sentido como parte del conjunto. Son estas relaciones intencionadas las que dan un sentido determinado a cada objeto y los conjuntos de objetos y, por tanto, las que constituyen la trama de la exposición (GARCÍA-BLANCO, 2009, p. 114).

Em uma exposição que visa mostrar a relação construída e a significância do HCI, o subjetivo, os valores imateriais agregados a esta trajetória estarão sempre presentes, cabe descobrir se o visitante também irá se apropriar e se identificar com tal trajetória através das escolhas expográficas realizadas.

3.1 HCI em cena: Narrativas Expográficas sobre o Hospital Colônia

Preservar e ver o HCI como um patrimônio é fundamental, pois: “As antigas colônias precisam ser desestigmatizadas, mas não pela destruição e pelo conseqüente esquecimento, e sim pela compreensão dos processos dos quais são resultado” (BORGES; SERRES, 2014, p.129). Para que esta compreensão seja possível e esta memória não seja esquecida, foram realizadas exposições que contam um pouco desta história, visando difundir e comunicar as experiências vividas no Hospital. Portanto, a missão destas exposições também é a de desmitificar o imaginário carregado de preconceitos formulado sobre este local e sobre a doença hanseníase, ao mesmo tempo em que visa dar voz àqueles que vivenciaram este lugar – considerando que várias das exposições usaram como fonte informacional as falas dos moradores da instituição. Deste modo:

O patrimônio histórico não significa tão somente o que passou, porque está integrado ao presente, e a própria memória, quando elaborada, experimentada e vivenciada, está integrada ao presente. A função do patrimônio histórico é a de ser instrumento de contato, difusão e relação com a memória ao mesmo tempo em que também se torna memória do tempo (SANTANA, 2011, p.29).

A função do museu é ser um espaço destinado à informação, à comunicação, e esta é feita junto à preservação, estas ações legitimam a importância e embasam a escolha dos objetos ou das narrativas que são apresentadas. Um museu não é somente um espaço para coisas antigas que remetam ao passado, mas sim, um ambiente propício à reflexão e à educação, podendo ser interativo, acolhedor, destinando-se também ao entretenimento e à troca de conhecimento entre visitante e instituição. Portanto, é necessário:

Estabelecer nos museus fóruns de discussões, fomentar a interação entre grupos que possam ter pontos de contato e de diálogo e criar laços de afinidade e de apropriação em relação ao museu. Na atualidade, não se pode fazer um museu somente centrado nos objetos, já que seus significados são atribuídos pelas pessoas, individualmente. Do ponto de vista comunicacional é preciso encenar o desafio de aprender a lidar com essa teia de sentidos e significados, uma vez que os museus se colocam como cenário para a relação entre o Homem e o Objeto (SANTANA, 2011, p. 35).

Nos museus, muitas vezes, há uma carga de seriedade e de comprometimento com a relação homem/objeto deixando escapar a relação homem/contexto – e por contexto me refiro ao tempo e espaço no qual estamos inseridos e que nos afeta cotidianamente – falta a troca com o entorno, com a comunidade, na busca por saber o que lhes aflige, comove e como fazer o museu transparecer e transbordar o ser humano, sua vida, sua história, suas dores e alegrias.

Seguindo esta lógica, a função dos museus e de suas exposições pode ser exemplificada no seguinte texto:

[...] Mnemósyne, mãe das Musas – e dos museus – era capaz de abraçar com seu olhar o passado, o presente e o futuro. Existe também uma globalidade do tempo: se o objeto do museu nos conta uma história (o que por outro lado não é mais do que sua função primária), ao mesmo tempo nos formula perguntas (e aí reside a sua força), em razão da dupla instantaneidade da sua presença e da nossa (BELLAIGUE. 2009. p.88)

Estas seriam as funções dos museus, contar histórias e formular perguntas, fazer o homem se questionar sobre seu passado ao mesmo tempo em que possa refletir quanto a seu presente e em como este afetará seu futuro. E esta função, apesar de ser museal, não necessariamente se desenvolve entre as “paredes” de um museu.

O principal meio de comunicação de um museu são as exposições que ele promove, contudo quando falamos do HCI não podemos dizer que todas as exposições ocorreram em museus, pelo contrário, apenas uma delas foi realizada neste tipo de instituição, mas isto não retira seu caráter museológico. Porém, devemos levar em consideração que:

Quando se pretende escrever um texto para uma exposição tem que ter em conta os seguintes aspectos: o tema a que a exposição está subordinada e a instituição que a acolhe. Ter-se-á, pois, que tomar, em primeiro lugar, uma decisão sobre qual é o posicionamento conceptual de prática museológica que melhor se adequa ao desenvolvimento do tema da exposição, no contexto do posicionamento conceptual da instituição que a acolhe (CORTEZ, 2010, p. 03).

Portanto, a tendência é de que mesmo se as exposições possuíssem o mesmo tema, elas ganhariam formas e olhares distintos de acordo com o ambiente e recorte proporcionados. Considerando que o homem é “[...] um projeto inacabado, em constante evolução [...]” (GUARNIERI, [1983], 2010, p. 128), a relação entre homem e objeto se dá pelo intermédio do museu que é “[...] a condição na qual o fato museal se realiza e é percebido.” (GUARNIERI, [1983], 2010, p. 128). Apesar do espaço do Hospital demarcar um território e uma realidade temporal, a qual ele pertence, é apenas através da sua relação com o homem que ele ganha significado e esta relação é reforçada e legitimada por meio do ambiente museológico que se empenha em expor e salvaguardar esta história.

No caso do Hospital ele é um objeto, ao mesmo tempo patrimônio e lugar de memória, portanto o fato de uma exposição ser, ou não, realizada no local modifica o olhar sob a mesma, já que sua dinâmica muda, assim como a experiência dos que a presenciam.

A exposição “HCI: 60 Anos de História” é a primeira exposição, da qual eu possuo conhecimento, que foi realizado utilizando como tema o Hospital. Ela foi montada no ano 2000 com o objetivo de comemorar o aniversário de 60 (sessenta) anos da inauguração do HCI, em princípio ela ocorreu nas dependências da instituição, sendo formulada apenas com *banners*, porém, era uma exposição itinerante. Lia Conceição Mineiro de Souza Magalhães, funcionária do Estado que auxiliou neste período, fala que:

Leprosário era um local de afastamento, que ninguém podia chegar perto, e isso ficou. Então, por mais que a gente, até os 60 anos fizesse um trabalho e falasse do Hospital Colônia Itapuã, ainda não se tinha feito nenhum trabalho de homenagear essa instituição. Homenagem pelo trabalho que ainda era feito, porque os hospitais do Estado, incluindo o Colônia, nenhum teve interrupção dos trabalhos desde a sua fundação. O Hospital Colônia existe, ainda trata os ex-hansenianos que ainda estão lá [...] (MAGALHÃES, 2015b, inf. verb.).

Segundo Quevedo (2005), a exposição “HCI: 60 Anos de História” se constitui a partir do trabalho desenvolvido pelo Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOPE), que funcionava nas dependências do HCI e teve a participação de voluntários do curso de graduação em História da Universidade de Santa Maria. Segundo Serres (2013), este centro funcionou desde 1999 e buscou recolher, organizar, preservar, pesquisar e disseminar as informações produzidas pelo Hospital utilizando como base seu acervo bidimensional (documentos institucionais, fotografias, material bibliográfico, etc.) e tridimensional (objetos). Ele iniciou “[...] vinculado ao Ceids (Centro Estadual de Informação e Documentação em Saúde do Rio Grande do Sul), o Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital Colônia Itapuã (Portaria 20/99, 22 de novembro de 1999)” (SERRES, 2013, p. 05).

Este projeto também visava o contato com os moradores do Hospital a fim de recolher informações através da metodologia de história oral, contudo seu funcionamento constante ocorreu de 1999 a 2001, após isto, passou por diversos períodos de fechamento. O MUHM no ano de 2005 teve interesse em fazer uma parceria para a revitalização do CEDOPE. Em 2007, outro projeto, promovido pela Universidade de Oxford, o Projeto Global sobre a História da Hanseníase, também tentou reativá-lo.

Quanto ao trabalho desenvolvido pelo CEDOPE, para a coleta de acervo e montagem desta exposição, Éverton Reis Quevedo, na época um dos voluntários do projeto, comenta que:

Naquela época o Hospital tinha um pouco mais de pacientes, hoje tem muito pouquinhos, [...] naquela época ele tinha ainda uns oitenta, faziam aquelas reuniões,

botavam todos no Auditório, conversava com todo mundo, então todo mundo ficava sabendo, nos apresentaram para todo mundo: “esses são os pesquisadores que vão conversar com vocês”. Então as pessoas nos recebiam bem, porque elas estavam sabendo que estaríamos ali para isso. (QUEVEDO, 2015, inf. verb.).

A primeira entrevista que realizei referente a esta exposição foi no dia 01 de setembro de 2015, com o senhor Dennis Guedes Magalhães e com a senhora Lia Conceição Mineiro de Souza Magalhães, dois funcionários do Estado, formados em Relações Públicas, são responsáveis por assessorar os hospitais estaduais, seu envolvimento com a exposição *HCI – 60 Anos de História* se deu através de sua formação profissional, participando da divulgação e contribuindo para a identidade visual.

Segundo os entrevistados a exposição “HCI – 60 Anos de História” ocorreu em função do aniversário da instituição e foi concomitante à 3ª Conferência Estadual de Saúde. Esta exposição foi desenvolvida para ser itinerante, pois era constituída de *banners* em uma estrutura de metal, madeira e vidro, que contavam a trajetória do Hospital (Figura 12). O *folder* desta exposição foi digitalizado por Éverton Reis Quevedo e encontra-se no Anexo I.

Figura 12 – Painel da Exposição “HCI – 60 Anos de História”



Fonte: SERRES, 2013, p. 10.

O intuito de fazer esta exposição, segundo Lia Conceição Mineiro de Souza Magalhães, foi porque:

O Colônia naquela época [...] o que a gente pensou foi o seguinte: o Hospital Colônia tinha que aparecer de alguma forma. Porque a lembrança que a gente tinha, que todos tinham, que a população tinha do Colônia era do Leprosário, mas ninguém conhecia, ou poucas pessoas conheciam a história. Fica um mito, uma coisa, saber que era triste, saber que era uma história horrível porque as pessoas tinham medo de

ir para lá. [...] Nós tínhamos que mostrar toda aquela história, que eram pessoas que viviam uma sociedade que pela política de saúde que foi implantada na época, aquela, naquele momento foi a solução dada pela saúde pública. (MAGALHÃES, 2015b, inf. verb.).

No dia 05 de outubro de 2015 conversei com Éverton Reis Quevedo, ele participou da pesquisa e montagem desta exposição que ocorreu em 2000, em sua entrevista ele relata que:

O norte todo da atividade era trabalhar com o que já estava lá, com aquela documentação toda que estava lá, e, é claro, a partir dessas entrevistas, dessas conversas, buscar mais materiais [...] as fotografias a gente foi buscar com as pessoas, nesse processo de interação com elas, elas gostavam da ideia e nos recebiam muito bem e doavam esse material.[...] Infelizmente, nas outras gestões do Estado o CEDOPE foi deixado de lado e muitas dessas pessoas foram lá e buscaram suas fotos de volta. [...] estava fechado, desarticulado, ninguém sabia mais o que fazer [...]. (QUEVEDO, 2015, inf. verb.).

A partir do material desenvolvido para esta exposição foi realizada, em 2007, outra exposição itinerante intitulada “A História da Saúde Pública no Rio Grande do Sul sob a Ótica dos Hospitais Estaduais”. Lia Magalhães comenta que “A história passou a ser nosso carro chefe, eu acho, dentro dos Hospitais, porque é inegável a importância dessas instituições dentro da saúde pública” (MAGALHÃES, 2015b, inf. verb.). Esta exposição foi apresentada através de *banners* contando a história dos hospitais estaduais, entre os quais estava o HCI. Eram feitos textos sobre cada instituição contando sobre sua origem e o trabalho que desenvolve atualmente, estes textos podem ser vistos no Anexo II. Eu não possuía conhecimento sobre esta iniciativa até o dia em que realizei a entrevista com Dennis e Lia Magalhães, o que ocasionou em uma parca quantidade de informações.

No ano de 2012 foi organizada uma nova exposição que abordou o HCI dentro de sua narrativa expográfica, esta iniciativa foi organizada pelo MUHM, a exposição se intitulava “Da Lepra à Hanseníase”. Para descobrir mais informações sobre esta exposição visitei no dia 16 de julho de 2015 a reserva técnica deste Museu, onde fui recebida no local por dois estagiários que são meus colegas no Curso de Museologia, Carina Kaiser Miranda da Silva e Zíngaro Homem de Medeiros, porém, não encontrei material que me auxiliasse a compreender como foi desenvolvida e realizada a exposição. Contudo, no Anexo III e IV estão, respectivamente, o convite e o material de divulgação desta exposição.

Figura 13 – Banner de Divulgação



Fonte: BLOG HOSPITAIS ESTADUAIS, 2012.

De acordo com a entrevista realizada no dia 05 de outubro de 2015 com o diretor técnico do MUHM, Éverton Reis Quevedo, a iniciativa para esta exposição surgiu para utilizar o conhecimento que eles já possuíam sobre o HCI – considerando que sua dissertação de Mestrado foi sobre este assunto e que ele participou da exposição “HCI – 60 Anos de História” – e de uma parceria realizada com o gabinete da então Primeira-Dama do Estado, Sandra Genro. No trecho da entrevista que segue, Quevedo explica porque trabalhar a trajetória desta instituição:

Primeiro para aproveitar uma produção historiográfica nossa, da casa, afinal de contas eu trabalhei com o Hospital. [...] eu tenho um conhecimento [...] bom sobre o tema. A gente tem o contato da Secretaria de Saúde, como Hospital Colônia Itapuã [...] a gente conseguia o acesso, enfim, conseguia, de repente ver com o pessoal, fazer um comodato, trazer alguns materiais para a gente expor. [...] A gente sabia que a primeira-dama, Sandra Genro, primeira-dama da época, tinha um projeto bem interessante lá, no Hospital Colônia Itapuã. Então, a gente também, em parceria com o gabinete da primeira-dama [...] junto com a exposição que contava a questão histórica, a gente fez uma exposição fotográfica também. A gente expôs fotos dela, da primeira-dama, que é médica [...] que tem um trabalho nessa área, a gente acabou fazendo uma parceria, nós e o gabinete da primeira-dama (QUEVEDO, 2015, inf. verb.).

Figura 14 – Exposição “Da Lepra à Hanseníase”



Fonte: BLOG HOSPITAIS ESTADUAIS, 2012.

Na montagem desta exposição trabalharam 04 (quatro) funcionários do MUHM, sendo 02 (dois) historiadores, 01 (um) arquivista e 01 (um) técnico em Biblioteconomia, além de 06 (seis) estagiários: 05 (cinco) de História e 01 (um) técnico em Biblioteconomia. Para a pesquisa utilizou-se bibliografia especializada, dissertações sobre o tema e visitas técnicas ao Hospital. Enquanto acervo, houve peças cedidas por comodato e uso de objetos do acervo da própria instituição, a seleção deste foi feita de modo a representar elementos identificados durante a pesquisa. Éverton Reis Quevedo relata que:

A gente sempre tentou trabalhar, buscou trabalhar com a questão social envolvendo aqueles pacientes, desmitificando a doença. Quando a gente fala muitas vezes em hanseníase as pessoas não sabem muito bem o que é, ficam meio assim, mas quando a gente fala em lepra, aí traz toda uma carga, toda uma negatividade [...] as pessoas vão buscar nas suas memórias as coisas bíblicas, coisas de um filme que mostrava que expulsava, que era sujo, pecador. A gente tentou com as exposições sempre mostrar que é uma doença como outra qualquer, que é uma doença que tem tratamento e que as pessoas precisam, como todo doente, de dignidade, enfim, tentar desmitificar isso. (QUEVEDO, 2015, inf. verb.).

Segundo Quevedo (2015) esta exposição cumpriu um papel social no que tange à conscientização da população sobre a hanseníase, recebendo escolas e trazendo informações aos visitantes. Os pacientes do HCI visitaram o Museu para conhecer a exposição e agradeceram cantando para os funcionários. Na entrevista ele disse que:

O objetivo, mais uma vez, foi trazer essa trajetória dessas pessoas e aí, como a gente recebe aqui muitas escolas fazer todo um trabalho de conscientização em relação à doença [...] de que as pessoas saiam daqui entendendo que essas doenças, essas

mazelas da sociedade e que a gente tem que trabalhar com ela de uma forma muito tranquila, elas podem nos acometer ou não [...] (QUEVEDO, 2015, inf. verb.).

No dia 29 de setembro de 2015, foi inaugurada a “V Mostra Museológica de História da Medicina”, organizada pela Rede Sul-Rio-Grandense de Memória da Saúde, no Centro Histórico-Cultural da Santa Casa. Nela foi exposto um pouco sobre o trabalho desenvolvido pelas instituições que abordam a temática da história da medicina, entre elas estavam o Memorial HCI, cuja exposição explorarei em maiores detalhes no próximo capítulo.

Podemos apontar que as representações apresentadas pelas exposições mapeadas no começo deste trabalho – levando em consideração que outras 02 (duas) exposições são formadas a partir destas e que eu não tinha conhecimento sobre elas quando comecei esta pesquisa –, representam o HCI de formas diferenciadas. A primeira, “HCI – 60 Anos de História” de 2000, foi construída com um intuito comemorativo, buscando voluntários externos à instituição para realizar este trabalho através da coleta e documentação da história oral transmitida pelos pacientes, por meio de entrevistas, identificação e coleta de fotografias, além da análise de documentos institucionais. Em um primeiro momento, esta exposição seria apenas de material textual, sem objetos.

A segunda exposição “Da Lepra à Hanseníase” de 2012 aborda o tema pelo viés da doença e do papel desta instituição enquanto uma medida de prevenção da mesma, considerando que também apresenta a característica intimista nas fotos que fizeram parte desta montagem. O acervo utilizado para a montagem desta narrativa foi coletado de acordo com o que a instituição buscava representar, este planejamento direcionado é resultado indireto da primeira exposição, posto que sua organização valesse de materiais desenvolvidos a partir desta experiência.

Quanto às 02 (duas) exposições anteriormente citadas, é interessante perceber que em comparação às outras 03 (três), suas dimensões são menores e elaboração supostamente mais simples. A primeira é a exposição “A História da Saúde Pública no Rio Grande do Sul sob a Ótica dos Hospitais Estaduais” trata-se de uma série de *banners* relatando a trajetória dos hospitais estaduais, entre eles o HCI, para o desenvolvimento deste material foi usado como base os dados coletados na exposição “HCI – 60 Anos de História”. A segunda exposição, e mais recente, foi a “V Mostra Museológica de História da Medicina”, nela foram apresentados os acervos de instituições de memória vinculadas à história da medicina no Estado, ente eles figurava o Memorial do HCI, sendo assim, o acervo e conteúdo exposto fazem parte da narrativa estabelecida pelo Memorial.

Optei por analisar a concepção expográfica somente da exposição que está sendo exibida pelo Memorial HCI, tendo em vista que, as exposições citadas anteriormente ocorreram há alguns anos e o material com o qual tive contato é insuficiente para a realização de uma análise mais minuciosa.

3.2 Memorial do Hospital Colônia Itapuã: Análise de uma Concepção Expográfica

Em 27 de novembro de 2014⁹ foi inaugurado o Memorial HCI e eu tomei conhecimento sobre o mesmo através de minhas pesquisas sobre o Hospital. Como estas informações foram limitadas, devido ao fato deste ser um acontecimento recente, criei algumas hipóteses e pré-conceitos quanto ao local. A partir das pesquisas sobre o Memorial e das imagens encontradas, acreditava que a exposição realizada apresentava diversas peças cenográficas, que contextualizassem não só a história do Hospital, mas da doença hanseníase em si, além de fotos e relatos desde a inauguração do espaço até seu uso nos dias atuais.

Desde fevereiro de 2015, antes de haver um projeto para este trabalho de conclusão de curso, busquei entrar em contato com a equipe responsável pelo Memorial. Eu e minha orientadora ligamos diversas vezes em busca de informações sobre como visitar este espaço, porém nunca recebíamos uma resposta conclusiva. Devido a problemas internos, minha primeira visita ao local só foi possível no dia 10 de julho de 2015. Dentro das hipóteses criadas por mim, durante este período de espera, estavam estes questionamentos:

- Sendo o Memorial um espaço público e feito com dinheiro público, por qual motivo, a população teria seu acesso restrito ao local, tendo de aguardar meses até marcar uma visita?
- Por que realizar um Memorial que é um espaço próprio para a visitação, dentro do ambiente do Hospital, cuja entrada deve ser regulada pelo fato de possuir moradores?

Como já mencionado minha primeira e tão aguardada visita ocorreu no dia 10 de julho de 2015, quando fui convidada pelo senhor Dennis Guedes Magalhães – responsável pelo serviço de comunicação de alguns hospitais do Estado, incluindo este – para conhecer o Memorial, pois haveria um grupo de São Paulo realizando uma entrevista com a senhora Rita S. Camello (enfermeira especialista em hanseníase), assim, eu poderia além de conhecer o espaço, realizar alguns contatos. Neste dia fui muito bem recebida por todos, travei alguns

⁹Mais informações em: ZH Notícias. Hospital Colônia de Itapuã inaugura no dia 27 memorial sobre a hanseníase. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/11/hospital-colonia-de-itapua-inaugura-no-dia-27-memorial-sobre-a-hanseniose-4641960.html>>. Acesso em 24 de jun. de 2015.

diálogos que me esclareceram diversas dúvidas, conheci o espaço, pude refazer minha impressão sobre a exposição sem a interferência de uma mediação, tendo em vista que os responsáveis pelo Memorial estavam ocupados com a entrevista.

O Memorial está localizado dentro do Hospital, na casa onde originalmente moravam as freiras responsáveis pela instituição, esta é uma casa grande com dois andares e um sótão, ela foi reformada e hoje abriga a exposição.

Figura 15 – Casa das Freiras



Fonte: MEDEIROS, Nestor Ourique (2015).

Ao conversar com o senhor Dennis descobri que este foi um empreendimento realizado em um espaço público, as dependências do HCI, porém patrocinado por investimento privado. O trabalho realizado na exposição (mediação, expografia, conservação, etc.) é desempenhado de forma voluntária por funcionários do Estado que estão comprometidos em manter este lugar. Por este motivo há dificuldade no agendamento de visitas, que depende da disponibilidade de horário destes trabalhadores. Esta informação é muito importante, pois demonstra que o Memorial só foi possível em virtude da boa vontade e interesse em preservar esta história.

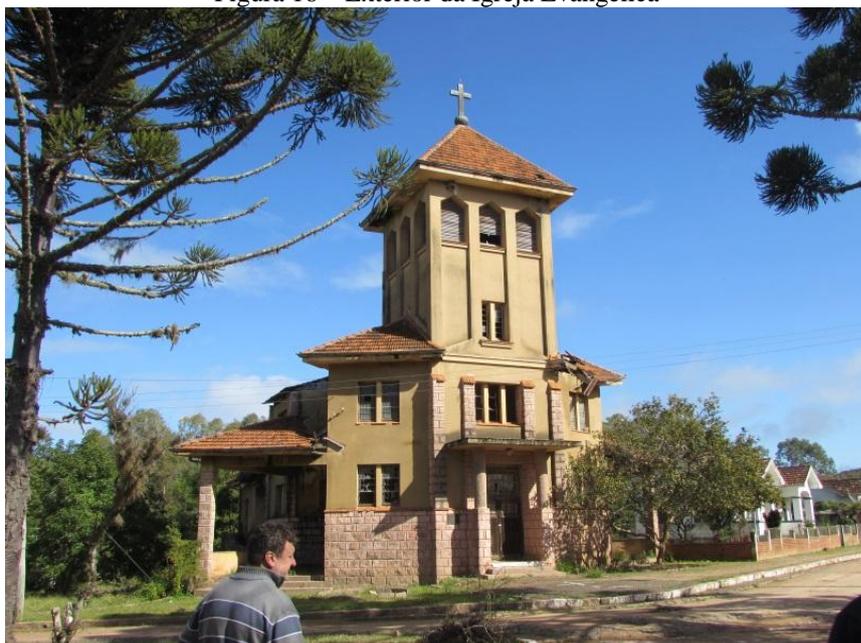
O senhor Marco Antônio Lucaora foi um dos idealizadores e patrocinador do empreendimento. Em seu relato ele revela que a exposição e a coleta de acervo foram realizadas de forma comunitária, pois, a grande maioria das peças são doações dos moradores que ao saber da criação do Memorial se sensibilizaram e entregaram objetos que eram guardados em suas casas.

No dia 25 de julho de 2015 eu, junto de meus pais e irmãos, fui ao Hospital realizar uma nova visita, pois a enfermeira Rita S. Camello faria uma palestra sobre a história da hanseníase e do HCI para uma professora do Curso de Museologia e sua monitora. Assistimos a uma palestra repleta de informações sobre a hanseníase, sua trajetória no contexto mundial, seus tratamentos e sobre esta instituição. Após a palestra realizamos a visita mediada à exposição, o que me possibilitou um novo olhar sobre esta e sua intencionalidade.

No período da tarde fomos guiados pelo funcionário Jairo Antão Pires Medeiros em um passeio dentro do espaço do Hospital, ele nos contou sobre o local. Nossa rota foi uma caminhada até o cemitério, pois o clima estava muito úmido para a realização de um percurso maior.

Ao longo do caminho avistamos e adentramos na antiga Igreja Evangélica que é o único bem tombado dentro do local, processo que ocorreu em 2010, apesar de seu estado de degradação, ela ainda preserva suas características arquitetônicas originais.

Figura 16 – Exterior da Igreja Evangélica



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Figura 17 – Interior da Igreja Evangélica



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Foi-nos relatado que seus azulejos são importados da Alemanha e que o arquiteto responsável pela obra seria Theodor Alexander Josef Wiederspahn, que também realizou obras como o Hotel Majestic e a Faculdade de Medicina da UFRGS. Eis um ponto significativo, pois esta Igreja é um exemplo da importância patrimonial deste Hospital, levando em consideração que:

A antiga igreja evangélica, última obra deste importante arquiteto, evidencia desde o traçado até a execução o rigor técnico e o alto grau de preciosismo do autor. O projeto, minuciosamente detalhado, compõe-se de mais de 30 pranchas. O prédio possui planta irregular, com um polígono octogonal central ocupado pela nave da igreja, de onde se projetam os demais volumes. Na frente, hall de acesso com torre sineira e dois alpendres laterais, e na parte posterior, espaço do altar e sacristia com planta ortogonal. A edificação possui paredes de alvenaria de pedra granítica e tijolos, vitrais nas janelas e bandeiras das portas, cobertura em telha de barro do tipo francesa e estrutura do telhado em madeira. (IPHAE, [2015?], doc. eletr.)

O Hospital inteiro se dá como patrimônio, narrando as histórias dos que por ali passaram, tendo em vista que:

O patrimônio é um grande acervo, é o registro dos acontecimentos da história de um lugar, de uma sociedade, e muitas vezes se perde por falta de incentivo ou pela perda da identidade da comunidade, que sofre as mudanças e interferências do mundo globalizado. (MEDEIROS; SURYA, 2012, p. 293).

Vemos no local alguns prédios com a estrutura comprometida, e outros onde ainda hoje residem moradores, o que dá ao ambiente um contraste interessante de algo que se perdeu no tempo, mas que ainda vive e está em constante transformação.

Figura 18 – Prédios do HCI



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

No dia 27 de agosto de 2015 realizei uma entrevista com dois idealizadores do Memorial – Rita S. Camello e Marco Antônio Lucaora – na qual me foi relatada a concepção, o planejamento e o desenvolvimento da exposição. Esta conversa foi muito útil trazendo ainda um terceiro ponto de vista sobre a concepção expográfica realizada, tendo em vista que o primeiro se deu em minha visita “autônoma” e o segundo na visita mediada da qual participei. Todos estes relatos contribuíram para a compreensão e análise da exposição do Memorial.

É interessante perceber que, em um primeiro momento, o Memorial não existiria, pois a preocupação que levou o senhor Marco Antônio Lucaora a começar este trabalho foi apenas o temor de que a documentação organizada na época do CEDOPE fosse aos poucos se perdendo, pela falta de cuidados. Porém, como ele mesmo disse em entrevista:

[...] a coisa foi tomando forma, forma, forma, as coisas foram acontecendo, não foi um caminho. Aí me apresentaram a Rita, “tu tem que conhecer a Rita, tu tem que conhecer, a Rita sabe tudo, a Rita é “bam-bam-bam” sobre hanseníase, ela já viajou pelo planeta” [...] Ela conseguiu me passar várias coisas e questionamentos [...] (LUCAORA, 2015, inf. verb.).

A partir desta parceria nasceu o Memorial, segundo ele “A ideia do Memorial é preservar a memória da Colônia de Itapuã” (LUCAORA, 2015, inf. verb.), e para este fim

uma série de objetos, textos e informações foram recuperados e organizados. Devido à grande quantidade de espaços expositivos – considerando como estes: salas, corredores e escadas – refleti como sobre organizar minha análise de acordo com núcleos temáticos para facilitá-la, porém temas similares se encontram em espaços geograficamente distantes no Memorial. Portanto, optei por realizar minha análise de modo a contextualizar a exposição e somente após tê-la feito, debruçar-me sobre questões específicas dos aspectos expositivos.

No que tange à elaboração deste espaço, foi-me dito na entrevista anteriormente citada que: “Nós nos reunimos com o grupo daqui, onde tinha um historiador e uma pessoa da comunicação social, para nós definirmos a primeira sala que seria os caminhos da lepra, o restante foi surgindo de forma lógica, tinha que ter uma lógica” (CAMELLO, 2015, inf. verb.). Deste modo, compreendemos que houve sim uma troca de saberes e de perspectivas entre os profissionais envolvidos para a construção no Memorial. A enfermeira Rita S. Camello e Marco Antônio Lucaora, além de idealizadores, foram os responsáveis pela coleta de acervo, contato com os pacientes e organizadores deste espaço e todos os elementos expográficos que a ele se agrupam. Quanto ao trabalho de representar em uma exposição a trajetória do Hospital e de seus pacientes, Rita comenta que:

Nós estivemos na casa dos pacientes, e uma coisa de bom que nós já tínhamos: eu trabalho no Hospital há nove anos, trabalho as lesões dos pacientes e, em média, para cada curativo eu levo uma hora. [...] Então eu já sabia de todas essas histórias de vida [...] (CAMELLO, 2015, inf. verb.).

Sendo assim, a exposição montada pelo Memorial tem um processo diferente das demais, quando observamos que alguns dos envolvidos não vieram de fora do Hospital, mas estavam lá, e faziam parte do cotidiano dos moradores. Desta forma, observamos, a partir das entrevistas realizadas, que esta exposição é feita também pelos pacientes, por suas demandas e pelos objetos que eles julgaram representativos de sua história.

4 NARRATIVAS EXPOGRÁFICAS DO MEMORIAL HCI: Cada objeto é uma história de vida

Neste capítulo irei descrever sobre a narrativa expográfica proposta no Memorial HCI, sendo assim, se analisa em conjunto a Expologia que é a parte da Museologia que “[...] estuda a teoria da exposição [...]” (DESVALLÉES, 1998, *apud*, CURY, 2006, p. 27), trazendo enquanto princípios norteadores a função educacional e comunicacional as quais as exposições devem se fundamentar. É necessário compreender que um museu e um memorial são locais destinados à preservação da memória e à valorização da cultura, mas seu foco é diferente, desta forma, a exposição realizada pelo Memorial terá suas especificidades, como:

[...] o eixo sobre o qual o trabalho de um memorial deve centrar sua organização é a memória do Estado ou da instituição a que se refere - o que os libera de se constituírem, como os demais museus, de maneira aleatória em função de determinados acervos, temas ou objetos. Não cabe ao Memorial um acervo diverso dos fins institucionais para os quais foi criado, ainda que isto pudesse ser de interesse geral e da comunidade, pois não se trata disso que está em questão. (BARCELLOS, 1999, p.11-12)

Desde modo, observamos que um memorial possui um alcance mais limitado, tornando-se centrado em uma única temática, neste caso, o HCI. O Memorial não deixa de ser uma homenagem, um espaço permeado pelas lembranças, sendo assim, sua carga de subjetividade é ampliada, pois aborda uma história contada de um ponto de vista que beira ao pessoal.

Ao longo de minha análise percebi que alguns assuntos são recorrentes na exposição, entre eles: ambientações históricas; a Medicina, o setor psiquiátrico e seus pacientes; o contexto espacial do HCI; o cotidiano e as trajetórias pessoais. Cada uma das salas visa representar uma temática diferente, sem falar da escada e dos corredores que são um espaço expositivo à parte. A descrição dos espaços expositivos foi feita de acordo com a ordem a qual foram apresentados durante a visita mediada com a enfermeira Rita S. Camello, contudo, vale frisar que esta análise possui uma carga de subjetividade, à medida que eu também adquiri um envolvimento e uma percepção única quanto a este espaço. É importante perceber que:

Observamos aqui a narrativa sob o ponto de vista de que se trata de uma realidade situada em um determinado espaço e tempo, podendo ser ficcionais ou não, refletindo uma visão de mundo, partindo do narrador, e dos diversos elementos que contribuem na condução do discurso. É composta pela diegese – discurso das coisas,

a sucessão cronológica dos acontecimentos ou a realidades subjacentes à criação ficcional – e trama – discurso das palavras, modo como o narrador organiza o suceder dos acontecimentos (ENNES, 2003, p.04).

Durante a visita mediada fomos apresentados a cerca de 20 (vinte) espaços expositivos, e como, a meu ver, a organização não segue um circuito linear sua descrição se torna mais difícil, portanto foi feito um rascunho para indicar a trajetória que realizei durante a visita ao Memorial, assim como a localização das salas, este pode ser visto no Apêndice C. Contudo, a quantidade de espaços expositivos identificados na instituição pode variar de acordo com a percepção de cada visitante, eu mesma, observei mais abordagens temáticas, porém optei por analisar a exposição da forma que ela me foi apresentado. Há apenas 05 (cinco) ambientes intitulados – Sala de Memórias do Mundo, Sala dos Amores, Sala da Era Científica, Sala dos Portadores de Sofrimento Psíquico e Sala das Comunidades do Entorno –, portanto, para facilitar a compreensão do leitor eu nomeei os demais espaços de acordo com sua temática e os numerei seguindo a ordem na qual foram apresentados, abaixo segue esta descrição:

- 01 – Sala de Memórias do Mundo (Primeiro andar);
- 02 – Sala da Era Científica (Primeiro andar);
- 03 – Corredor com Jornais (Primeiro andar);
- 04 – Corredor com Máquina de Sabão (Primeiro andar);
- 05 – Corredor com Fábrica de Calçados (Primeiro andar);
- 06 – Sala dos Amores (Primeiro andar);
- 07 – Sala com Instrumentos e Objetos Médicos (Primeiro andar);
- 08 – Sala de Jogos (Primeiro andar);
- 09 – Sala com Utensílios Agrícolas (Primeiro andar);
- 10 – Escadas com Trabalhos dos Pacientes Psiquiátricos (Escada que liga o primeiro andar ao segundo);
- 11 - Sala dos Portadores de Sofrimento Psíquico (Segundo andar);
- 12 – Sala dos Portadores de Sofrimento Psíquico (Segundo andar);
- 13 – Sala das Comunidades do Entorno (Segundo andar);
- 14 – Corredor sobre a Creche para filhos de funcionários (Segundo andar);
- 15 – Laboratório do Hospital (Segundo andar);
- 16 – Sala de “Informática” (Segundo andar);
- 17 – Corredor sobre a questão dos filhos (Segundo andar);
- 18 – Sala de Artefatos Religiosos (Segundo andar);

19 – Corredor sobre a Igreja Luterana (Segundo andar);

20 – Sala com fotos de tratamentos de pacientes (Segundo andar);

No local também há uma sala própria para palestras e eventos. Há uma cozinha no primeiro andar, ocupando o espaço que segue ao espaço “02 – Sala sobre Doença e Medicina”, dentro deste local encontram-se utensílios como fogão, pia, armário e geladeira que estão em funcionamento.

Figura 19 – Cozinha do Memorial



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

O ambiente não chega a ser um espaço expositivo, contudo, fui informada de que os organizadores do Memorial tentaram colocar ali objetos antigos que remetessem a época de seu funcionamento.

Figura 20 – Cozinha do Memorial



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

No segundo andar também se observa outros dois ambientes que não seriam espaços expositivos, contudo, como se encontram próximos podem ser confundidos com os demais. Estes espaços constituem-se de duas salas destinadas aos arquivos de moradores e funcionários da instituição, estão posicionados ao lado um do outro, entre os espaços expositivos que eu intitulei como “14 – Corredor sobre a Creche para filhos de funcionários” e “15 – Laboratório do Hospital”. Estas salas são dedicadas aos arquivos e à documentação que estavam guardadas anteriormente na casa que hoje abriga o Memorial.

Figura 21 – Sala de arquivo



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 22 – Sala de arquivo



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Uma exposição nada mais é do que a representação de uma determinada realidade, sendo assim, o uso e a escolha de textos e objetos é fundamental para contextualizá-la. Considerando que “[...] os objetos museológicos têm de um lado, uma dimensão contingente e perecível, como objetos materiais; e de outro, uma dimensão abstrata e transcendente, como representações de ideias e valores sociais.” (GONÇALVES, 2009, p. 183), os textos e as legendas se fazem necessários na montagem expográfica, pois irão direcionar uma determinada forma do visitante compreender os objetos e sua importância dentro de um contexto. Além de proporcionar certa autonomia nas visitas, não dependendo exclusivamente da mediação para compreender a exposição, pois:

O museu, ao sair de sua condição de “locutor” de uma narrativa voltada para seus pares, passa a ser entendido como instituição comunicativa, fonte de pesquisa científica e estética, transmissora de conhecimento e disseminadora de informação, podendo ser vivenciado como local onde o contexto cultural é mostrado em toda a sua abrangência (ENNES, 2003, p.08).

García-Blanco diz que:

[...] hay diversos tipos de criterios para agrupar los objetos en función de los diversos aspectos o atributos de los objetos que se hayan tenido en cuenta; por otro lado, que hay criterios asociativos que tienen más dificultad de comprensión que otros, para los no expertos; y, por último, que hay que ayudar a la comprensión y valoración de lo que se expone (GARCÍA-BLANCO, 2009, p.118).

Seguindo estas linhas de raciocínio observa-se que dentro da exposição proposta pelo Memorial HCI os textos são construídos de maneira não uniforme, o que pode acarretar prejuízo perante seu valor informacional. Este aspecto também se torna esteticamente comprometedor, pois, dificulta ao visitante observar todos os textos que compõem a exposição, correndo-se o risco de que eles não sejam lidos e as informações complementares, que contextualizam os objetos expostos, passem despercebidas.

Para analisar os textos expositivos e as legendas utilizadas pelo Memorial faço apontamentos sobre espaços específicos que demonstram esta disparidade, todavia, em muitos dos diferentes ambientes desta exposição há características similares na utilização de seus textos.

É válido observar que o Memorial possui um grande acervo e um potencial de informação, para problematizar a história do Hospital, porém:

[...] o objeto descontextualizado (objeto desfigurado) necessita de introdução em um contexto, sendo possível assim, ampliar suas significações. O caráter discursivo de alguns objetos do museu (discurso e texto) se apresenta em dois níveis na exposição, o documento é suporte para ordenar significados – comunicação, e significante - enquanto testemunho (ENNES, 2003, p.07).

A falta de informações e o excesso de itens expostos atrapalham o visitante podendo ocasionar equívocos e dificuldade de compreensão, posto que:

Considerando a função simbólica dos objetos, como evidência e testemunho de uma realidade que o museu deseja preservar e reproduzir em uma exposição; podemos observar a partir de um conjunto destes objetos que possuem alguma relação entre si, e que baseado em um tema – fio condutor – é possível elaborar uma narrativa. (ENNES, 2003, p.01)

Mais do que encher o espaço de textos ou objetos, é preciso pensar a expografia, o que se quer transmitir com a exposição e como será feito para que esta mensagem possa chegar ao visitante. A cenografia pode ser utilizada dentro de uma exposição para auxiliar a imersão do visitante no universo desejado. Esta palavra tem sua origem associada ao teatro, pois na tentativa de inserir o público no enredo da história encenada eram criados cenários, Rossini (2012) diz que:

[...] a palavra cenografia, que, por um longo período da história do teatro ocidental, esteve identificada com a representação pictórica do espaço tridimensional. Atualmente, cenografia não pode ser identificada apenas como um instrumento para representar espaços, lugares e objetos, tampouco sua aplicação está limitada à linguagem teatral da qual se originou (ROSSINI, 2012, p. 157).

Sendo assim, dentro do Memorial o recurso da cenografia é utilizado em diversos momentos, no uso de objetos cenográficos, decorações, luz, entre outros elementos que acabam influenciando a narrativa expográfica, pois, “Na cenografia, a representação não está limitada à substituição de um original: ela é também um elemento narrativo, um auxiliar que permite situar espacial e temporalmente o tema abordado por um texto teatral ou por uma exposição” (ROSSINI, 2012, p.158).

É complicado até mesmo dividir as salas de acordo com os temas abordados dentro de cada uma, pois as ambientações históricas estão relacionadas ao cotidiano que fora instituído no HCI durante seus anos de funcionamento. A Medicina faz parte disso também, pois está sempre presente neste espaço, assim como as trajetórias pessoais, afinal elas são construtoras da narrativa. O setor psiquiátrico e o contexto local do Hospital foram inseridos a este espaço e se tornaram também parte desta história, mostrando que não há uma instituição, mas sim

uma teia de relações que passa a se formar. Neste sentido, foi-me dito em entrevista que: “Se vocês forem olhar o que tem ali dentro é toda uma história cheia de sentimento. Para nós o Memorial, ele não é meramente feito de objeto. [...] Cada objeto é uma história de vida.” (CAMELLO, 2015, inf. verb.).

Reforço que esta análise de espaços expositivos se deu seguindo a visita guiada que presenciei no dia 25 de julho de 2015. Pois, este Memorial além de grande, possui um amplo acervo e ele é exposto sempre com uma intencionalidade. Desta forma, poderíamos agrupar outros espaços expositivos, já que cada canto do edifício é responsável pela representação de temas diversos.

4.1 Ambientações Históricas e o Cotidiano no HCI

Este agrupamento de espaços expositivos foi organizado de maneira ilustrativa, outros observadores poderiam desenvolver diferentes lógicas de ligação entre os ambientes e o meu olhar também pode ser alterado de acordo com as diversas associações possíveis. Contudo, compreendi que as ambientações históricas realizadas pelo Memorial não poderiam se distinguir dos aspectos que um dia formaram o cotidiano do Hospital, assim como das trajetórias de vida que também são responsáveis por formar esta história. Sendo assim, este núcleo acabou por abarcar 12 (doze) dos 20 (vinte) espaços expositivos identificados.

A exposição começa com uma pequena sala que tem por intuito contar a história da hanseníase no mundo, este ambiente foi intitulado pela instituição como “Memórias do Mundo”. Neste espaço encontramos informações sobre a disseminação da hanseníase e uma cenografia que tem por objeto representar a forma como era a vida de um “leproso” – quando a doença ainda era vista como um castigo divino – para isso teve-se a ideia de usar um mapa (Figura 23) apontando os “caminhos da lepra” e um manequim, denominado Lázaro (Figura 24) cujas vestes escuras cobrem o corpo, ambos feitos pelo senhor Marco.

Figura 23 – Mapa com os “Caminhos da Lepra”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Este ambiente é interessante de se analisar¹⁰, pois os objetos colocados na casa de Lázaro foram sendo apropriados de acordo com sua chegada e várias pessoas contribuíram. Outro fator significativo é a rejeição de tal boneco por parte dos moradores do Hospital, pois “Inicialmente os pacientes se magoaram, o que se estaria fazendo com um boneco.” (CAMELLO, 2015, inf. verb.).

Figura 24 – Sala Expositiva

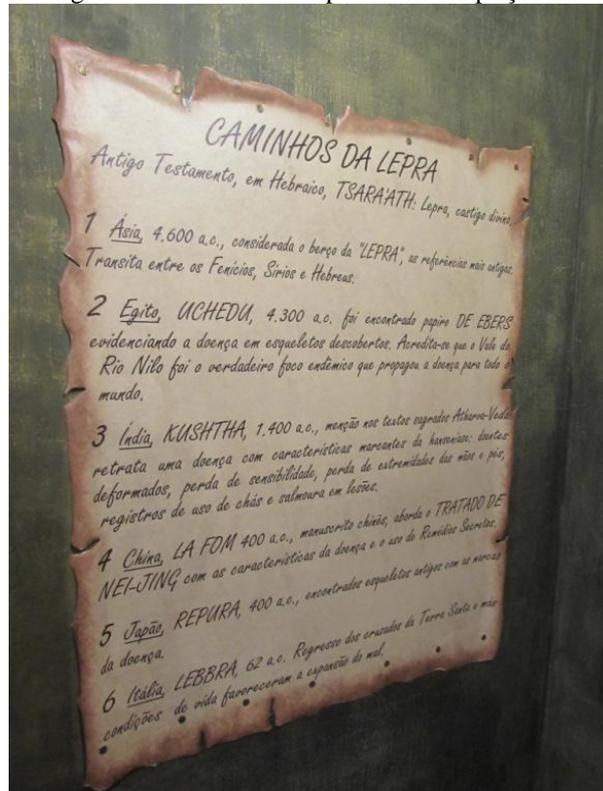


Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

¹⁰Informações retiradas da entrevista realizada com Marco Antônio Lucaora e Rita s. Camello no dia 27 de agosto de 2015, concedida à Helena Thomassim Medeiros.

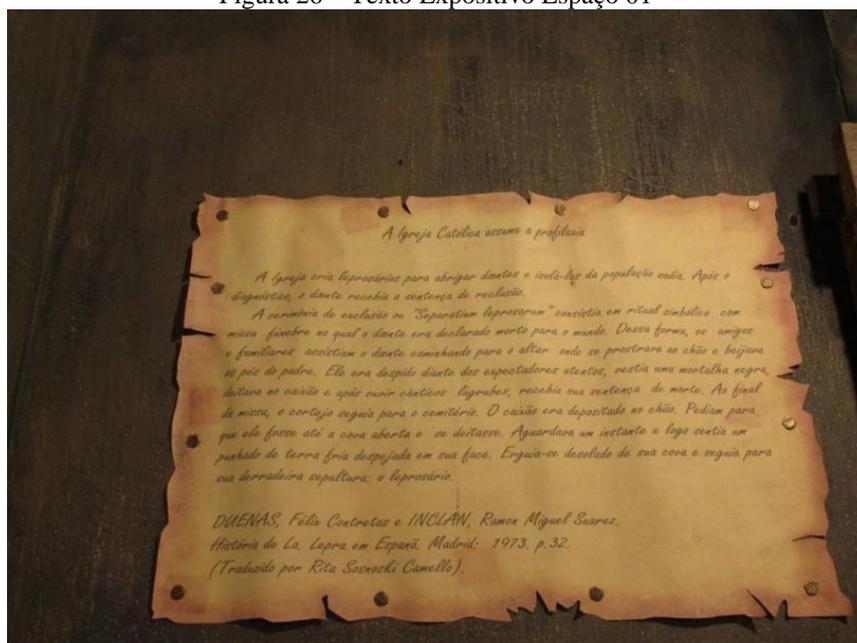
O espaço apresenta um tipo de texto com uma arte própria, porém podemos considerar que esta diferença se dá em função da temática desenvolvida e do investimento aparentemente aplicado neste espaço.

Figura 25 – Texto Expositivo Espaço 01



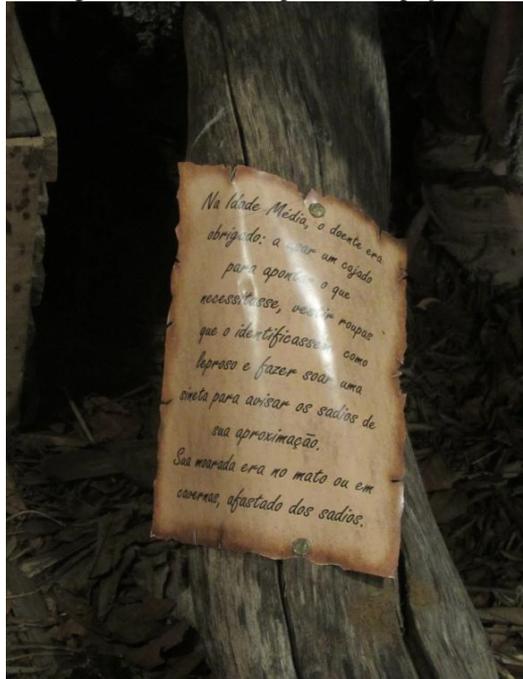
Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 26 – Texto Expositivo Espaço 01



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 27 – Texto Expositivo Espaço 01



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Pode-se observar pelas imagens que não há uniformidade nem mesmo nos locais, pois alguns textos estão na parede e outros no próprio cenário. Contudo, estas opções se devem a uma escolha expográfica, que pode indicar uma aproximação do conteúdo do texto com o objeto correspondente.

O primeiro espaço expositivo do Memorial é também o mais cenográfico, consiste quase que exclusivamente em um cenário, a casa do Lázaro, por assim dizer.

Figura 28 – Cenografia Espaço 01



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Como podemos observar na imagem acima está o Lázaro, seu rosto e as extremidades de seu corpo foram propositalmente deformados, suas vestes e fisionomia tentam imitar o próprio imaginário do “leproso”. Apontando para como era a vida destas pessoas no período em que não havia tratamento para a hanseníase e ela era tratada como um castigo divino.

Figura 29 – Cenografia Espaço 01



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Como as pessoas com hanseníase eram isoladas do convívio social, acabavam sobrevivendo como eremitas, longe de tudo e todos. Este manequim em sua casa representa bem esta realidade, nos chocando logo na entrada da exposição, com a intenção de provocar a reflexão sobre tudo o que esta doença representava e ainda representa. Percebemos neste ambiente que:

O aspecto decorativo da cenografia é importante porque torna a visita de uma exposição agradável, aumenta o interesse e a atenção do visitante. No entanto, dentro de um projeto museográfico, a função da cenografia ultrapassa seu aspecto puramente decorativo. A exposição é uma mídia em três dimensões que se oferece para ser percorrida sensivelmente por cada um dos visitantes e cujo discurso se constrói no espaço. Cenografia traz a dimensão conceitual do espaço, propondo ritmos e atmosferas geradas pela organização do espaço, da iluminação e do som (ROSSINI, 2012, p. 162).

Na imagem abaixo (Figura 30) enxergamos melhor como funciona o efeito da iluminação deste espaço, ela é focada no manequim, deixando o local ao redor mais escuro, transmitindo uma atmosfera de isolamento e reclusão.

Figura 30 – Cenografia Espaço 01



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Durante a entrevista com os idealizadores do Memorial foi relatado que o que eles visaram transmitir com esta sala, relatando que:

[...] a gente saia de dentro daquela primeira sala, de todo uma época medieval, de todo um estigma, de todo um não saber o que fazer, porque nada se sabia sobre a doença então era sempre um castigo divino, e como castigo divino nós teríamos que preservar aquilo. Como viviam, como é que era feita a sepultura de um ser humano quando tu diz que ele está morto em vida. [...] Nós queríamos retratar aquela imagem, aquela dor, dentro da primeira sala. [...] Porque nós não podemos começar Itapuã, como se Itapuã tivesse caído do céu, nós não poderíamos fazer isso porque é a primeira doença da história da humanidade a ser citada (CAMELLO, 2015, inf. verb.).

O espaço expositivo “03 – Corredor com Jornais” (Figuras 31 e 32) está presente no decorrer do primeiro andar, nele encontramos notícias vinculadas ao HCI, iniciando a abordagem sobre o local. Trata-se de reportagens sobre medidas governamentais, como o destino dos filhos dos pacientes internados na instituição, e médicas, como a divulgação da poliquimioterapia para tratar a hanseníase, entre outros temas que auxiliam a contextualizar a trajetória da instituição.

Figura 31 – Corredor com Jornais



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Figura 32 – Jornais sobre o HCl



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Ao longo do corredor do primeiro andar também encontramos objetos que estão agrupados de forma temática, como nos espaços: “04 – Corredor com Máquina de Sabão” e “05 – Corredor com Fábrica de Calçados”. Ambos desenvolvem uma temática recorrente ao cotidiano neste Hospital, as fábricas que produziam artigos de uso cotidiano para os pacientes hansenianos. Sabão, calçados especiais – tendo em vista que a doença deforma as extremidades do corpo – pão, roupas e itens básicos eram fabricados dentro da instituição pelos próprios internos, minimizando seu contato com o mundo exterior. Portanto, estes espaços visam exemplificar este aspecto peculiar do Hospital.

Figura 33 – Objetos para fabricação de sabão e roupas



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

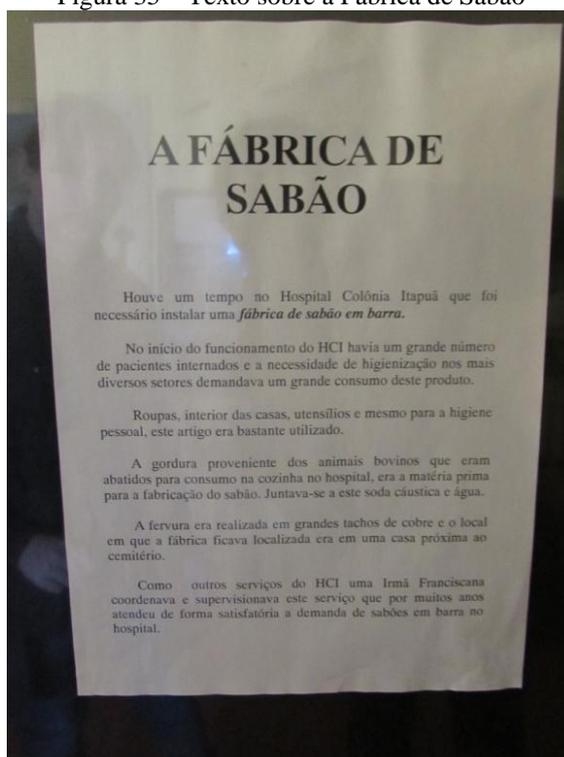
Figura 34 – Objetos da Fábrica de Calçados



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Os espaços expositivos que tratam sobre a fabricação de itens para o cotidiano do Hospital se encontram em pontos diferentes, porém próximos – no corredor do primeiro andar – tendo em vista que a exposição foi sendo montada de acordo com os objetos aos quais se tinha acesso. Os textos e as imagens que contextualizam estes espaços foram montados da seguinte forma: “O objeto e a foto provando” (LUCAORA, 2015, inf. verb.). Ou seja, os itens expostos possuem imagens e um texto que legitima seu uso e sua necessidade.

Figura 35 – Texto sobre a Fábrica de Sabão



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Figura 36 – Máquina da Fábrica de Sabão



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Contudo, devo acrescentar, que mesmo que existam tais informações, o excesso de objetos expostos compromete a compreensão dos mesmos por parte do visitante, que pode acabar passando sem notar sua existência ou sem problematizar tal aspecto. Eu mesma, só percebi a menção à produção de sabão realizada no Hospital quando, durante a visita guiada, a enfermeira Rita levantou esta questão.

Figura 37 – Pães, Fotos e Instrumentos Agrícolas



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Os pães que aparecem na imagem acima são réplicas feitas com espuma expansiva, material usado em construção para fixar portas. Fica nítido que são réplicas pelo fato de que seria muito complicado colocar em exposição um produto alimentício que se degradaria e atrairia agentes biológicos ou pragas, contudo, não há legendas que evidenciem isto. A importância desta réplica deve-se ao fato de que ela mostra o pão que era produzido no Hospital a partir de uma receita trazida pelas freiras que cuidavam do local. As informações sobre a padaria são trazidas por um texto em folha A4 próxima as fotos.

O ambiente que se segue é o “06 – Sala dos Amores”, dedicada aos relacionamentos, representa os casamentos que ocorriam no Hospital e as histórias de amor que ali começaram e que, em alguns casos, duram até hoje.

Figura 38 – Sala dos Amores



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Este espaço expositivo faz uso de fotos e depoimentos obtidos com os moradores do local, contando suas histórias. O manequim com o vestido de noiva denota um aspecto peculiar que é o fato de que este vestido foi utilizado em vários dos casamentos que ocorreram no Hospital, esta peça de roupa era ajustada de acordo com o tamanho de cada noiva.

Este é um dos espaços expositivos que mais chama a atenção do visitante logo ao entrar no Memorial, muito disso se deve ao manequim vestido de noiva. Ele está ali para evocar os casamentos e uniões que ocorriam dentro do Hospital, porém, ousou dizer que ele acaba “roubando a cena”. Começando pelo fato de que manequim vestido de noiva no meio da exposição com peruca e véu, acaba criando um efeito contrário ao desejado em uma exposição, que é o acolhimento e, neste caso, empatia, podendo provocar um clima mórbido. Esta percepção que a cenografia pode provocar também está relacionada com o estigma vinculado à hanseníase e ao “medo” das pessoas em relação ao Hospital.

Figura 39 – Cenografia Espaço 06



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Deve-se levar em conta que:

Um objeto ou espaço representado pode ser entendido como evocação, portanto deles escaparia algumas qualidades daquilo que substituem. Uma pedra cenográfica, por exemplo, não tem peso e não tem as marcas do tempo. Sua textura, cor e temperatura são meras imitações de um original distante (ROSSINI, 2012, p.158).

Deste modo, não haveria necessidade do uso de outro manequim, pois a roupa poderia ser exposta de forma mais simples para que se focasse a narrativa que ele busca representar e não a figura do manequim. Um exemplo é o espaço “08 – Sala de Jogos” que apresenta a roupa do time de futebol do Hospital, de forma simples, sem que o suporte onde a roupa encontra-se seja o foco do discurso expográfico.

Figura 40 – Cenografia Espaço 08



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Este espaço, “06 – Sala dos Amores”, também se destaca no que tange os textos expositivos, talvez em decorrência da temática, pois este lugar é focado nos relacionamentos que surgiram dentro desta instituição. É dada uma atenção diferenciada ao texto que irá contar estas histórias, pois ele ganha bordas diferenciadas.

Figura 41 – Fotos e Depoimentos de Casais



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

O uso de ornamentos no texto irá se repetir no ambiente “17 – Corredor sobre a questão dos filhos” e em um espaço que não foi citado na listagem de espaços expositivos anteriormente citados. Trata-se um expositor no corredor do primeiro andar, entre “07 – Sala com Instrumentos e Objetos Médicos” e “08 – Sala de Jogos”, em seu texto expositivo tal espaço é nomeado como “Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos”.

Figura 42 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Apesar das diferenças nos ornamentos os textos seguem o mesmo padrão, textos em folha de ofício A4, fonte “Times New Roman”, título em tamanho maior e o texto um tamanho que parece variar entre 12 e 14. O tamanho do texto não é adequado para uma

exposição, pois não é agradável e confortável para a leitura, fazendo com que o visitante não busque ler tais informações. Este fator contribui para uma grande diferença quando se faz a visita mediada ou não, pois, o visitante perde muitas informações e deixa de entender os conceitos objetivados pela organização do espaço. O tamanho ideal para o papel que este texto visa cumprir seria acima de 36, considerando que:

[...] En concreto el tamaño de las letras de las cartelas no debe ser menor de 24 puntos; entre 30 y 36 puntos el de las letras de textos de conjuntos; y entre 48 y 60 el de las letras de los textos principales, aunque a veces puede ser más eficaz la combinación de tamaños. (GARCÍA-BLANCO, 2009, p. 140).

Outro aspecto do cotidiano do HCI era o entretenimento, este é descrito no espaço expositivo “08 – Sala de Jogos”. O prédio que abarcava atividades de lazer como cinema e cassino, para os pacientes/moradores, hoje não esta mais em uso, contudo é representado na exposição.

Figura 43 – Mesa de Jogos



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Neste ambiente aparecem mesas de jogos, instrumentos musicais, prêmios e fotos de jogos e campeonatos realizados no local.

Figura 44 – Sala de Jogos



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

O espaço ao lado é o “09 – Sala com Utensílios Agrícolas”, neste ambiente é difícil identificar os objetos encontrados devido ao fato destes estarem em grande quantidade. Porém em sua maioria parecem ferramentas para trabalhos agrícolas, aparentemente há objetos para a ordenha de leite, fabricação de ferraduras e outros itens.

Figura 45 – Sala com Utensílios Agrícolas



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Nesta sala também podemos observar o uso de fotos e textos expositivos que contextualizam alguns objetos e mostram na época em que estes eram utilizados.

Figura 46 – Sala com Utensílios Agrícolas



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Subindo as escadas do Memorial, no segundo andar há o espaço “14 – Corredor sobre a Creche para filhos de funcionários”, este pequeno espaço é uma espécie de homenagem à creche que funcionou dentro do Hospital. Esta creche fechou há cerca de 05 (cinco) anos e era destinada a cuidar dos filhos de funcionários desta instituição.

Figura 47 – Corredor sobre a Creche para filhos de funcionários



Fonte: MEDEIROS, Nestor Ourique (2015).

Este ambiente é representando com aspectos que remetem à infância, com um pequeno texto explicando tal espaço e um álbum de fotografias com imagens sobre esta faceta da instituição.

Outro ambiente que vai tratar sobre o história do funcionamento do Hospital é o espaço “16 – Sala de Informática”, este nome é como ela me foi apresentada, contudo se trata de uma pequena sala com algumas máquinas de escrever e materiais de escritório antigos.

Figura 48 – Sala de “Informática”



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Ao longo do segundo andar está o espaço “17 – Corredor sobre a questão dos filhos”, esta parte da exposição trata sobre um tema delicado, portanto, há uma ambientação para falar sobre os filhos dos pacientes hansenianos que eram retirados do convívio familiar logo que nasciam.

Figura 49 – Sala Expositiva



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Este espaço é composto apenas por objetos cenográficos, foi feito com a intenção de evocar a perda dos filhos. Tal ambientação foi montada a partir dos relatos da enfermeira Rita S. Camello que durante a entrevista comenta sobre o uso do berço e da boneca na exposição, dizendo que:

[...] a história da boneca, quando eu fui a Portugal, no leprosário de Portugal, uma das pacientes me disse assim:

- Sabes por que temos isto aqui?

Eu digo: “Não”.

- As tetas doem menos quando embalas o berço.

Elas conseguiam tirar o leite, porque da mesma forma que aqui o filho era retirado e levado para o Amparo, sobravam as tetas cheias de leite e não tinha injeção, medicamento na época que pudesse secar o leite, como teríamos a opção hoje. Então, elas teriam que esgotar a mama, e a mama esgotava mais facilmente se tivesse um berço para embalar. (CAMELLO, 2015, inf. verb.).

Figura 50 – Cenografia Espaço 17



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Partindo deste relato surgiu o berço no Memorial HCI, contudo ele é meramente cenográfico, assim como os adereços que o cercam.

Figura 51 – Cenografia Espaço 17



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Os itens colocados junto ao berço para fazer uma referência ao mundo infantil em nada condizem com a época e o contexto do Hospital, deste modo pode-se observar que “[...] a cenografia, quando cria um espaço ficcional, pode ser um concorrente que as deprecia e as coloca num segundo plano, [...] é a cenografia que apresenta e dá o acesso ao conteúdo de uma exposição” (ROSSINI, 2012, p.164). Portanto, ao colocar objetos tão discrepantes do período histórico que se visa representar, a história dos filhos de pacientes hansenianos que eram separados de seus pais ao nascer e o que o berço visa representar, são encobertos pela cenografia e podem não abranger a compreensão de todos os visitantes.

Outro espaço que mostra o cotidiano do Hospital é o “18 – Sala de Artefatos Religiosos”, nesta pequena sala estão imagens de santos, estátuas, suporte para velas utilizado pelo judaísmo e um altar, doados pelos moradores da instituição. Este ambiente visa abordar a religiosidade presente no local, também mostrando um aspecto que acentua esta ligação, a influência das freiras.

Figura 52 – Sala de Artefatos Religiosos



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

A última ambientação histórica identificada é o espaço expositivo “19 – Corredor sobre a Igreja Luterana”, de certa forma, ele continua a temática religiosa levantada anteriormente. Neste espaço há diversas reportagens e fotos falando sobre a Igreja Luterana, construção arquitetônica muito importante dentro do contexto do Hospital, tendo em vista que é o único bem tombado da instituição.

Figura 53 – Fotos e Textos sobre a Igreja Luterana



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Figura 54 – Vitral da Igreja Luterana



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

4.2 Ambientações Hospitalares

Este grupo é formado por 04 (quatro) salas, que tratam sobre os procedimentos e processos de desenvolvimento envolvendo a história médica ligada à doença hanseníase e ao HCI. Poderíamos considerar que este grupo também está inserido no anterior, tratando sobre a história da doença e da instituição, porém sua delimitação se fez necessária à medida que estes espaços expositivos possuem uma temática comum, ainda que nem sempre constante, a Medicina.

A segunda sala da exposição, é o espaço expositivo “02 - Sala da Era Científica”, trata sobre a hanseníase enquanto doença e não mais um castigo divino. No local encontram-se utensílios médicos como um aparelho com diversos modelos de lente para avaliar a visão dos pacientes, vidros e aparelhos usados para a manipulação de remédios, quadros feitos pelo senhor Marco Lucaora com base em fotos do médico Hansen, que descobriu o bacilo causador da hanseníase, além de outros objetos para representar o cotidiano de um ambiente hospitalar.

Figura 55 – Pinturas baseadas no médico Hansen e instrumentos médicos



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 56 – Panorama da Sala



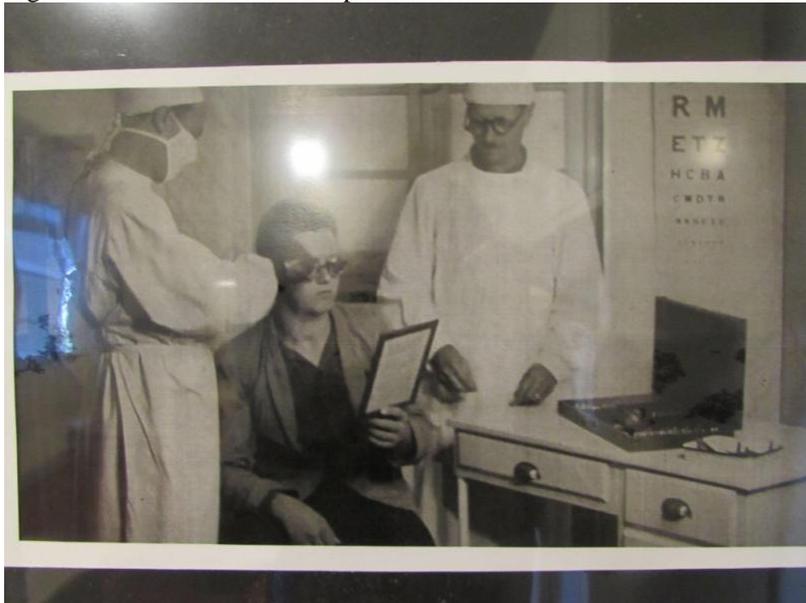
Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 57 – Instrumentos para avaliar a visão e manipulação de medicamentos



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 58 – Instrumentos para avaliar a visão sendo utilizado



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Também podem ser visto neste ambiente algumas das moedas que eram utilizadas dentro do Hospital, pois os pacientes não podiam entrar em contato com o dinheiro que circulava fora da instituição. Muitas destas moedas haviam desaparecido, porém, conforme a exposição foi construída, algumas delas foram recuperadas.

Figura 59 – Moedas usadas no HCI



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

O ambiente apresenta outra forma de uso de seus textos e legendas. Nesta imagem observamos o texto expositivo fixado na parede ao lado esquerdo do observador, a letra é em tamanho considerável, presumo que seja 48, com fonte “Calibri”, em negrito. O texto é curto e chama a atenção, porém a arte é bem mais simples e o material de impressão, assim como em grande parte da exposição, são folhas de ofício A4 fixadas em um suporte aparentemente feito de MDF com uma cobertura plástica.

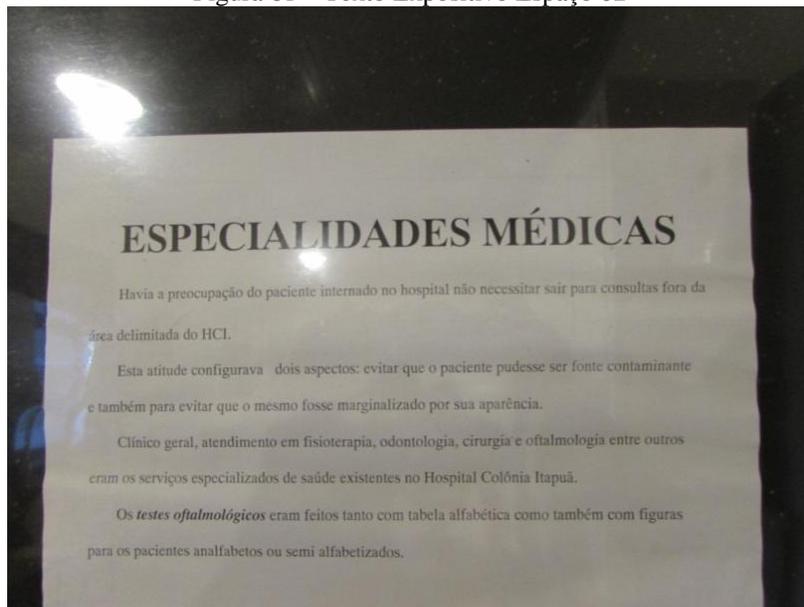
Figura 60 – Texto Expositivo Espaço 02



Fonte: MEDEIROS, Nestor Ourique (2015).

Neste mesmo espaço também encontramos textos expográficos, cujo tamanho da letra e a fonte são diferentes do anteriormente citado.

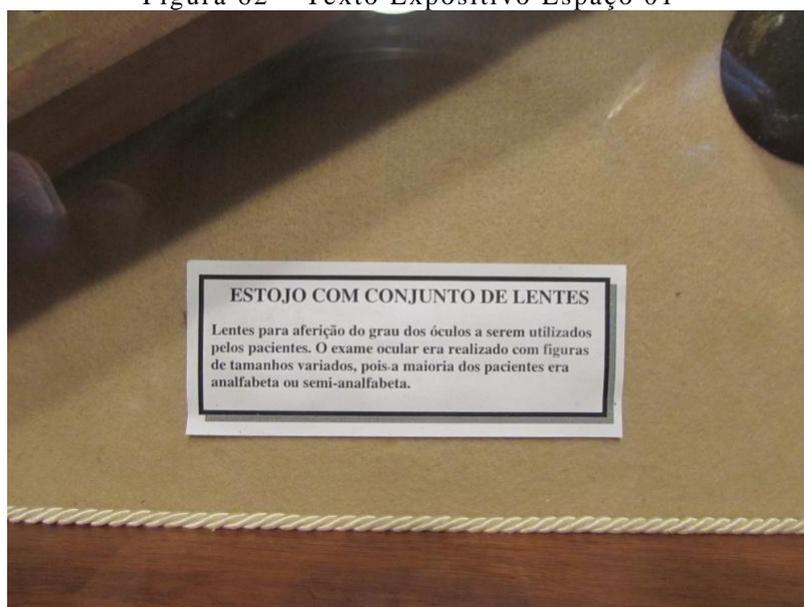
Figura 61 – Texto Expositivo Espaço 02



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

No que tange às legendas dos objetos expostos, neste espaço há um número considerável de itens com identificação – como exemplifica a imagem abaixo –, a letra está em fonte “Times New Roman” com negrito e parece ter tamanho entre 12 (doze) ou 14 (quatorze). Este é um dos poucos ambientes da exposição nos quais encontramos legendas e no qual há objetos dentro de vitrines, provavelmente esta escolha se dá em função da fragilidade ou raridade destes itens, que são autênticos, sendo objetos de testemunho, não réplicas ou cópias.

Figura 62 – Texto Expositivo Espaço 01



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

A falta de legendas e de visibilidade dos textos compromete a função expositiva de muitas peças, gerando situações em que itens parecem estar fora de contexto, devemos lembrar que:

O museu como um espaço elaborado para proporcionar a fruição estética e aquisição de conhecimento, possibilita o contato com os dois níveis e informação. Os textos e etiquetas encontrados ao lado das obras expostas pertencem ao contexto semântico da informação, podendo atuar como complemento à informação estética (ENNES, 2003, p.07)

Enquanto a primeira sala tem uma proposta bem cenográfica, a segunda, “02 – Sala da Era Científica”, traz uma proposta mais sóbria. A intenção deste espaço parece ser a de focar nos objetos, posto que:

[...] há um consenso para exposições de arte e objetos raros. Na maior parte dos casos, o responsável pelo projeto, que pode ser o cenógrafo, o arquiteto, o artista ou o *designer*, deve preservar alguma sobriedade na escolha dos materiais, cores e organização espacial, os quais possam acolher e mostrar, da melhor forma possível, as peças escolhidas. O ideal contemporâneo defendido e desejado, especialmente pelos artistas e curadores, segue sendo o espaço com pouca interferência: paredes perfeitamente niveladas e com pé direito alto; um conjunto de elementos articulados para proporcionarem uma leitura do público focalizada nas obras expostas (ROSSINI, 2012, p. 164).

O elemento que parece desempenhar um papel mais cenográfico são os quadros pintados pelo senhor Marco Antônio Lucaora, que visam representar o médico norueguês Hansen, o descobridor do bacilo causador da hanseníase. Considerando que estas imagens poderiam não ser necessárias para a contextualização do HCI, elas são uma escolha cenográfica que visa trazer a figura de Hansen para representar um momento de rompimento na história desta enfermidade, que é quando ela passa a ser reconhecida como doença e não mais como um castigo divino.

Figura 63 – Cenografia Espaço 02



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

No mesmo andar encontramos o espaço “07 – Sala com Instrumentos e Objetos Médicos”, nela estão expostos objetos usados no cotidiano do Hospital, como demonstra a imagem abaixo.

Figura 64 – Instrumentos e Objetos Médicos



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Há mais um tipo de texto expositivo que pode ser visto dentro da exposição, são eles os *banners* produzidos para a exposição “HCI – 60 Anos de História” que ocorreu em 2000, e que foram reutilizados pelo Memorial. A imagem abaixo serve para ilustrar o uso desse material, o espaço expositivo retratado é “07 – Sala com Instrumentos e Objetos Médicos”.

Nem todos os *banners* produzidos encontram-se no Memorial, lá estão alguns cujo texto condiz com os objetos escolhidos.

Figura 65 – Texto Expositivo Espaço 07



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Contudo, é válido frisar que a identidade visual dos *banners* destoa com os demais textos expositivos do Memorial e que a única indicação de que este material não foi produzido para esta exposição especificamente, é o logotipo, como mostra a Imagem 66.

Figura 66 – Texto Expositivo Espaço 07



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

No segundo andar encontramos o espaço “15 – Laboratório do Hospital”, ali estão objetos que eram utilizados no laboratório do Hospital, representando um pouco sobre o trabalho que era feito na instituição com estes instrumentos.

Figura 67 – Instrumentos utilizados em laboratório



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Figura 68 – Instrumentos utilizados em laboratório



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

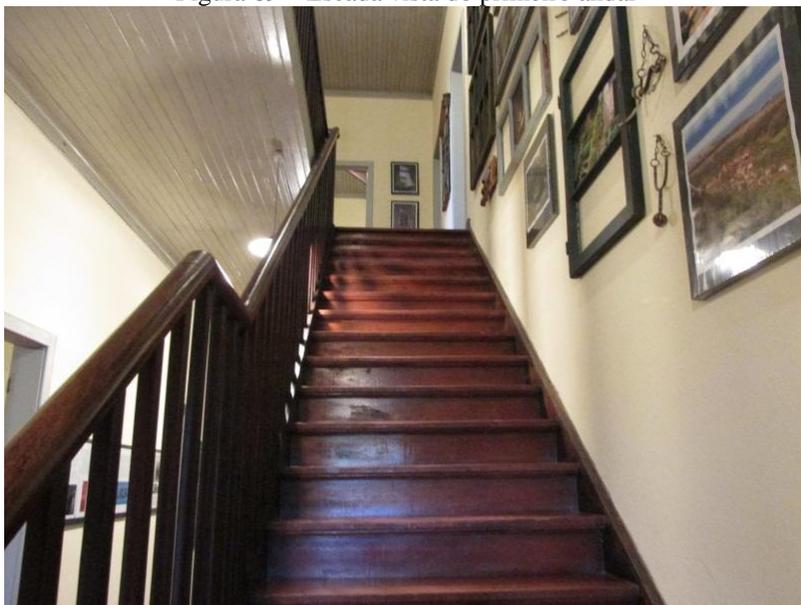
A imagem 68 demonstra uma característica já mencionada do Memorial, o acúmulo de acervo exposto sem que haja total aproveitamento de sua carga informacional. Observa-se a falta do uso de legendas e o fato de que os objetos aparecem em uma estante, fazendo com que os itens mais abaixo saiam da linha de visão da maioria dos visitantes.

O último espaço enquadrado nesta temática é o “20 – Sala com fotos de tratamentos de pacientes” nele está exposto fotos de tratamentos e equipamentos usados para atender aos pacientes hansenianos. Durante a visita mediada, ao entrarmos nesta sala, somos informados de não tirarmos fotos, pois há fotografias de pés e mãos que foram mutilados devido à doença, mostrando o tratamento que é realizado nas lesões, apresentando uma espécie de “antes e depois”.

4.3 Setor Psiquiátrico

Este conjunto é constituído de 03 (três) espaços expositivos do Memorial nos quais podemos identificar como temática o trabalho desenvolvido com os pacientes psiquiátricos do Hospital. O primeiro que observamos é o espaço “10 – Escadas com Trabalhos dos Pacientes Psiquiátricos”, estas escadas separam o primeiro andar do segundo, é como se partíssemos da história da instituição para entrar em sua utilização contemporânea.

Figura 69 – Escada vista do primeiro andar



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 70 – Escada vista do segundo andar



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

A falta de legenda é um aspecto que provoca perda informacional ao visitante, pois os objetos sem identificação são confusos, é quase como se fosse necessário possuir conhecimento prévio sobre o cotidiano do Hospital ou sobre a montagem desta exposição para entender a importância dos objetos ali colocados. Um bom exemplo deste problema se encontra no espaço “10 – Escadas com Trabalhos dos Pacientes Psiquiátricos”, conforme mostrado na imagem abaixo:

Figura 71 – Quadro sem Legenda Espaço Expositivo10



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Se precisarmos entender a pintura acima a partir dos objetos em seu entorno, logo, compreenderíamos que se trata de um trabalho desenvolvido pelos pacientes psiquiátricos do Hospital. Contudo, este quadro foi feito por um dos idealizadores do Memorial, Marco Lucaora, buscando expressar o que sentiu ao conhecer o Hospital, mas sem uma legenda que apresente tais dados não há como fazer esta distinção.

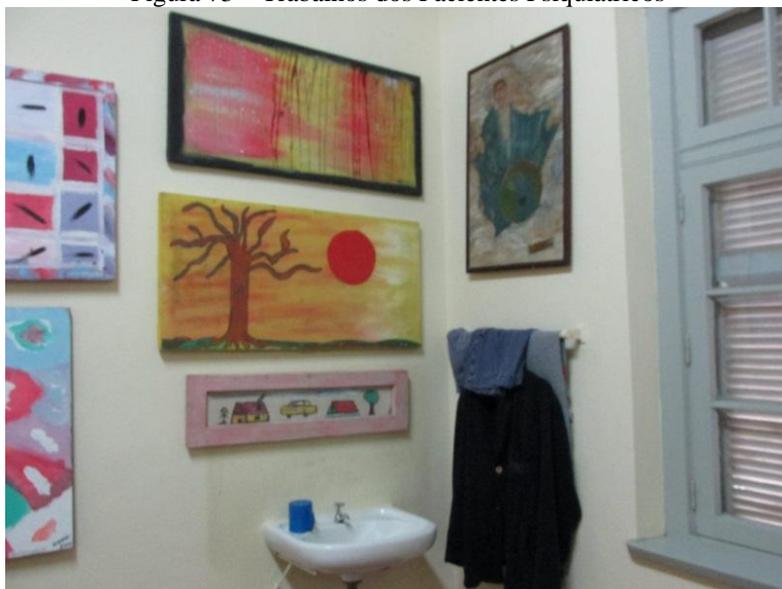
Os espaços “11 – Sala dos Portadores de Sofrimento Psíquico” e “12 – Sala dos Portadores de Sofrimento Psíquico” são muito similares, sendo assim podem ser descritos em conjunto. Nestas duas salas são expostos trabalhos feitos pelos pacientes psiquiátricos do Hospital e fotos de passeios que eles realizaram.

Figura 72 – Fotos e Trabalhos dos Pacientes Psiquiátricos



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Figura 73 – Trabalhos dos Pacientes Psiquiátricos



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Também encontramos nestes espaços imagens e textos referentes à época em que funcionava no Hospital o Projeto CAR.

Figura 74 – Fotos e Trabalhos dos Pacientes Psiquiátricos



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 75 – Fotos dos Pacientes Psiquiátricos



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

4.4 Contexto Local do HCI

O contexto local ganha destaque no espaço “13 – Sala das Comunidades do Entorno”, aspecto que chama a atenção, pois houve preocupação por parte do Memorial de contar não apenas a história desta instituição, mas mostrar as outras realidades que se relacionam à ela.

Figura 76 – Colônia Japonesa



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Esta sala é dedicada às comunidades do entorno, composta por um aldeamento indígena, uma comunidade de descendência japonesa, de pescadores e moradores provenientes da reforma agrária. Um dos motivos para este espaço é por que estas comunidades tinham o costume de utilizar o HCI para tratar de sua saúde, fazendo com que sua relação fosse mais próxima.

Figura 77 – Colônia de Pescadores



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Neste espaço, o objetivo parece ser levar o visitante para conhecer o entorno do Hospital, para isso foram colocados diversos produtos artesanais feitos pela comunidade indígena, por exemplo. Acredito que a iniciativa é muito válida, porém poderia ser feita de outra maneira, ao invés de “levar” o visitante a conhecer o contexto do entorno deveriam buscar apresentar a relação deste com a instituição, pois fica parecendo uma exposição à parte, com um discurso aparentemente diferente dos demais, deslocado dos outros espaços expositivos.

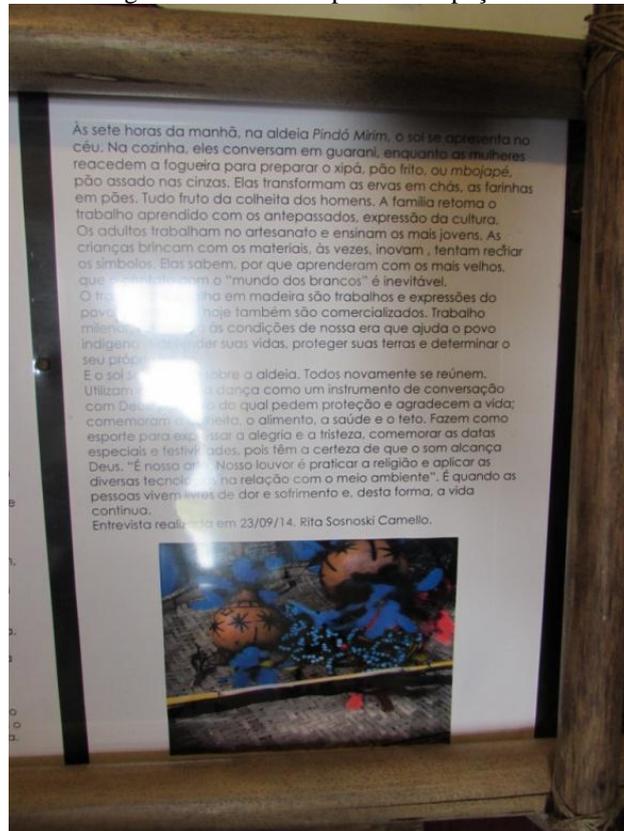
Figura 78 – Cenografia Espaço 13



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

No canto esquerdo da imagem, notamos a borda de um dos textos expositivos utilizados neste espaço, contudo, percebemos peculiaridades em detrimentos dos demais textos da exposição.

Figura 79 – Texto Expositivo Espaço 13



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

O texto aparece em um suporte próximo ao chão e conta um pouco sobre a aldeia indígena próxima ao Hospital, apresenta uma imagem e seu tamanho em relação aos outros textos da exposição é maior, parece ter sido impresso em uma folha de tamanho A3. Os demais textos do espaço expositivo seguem o padrão apresentado em quase toda a exposição, folhas de ofício A4, em tamanho de fonte 14.

Figura 80 – Texto Expositivo Espaço 13



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Finalizo este capítulo observando que este Memorial traz consigo uma significativa bagagem emocional, ele está buscando representar a vida de muitas pessoas, tanto os que fizeram e fazem parte Hospital, como as comunidades do entorno e a história da hanseníase. Sendo assim, este é um trabalho de grandes dimensões e que pode ser problematizado e abordado de diferentes formas, pois, cada sala e tema diferente poderiam ser esmiuçados em uma exposição à parte. Por isso, através da minha análise, não é possível identificar uma narrativa única nesta exposição, mas diversas narrativas que se cruzam seguindo como fio condutor a localização desta instituição e as relações que a partir dela se desenvolveram.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando comecei a pensar em um tema para o meu trabalho de conclusão de curso o HCI foi o primeiro a surgir em minha cabeça, tive medo ao escolher esta temática, pois creio ser um grande desafio abordar um local que remete a tantos sentimentos ligados a inúmeras vivências. Cursei Museologia por acreditar que devemos manter vivas algumas histórias e este local é uma delas, uma história e uma doença que até hoje permeiam o imaginário popular. Descobrir que mais pessoas se preocupam com esta memória me trouxe um grande alento, pois pude confirmar que este Hospital pode ser considerado um lugar de memória e um patrimônio cultural, sendo assim, deve ser preservado e vivenciado como tal.

A doença hanseníase é uma enfermidade que acompanha a história da humanidade e com isto um forte estigma atrelado a ela. Medidas voltadas para o isolamento dos doentes podem ser observadas desde a Idade Média até a construção dos Hospitais Colônia. Mesmo a troca do termo, de lepra para hanseníase, é algo a ser problematizado, pois esta ação foi tomada com o intuito de retirar o preconceito atrelado à lepra. Porém, à medida que a população não percebe que o que houve foi apenas uma mudança na nomenclatura é como se a história da lepra fosse desassociada à hanseníase.

O HCI surgiu como um destes locais de isolamento, com uma estrutura similar a da sociedade que eles haviam deixado. Seus moradores eram provenientes de várias regiões do Estado e, como foi dito, ao saber que a pessoa estava contaminada não importavam mais suas características individuais, ele agora era um leproso e deveria ser enviado para o Leprosário. Crianças, adultos e idosos, vivendo agora em uma sociedade à parte. Escondidos do mundo, muitos utilizavam inclusive outros nomes para que suas famílias não fossem estigmatizadas pela existência de um leproso. Este é o triste fardo que durante muito tempo acompanhou esta doença: o isolamento.

Dentro desta instituição, pessoas casaram e tiveram seus filhos que lhes eram retirados logo ao nascer. Com a descoberta da cura da hanseníase a maior parte dos antigos moradores buscou voltar à vida em comunidade. Porém, nem todos conseguiram se readaptar e alguns permanecem até hoje neste local que antes foi seu cárcere e hoje é sua casa.

Com a diminuição de pacientes portadores de hanseníase, pacientes do Hospital Psiquiátrico São Pedro foram realocados para o HCI, provenientes do meio rural. Sendo assim, a instituição seguiu os cuidados com seus novos moradores e com os remanescentes. Esta história se segue há mais de 40 (quarenta) anos, estas pessoas estão falecendo e com elas

morrem histórias de vida que se atrelam à história de políticas públicas de saúde, além de exemplares ímpares de arquitetura e de organização social.

Com o intuito de preservar este patrimônio surgiram exposições que contaram esta trajetória e buscaram a conscientização da sociedade sobre esta doença. Um dos mais recentes empreendimentos neste sentido vem a ser o Memorial HCI, e este trabalho buscou analisá-lo na perspectiva de suas escolhas expográficas. Contudo, devo ressaltar que o embasamento desta análise se dá em apenas duas visitas ao Memorial, entrevistas com seus idealizadores e com pessoas envolvidas neste processo. Portanto, é a construção de um ponto de vista elaborado a partir de muitas perspectivas e análises que não deixam de ser empíricas, à medida que são provenientes da experiência enquanto visitante, pois, se eu trabalhasse neste local, por exemplo, poderia ter uma percepção muito mais aguçada para os diversos aspectos que ele aborda.

No que tange ao Memorial, nota-se o empenho e dedicação com que ele foi elaborado, porém também há falta de conhecimentos específicos em diversos aspectos. Tendo em vista que a exposição é um meio de comunicação que tem por intuito a transmissão de uma mensagem sem que haja a necessidade de um mediador, pode-se concluir que este Memorial deve avançar em alguns fatores. Há poucos textos perceptíveis e legendas, falta uma narrativa bem estruturada e linearidade nos temas abordados – é como se o visitante fosse e voltasse em uma temática sem concluí-la de fato, não que o objetivo da exposição seja construir respostas, mas com a falta organizacional é complicado perceber os questionamentos. O excesso de objetos expostos e o uso da cenografia também comprometem a compreensão quanto à importância de cada um dos aspectos elencados, tendo em vista que o acervo ali exposto possui uma intencionalidade, porém sua mensagem imaterial passa despercebida no meio de tantos itens. Deste modo, vale frisar que a cenografia é um elemento expográfico que deve ser utilizado com cautela para não se destacar mais do que os elementos autênticos, que são testemunho de uma trajetória, passando pelo processo de musealização.

O que poderia auxiliar no potencial deste Memorial seria a criação de uma reserva técnica e a montagem periódica de exposições de curta duração. O prédio que a exposição ocupa poderia ser dividido em duas partes, o primeiro andar – cuja montagem dos espaços expositivos aparenta ter sido mais estruturada, porém muito carregada de objetos – poderia representar a exposição de longa duração, contando a história da doença e do Hospital. O segundo andar, que apesar de expor um número menor de acervo traz uma maior disparidade em seus temas, poderia ser destinado a exposições de curta duração que tratassem de temas pontuais dentro da trajetória do Hospital e seus pacientes. Contudo, creio que tal organização

não seria fácil, dado a falta de interesse, por parte do governo, a falta de verba disponível e de funcionários, tendo em vista que no momento não há pessoas responsáveis especificamente pelo trabalho dentro do Memorial. Este espaço parece manter-se pela dedicação e interesse particular de seus idealizadores, porém, se houvesse outros tipos de investimento, poderia explorar ainda mais o seu potencial patrimonial.

Outro aspecto que compromete o trabalho desenvolvido pelo Memorial é sua localização, pois o Hospital foi construído estrategicamente em uma região de difícil acesso, sendo assim, é um fator que dificulta a presença de público espontâneo. Quem quer conhecer este espaço precisa marcar antecipadamente uma visita e geralmente o faz com uma finalidade específica.

O cuidado com instituições como o Memorial, e o próprio Hospital é fundamental para que toda sua carga patrimonial não seja perdida e para que as futuras gerações possam ter consciência de tudo o que aconteceu ali. Usar este local com uma finalidade turística, através de ações de educação patrimonial, poderia ampliar seu alcance e o papel que ele desempenha dentro da sociedade. Utilizando esta perspectiva, o Memorial poderia ser um dos principais expoentes deste trabalho, reforçando seu papel enquanto lugar de memória e como representante desta história.

Seria interessante dar continuidade a este trabalho de análise da narrativa expográfica, algo que gostaria muito de ter realizado, porém com o período de elaboração de um trabalho de conclusão de curso sendo de apenas um ano, não foi possível realizá-lo. Creio que a realização de um estudo de público com os pacientes do Hospital, visando à percepção que eles possuem sobre o que está sendo apresentado no Memorial, considerando que ele relata parte de sua história de vida, se transformaria em um diferencial para a instituição e para possíveis futuras exposições. Assim, desenvolvendo a percepção que estas pessoas – enquanto fonte de informação para as exposições e atores deste local –, possuem ao observar sua trajetória pessoal sendo exposta, buscando perceber se eles se sentem representados através dos textos e objetos utilizados. Deste modo, o objetivo seria o de ampliar o olhar sobre as narrativas expográficas formuladas no Memorial, buscando a visão dos moradores.

Desde o começo desta pesquisa, no qual mapeei 03 (três) exposições que abordavam o HCI, até este fechamento, onde encontramos 05 (cinco) exposições e uma diversidade considerável de narrativas e histórias que se cruzam em torno de um mesmo patrimônio, observamos que: de uma exposição formulada com caráter comemorativo, “HCI – 60 Anos de História” (2000), surgiram outras experiências utilizando variados aspectos do Hospital. Um exemplo é a exposição “A História da Saúde Pública no Rio Grande do Sul sob a Ótica dos

Hospitais Estaduais” (2007) que aborda a instituição unindo sua história com a dos demais hospitais estaduais. Em “Da Lepra à Hanseníase” (2012) outro viés é destacado, a doença hanseníase e o papel do Hospital dentro desta narrativa. Chegamos a partir do caminho trilhado por estas exposições e do material que foi acumulado neste período, ao Memorial HCI (2014), um espaço formulado exclusivamente para apresentar as narrativas desta história. Posterior a isso, notamos o reconhecimento deste local enquanto espaço de preservação da memória, ao participar da “V Mostra Museológica de História da Medicina” (2015), trazendo um pouco dos elementos apontados na exposição principal.

Todas estas iniciativas reforçam o papel deste Hospital enquanto patrimônio e lugar de memória ainda presente no imaginário local, vinculado a uma visão triste e negativa, consideramos que as exposições e o próprio Memorial buscam modificar esta imagem. Desta forma, as exposições que surgiram são além de uma homenagem uma forma de desempenhar um papel social, preservando a memória das pessoas que participam ou participaram desta trajetória e de conscientização, à medida que a hanseníase ainda atinge a população brasileira que sem a informação necessária pode persistir no estigma que esta doença possui desconhecendo o fato de que sua cura já existe há muitos anos.

Expor esta trajetória – representada na figura do Hospital – é informar, lembrar e reavaliar uma história que envolve o preconceito com uma doença milenar, o desenvolvimento da Medicina, políticas públicas de isolamento e segregação, e histórias de vida. O que persevera com o passar do tempo são os objetos, testemunhos de tudo isso, sendo assim, a Museologia – observada no Memorial por meio das ações de pesquisa e comunicação, com ênfase nas exposições – desempenha um papel precioso na preservação deste universo de sentimentos e saberes. O Memorial pode e deve contribuir com este olhar sobre os objetos, respeitando o que eles representam, documentando sua trajetória e fortalecendo sua relação com os moradores que ainda encontram-se no Hospital.

Uma das motivações que nortearam este trabalho foi fazer uma homenagem para as pessoas que tantas vezes são ignoradas, que tiveram de se esconder e viver longe de seus entes queridos, aqueles que todos evitam olhar por medo, medo de uma doença que há mais de 70 (setenta) anos tem cura, mas que ainda hoje atinge pessoas e famílias que muitas vezes não tem informação. Espero que surjam novas exposições abordando diferentes percepções quanto ao HCI, às pessoas que afetadas por esta instituição e pela doença hanseníase, torço para que estas histórias e essas vidas não sejam esquecidas ou ignoradas, mas sim ouvidas com pesar, respeitadas pelo sofrimento e que sirvam de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Jorge. *Memorial como Instituição no Sistema de Museus: Conceitos e Práticas na busca de um conteúdo*. Versão modificada da palestra apresentada no Fórum Estadual de Museus. Porto Alegre, 1999. 21 p. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/camarapoa/usu_doc/concmemor.pdf>. Acesso em: 10 de dez. de 2015.

BARCELOS, Artur Henrique Franco. BORGES, Viviane Trindade. Segregar para curar? A experiência do Hospital Colônia Itapuã. *Boletim da Saúde*. Rio Grande do Sul, v. 14, n. 1, 1999-2000, p. 143-158.

BELLAIGUE, Mathilde. Memória, espaço e tempo. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Unirio*. Rio de Janeiro, v. 2, n.2, jul./dez. 2009, p. 87-90. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/78/98>>. Acesso em: 24 nov. 2012.

BLOG HOSPITAIS ESTADUAIS: A história viva da saúde pública do Rio Grande do Sul. *Aberta exposição fotográfica “Da Lepra à Hanseníase”*. 2012. Disponível em: <http://hospitaisestaduais.blogspot.com.br/2012_05_01_archive.html>. Acesso em 12 de out. de 2015.

BORGES, Viviane Trindade. Casamento, maternidade e viuvez: memórias de mulheres hansenianas. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.27, n.54, 2007, p.109-125.

BORGES, Viviane Trindade. Nota de Pesquisa. A loucura herda um espaço deixado pela lepra: fragmentos de história oral com os pacientes-moradores do Hospital Colônia Itapuã. *Revista História Unisinos*. 2006, p. 99-105

BORGES, Viviane Trindade. Projeto CAR: o Centro Agrícola de Reabilitação do Hospital Colônia Itapuã. *Boletim da Saúde*. Rio Grande do Sul, v.16, n.2, 2002, p. 116-124.

BORGES, Viviane Trindade. SERRES, Juliane Conceição Primon. Narrativas sobre o velho leprosário: as entrevistas realizadas com pacientes/moradores do Hospital Colônia Itapuã (Viamão/RS). *Revista História Oral*. v. 17, n.1, 2014, p.119-134.

BOTELHO, José Francisco. Pesquisadores ajudam filhos de vítimas de hanseníase a encontrar seu passado. *Guia do Estudante: Aventuras na História*. 2012. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/pesquisadores-ajudam-filhos-vitimas-hanseníase-encontrar-seu-passado-679619.shtml>>. Acesso em 12 de out. de 2015.

BRASIL, Ministério da Saúde. Guia para o controle da hanseníase. Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília: Departamento de Atenção Básica, 2002. *Apud*: SANTOS, Vânia Carvalho. *Percepções De Portadores De Hanseníase Sobre A Doença, Seu Tratamento E As Repercussões Em Seu Ambiente: Um Estudo No Município De Nossa Senhora Do Socorro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Sergipe, 2006, 170 p.

BRUSADIN, Leandro Benedini. O Turismo e a História sob a ótica do Patrimônio Cultural: Interlocuções entre os campos do saber, práticas e representações. In: CHUVA, Márcia. NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos (orgs.). *Patrimônio Cultural: Políticas e perspectivas da preservação no Brasil*. 1 ed., Rio de Janeiro: MauadX: FAPERJ., 2012, p. 35 – 36.

CAMELLO, Rita Sosnoski. Entrevista 01: 27 de ago. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.

CORTEZ, Alcina. Três é o Par Perfeito: O texto senta-se entre o visitante e o objecto. *Boletim Informação ICOM Portugal*. Portugal, n. 10, II Serie, 2010, 05 p. Disponível em: <http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-10_set-nov10.pdf>. Acesso em 22 de set. de 2015.

CURY, Marília Xavier. O exercício metodológico da Exposição Brasil 50 Mil Anos e outras considerações. In: ENCONTRO DE PROFISSIONAIS DE MUSEUS. A comunicação em questão: exposição e educação, propostas e compromissos. São Paulo; Brasília: MAE. USP: STJ. 2003 a. p. 155-173. *Apud*: CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. 1 ed, São Paulo: ANNABLUME., 2006, 160 p.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. 1ed, São Paulo: ANNABLUME. 2006, 160 p.

DESVALLÉES, André. Cent quarante termes muséologiques ou petit glossaire de l'exposition. In: BARY, Marie-Odile; TOBELEM, Jean-Michel (Dir.). *Manuel de muséographie: petit guide à l'usage des responsables de musée*. Haute-Loire: Séguier, 1998, p. 205- 251. *Apud*: CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. 1ed. São Paulo: ANNABLUME. 2006, 160 p.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. (ed.) *Conceitos-chave da museologia*. SOARES, Bruno Brulon; CURY, Marília Xavier (trad.). São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria do Estado da Cultura, 2013, 100 p.

EIDIT, Letícia Maria. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. In: *Revista Saúde e Sociedade*. v.13, n.2, 2004, p. 76-88. Disponível em: <<http://www.ceads.org.br/0/Breve-historia-da-hansenia-se.pdf>>. Acesso em: 10 de dez. de 2015.

ENNES, Elisa Guimarães. *A Narrativa na Exposição Museológica*. PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2003, 09 p. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/a-narrativa-na-exposicao-museologica.html>>. Acesso em: 05 de out. de 2015.

FONTOURA, Arselle de Andrade da. BARCELOS, Artur Henrique Franco. BORGES, Viviane Trindade. Desvendando uma história de exclusão: a experiência do Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital-Colônia Itapuã. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 10, suppl 1, 2003, p. 397-414.

GARCÍA-BLANCO, Ángela. *La Exposición, un Medio de Comunicación*. 1 ed. Madrid, Espanha: AKAL, 2009, 236 p.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. Patrimônio Cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, 1994, p. 95-115.

GOOGLE MAPS. Disponível em <<https://www.google.com.br/maps/place/Rod.+Frei+Pac%C3%ADfico,+Viam%C3%A3o++RS/@-30.3554414,51.0083663,2689m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1!1s0x9519bffd762eef7b:0x6a2be6c76f676aed.>>>. Acesso em: 12 de nov. de 2015.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os Museus e a Cidade. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). *Memória e Patrimônio: Ensaios contemporâneos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 171 -186.

GRUNBERG, Evelina. *Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial*. Brasília, DF. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAM. 2007. 24 p. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_ManualAtividadesPraticas_m.pdf>. Acesso em: 30 de nov. de 2015.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Exposição: texto museológico e o contexto cultural [1986]. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol. 1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 137-143.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. L'interdisciplinarité em muséologie. *MuWoP*, n. 2, p. 58 -59, 1981. *Apud*: GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Sistema da Museologia [1983]. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol. 1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 127-136.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Patrimônio Cultural e Cidadania. In: ROZANO, Fernando (ed.). POSSAMAI, Zita Rosane; LEAL, Elisabete. (org.) *Museologia Social*. Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura. Porto Alegre, 1 ed, 2000, p. 11-20.

IPHAE. Bem Tombado. *Antiga Igreja Evangélica do Hospital Colônia de Itapuã*. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=36901>>. Acesso em: 21 de set. de 2015.

LAPLANTINE, François. TRINDADE, Liana. *O que é imaginário?* Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. São Paulo, 1 ed, 1996. Disponível em: <https://drive.google.com/folderview?id=0B4UG_F2QeFUIR2FKWHM2eXZ5X1k&>. Acesso em: 21 de set. de 2015.

LUCAORA, Marco Antônio. Entrevista 01: 27 de ago. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.

MACHADO, Leônidas Soares. *Distribuição geográfica da lepra no R. G. do Sul, em 1939: Distribuição por municípios e por zonas do Estado*. In: IX Congresso Nacional de Geografia. Florianópolis, 1940, p. 111 – 116.

MAGALHÃES, Maria da Conceição Cavalcanti. ROJAS, Maria Iñiguez. Diferenciação territorial da hanseníase no Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. Brasília, 2007, v.16, n. 2, p. 75 – 84.

MAGALHÃES, Dennis Guedes. Entrevista 02: 01 de set. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015a.

MAGALHÃES, Lia Conceição Mineiro de Souza. Entrevista 02: 01 de set. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015b.

MEDEIROS, Mércia Carréra de. SURYA, Leandro. A Importância da Educação Patrimonial para a Preservação do Patrimônio. In: CHUVA, Márcia; NOGUEIRA, Antonio Gilberto

Ramos (org.). *Patrimônio Cultural: Políticas e perspectivas da preservação no Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: MauadX : FAPERJ, 2012, p. 293-301.

MIRANDA, C. A. S. De Tsara. At A Hanseníase... O impacto da representação social e a crise identitária (O repensar do enfermeiro) 1999. Ribeirão Preto: Escola de enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. 1999.162 f. Tese de doutorado. *Apud*:SANTOS, Vânia Carvalho. *Percepções De Portadores De Hanseníase Sobre A Doença, Seu Tratamento E As Repercussões Em Seu Ambiente: Um Estudo No Município De Nossa Senhora Do Socorro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe, para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Sergipe, 2006, 170 p.

MIRANZI, Sybelle de Souza Castro. PEREIRA, Livia Helena de Moraes. NUNES, Altacílio Aparecido. Perfil epidemiológico da hanseníase em um município brasileiro, no período de 2000 a 2006. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*. v. 43, n.1, 2010, p. 62 – 67.

MONOT, M ; Honore N, Garnier T, Araoz R, Coppee J-Y, et al. On the Origin of Leprosy. *Science* 308: 1040–1042. (2005). *Apud*. SAVASSI, Leonardo Caçado Monteiro. *Hanseníase: políticas públicas e qualidade de vida de pacientes e seus cuidadores*. Dissertação apresentada com vistas à obtenção do Título de Mestre em Ciências na área de concentração Saúde Coletiva. Belo Horizonte, 2010, 196 p.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. Projeto História: *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História*. 1 ed. São Paulo: Educ – Editora da PUC-SP., n. 10, 1993, p. 07-28.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 1 ed. Col. História & ... Reflexões. Belo Horizonte: Autêntica. 2003, p. 39-62.

PROENÇA, Fernanda Barrinuevo. *Os escolhidos de São Francisco: a aliança entre Estado e Igreja para a profilaxia da lepra na criação e no cotidiano do Hospital Colônia Itapuã – (1930-1940)*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, área de Concentração: Estudos da História das Sociedades Ibero-Americanas, da PUC-RS, para obtenção do grau de Mestre em História. Porto Alegre, 2005, 149 p.

QUEVEDO, Éverton Reis. Entrevista 03: 05 de out. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.

QUEVEDO, Éverton Reis. “Isolamento, isolamento e ainda isolamento” o Hospital Colônia Itapuã e o Amparo Santa Cruz na profilaxia da lepra no Rio Grande do Sul (1930-1950).

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, área de Concentração: Estudos da História das Sociedades Ibero-Americanas, da PUC-RS, para obtenção do grau de Mestre em História. Porto Alegre, 2005, 189p.

RICHARDS, J. Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média. Tradução: Marco Antônio Esteves da Rocha et al. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. *Apud*: SANTOS, Vânia Carvalho. *Percepções De Portadores De Hanseníase Sobre A Doença, Seu Tratamento E As Repercussões Em Seu Ambiente: Um Estudo No Município De Nossa Senhora Do Socorro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Sergipe, 2006, 170 p.

ROSSINI, Elcio. Cenografia no teatro e nos espaços expositivos: uma abordagem além da representação. *TransInformação*. PUC-Campinas, 2012, p. 157 – 164.

SANTANA, Cristiane Batista. *Para além dos muros: por uma comunicação dialógica entre museus e entorno*. 1 ed. Col. Museu Alberto. Brodowski (S.P): ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011, 120 p.

SANTOS, Vânia Carvalho. *Percepções De Portadores De Hanseníase Sobre A Doença, Seu Tratamento E As Repercussões Em Seu Ambiente: Um Estudo No Município De Nossa Senhora Do Socorro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe, para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Sergipe, 2006, 170 p.

SAVASSI, Leonardo Cançado Monteiro. *Hanseníase: políticas públicas e qualidade de vida de pacientes e seus cuidadores*. Dissertação apresentada com vistas à obtenção do Título de Mestre em Ciências na área de concentração Saúde Coletiva. Belo Horizonte, 2010, 196 p.

SCHEINER, Tereza. Museologia e apresentação da realidade. In: *XI Encuentro Regional del ICOFOM LAM*, Equador, 2002, p. 96-105.

SERRES, Juliane Conceição Primon. Uma memória que agoniza: Hospital Colônia Itapuã - RS. In: *XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social*. ANPUH Brasil. Natal-RN, 2013, 12 p.

SITE do MUHM: Museu da História da Medicina do Rio Grande do Sul. *Aberta a exposição "Da Lepra à Hanseníase"*. 2012. Disponível em: <<http://www.muhm.org.br/index.php?formulario=noticias&submenu=&metodo=0&id=405>>. Acesso em 12 de out. de 2015.

SOARES, Bruno Brulon. Entre o Reflexo e a Reflexão: Por de trás das cortinas da performance museal. In: ICOFOM LAM. *Termos e Conceitos da Museologia: Museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral*. Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICOFOM LAM 2012. Petrópolis, 2012, p. 192-204.

SOUZA, Luís Roberto. *Condicionantes sociais na delimitação de espaços endêmicos de hanseníase*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências. São Paulo, 2012, 327 p.

VIDAL, Lucas. CLIC RBS: Almanaque Gaúcho. *Memorial em Itapuã*. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2014/11/28/memorial-em-itapua/?topo=13,1,1,,77>>. Acesso em 24 de jun. de 2015.

XAVIER, Luiz Merino d F. A cidade como livro didático: educação patrimonial no âmbito do Programa Monumenta Porto Alegre. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.). *Leituras da Cidade*. Porto Alegre: Evangraf, 2010, p. 257-273.

APÊNDICE A – Autorização de uso de entrevista**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO****A U T O R I Z A Ç Ã O**

Eu (nome do(a) entrevistado(a)).....

....., abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a) estudante)....., estudante de (nome do curso)....., da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título

.....e está sendo orientado por/pela Prof.(a.) Vanessa Barrozo Teixeira.

Porto Alegre,.....de de 20____ .

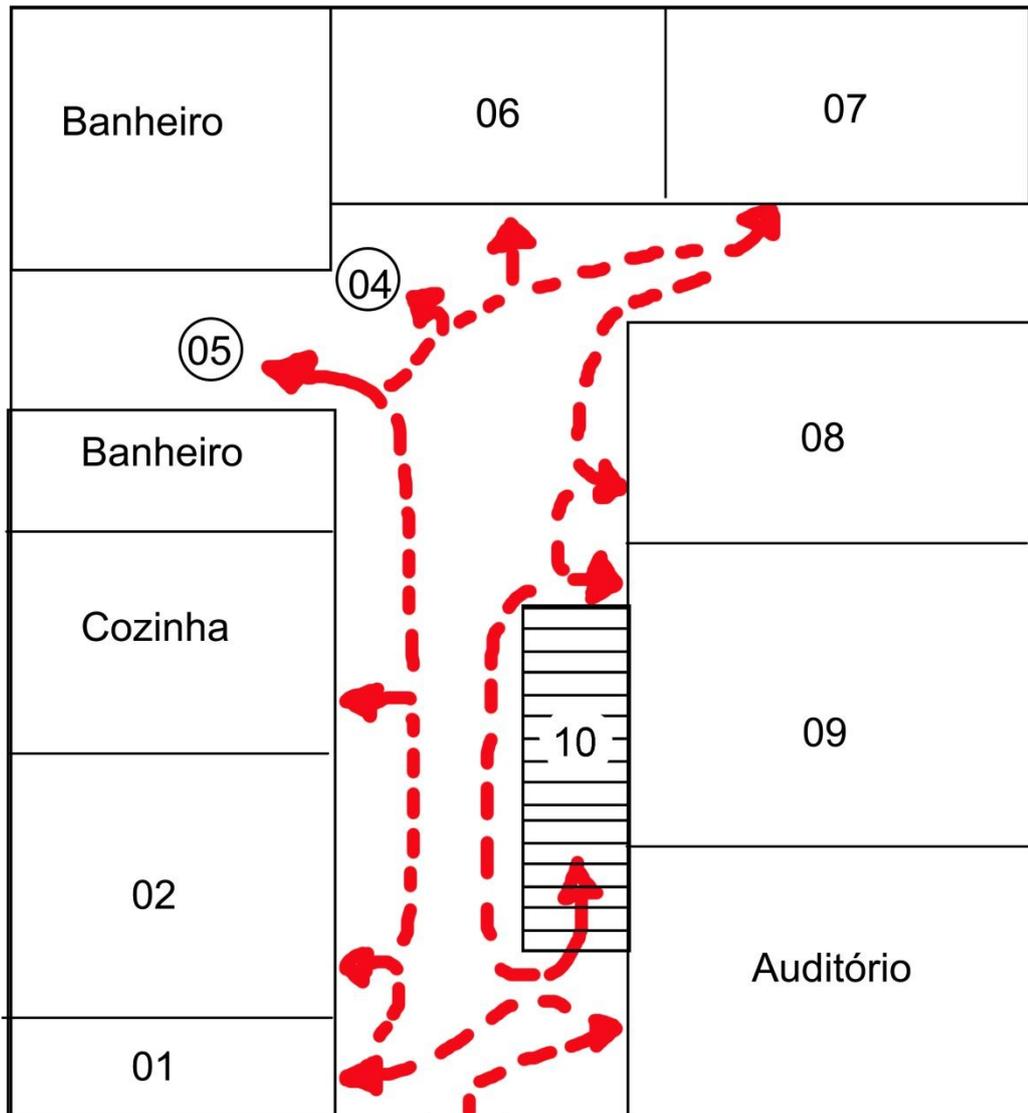
Assinatura do entrevistado

APÊNDICE B – Roteiro para Entrevista Semiestruturada

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA
1- Qual o objetivo desta exposição e por que abordar o Hospital Colônia Itapuã?
2- Como surgiu esta iniciativa?
3- Qual papel o (a) senhor (a) desempenhou dentro do processo de desenvolvimento desta exposição?
4- Como foi realizada a pesquisa? 4.1- Existiu um comitê científico? 4.2- Houve entrevistasou alguma forma de diálogo com os pacientes ex-pacientes do Hospital?
5- O (a) senhor (a) acredita que esta exposição cumpriu ou cumpre um papel social preservando a memória das pessoas participam ou participaram – como pacientes, moradores, funcionários, médicos, dirigentes e familiares – da trajetória do Hospital?
6- (Exposição 1 e 2)O (a) senhor (a) saberia me informar como ocorreu o processo de seleção do acervo para esta exposição? 6.1- (Exposição 2)Quais critérios foram utilizados nas escolhas expográficas (mobiliário, cores, luz, disposição do acervo, textos) para a montagem? 6- (Exposição 3)Como o (a) senhor (a) caracterizaria o envolvimento dos doadores do acervo para o Memorial com este espaço? Como se configurou esta troca de vivências? Os pacientes se sentem acolhidos pelo local?Eles participaram da concepção ou de alguma etapa da exposição?

APÊNDICE C – Rascunho da Localização das Salas do Memorial

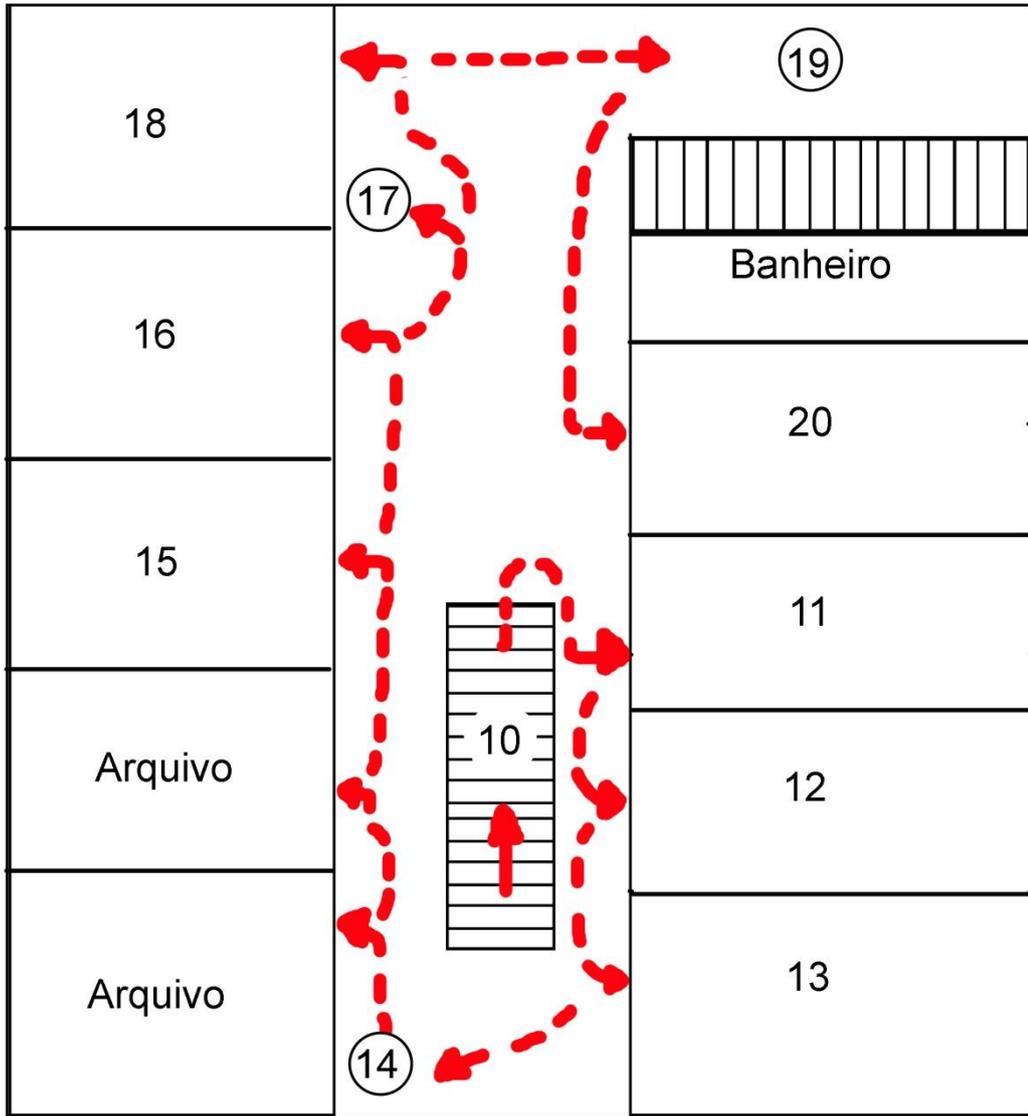
1º Andar



--- Trajeto da visita

○ Espaços expositivos no corredor

2º Andar



--- Trajeto da visita

○ Espaços expositivos no corredor

ANEXO I – Folder da exposição “HCI – 60 Anos de História”



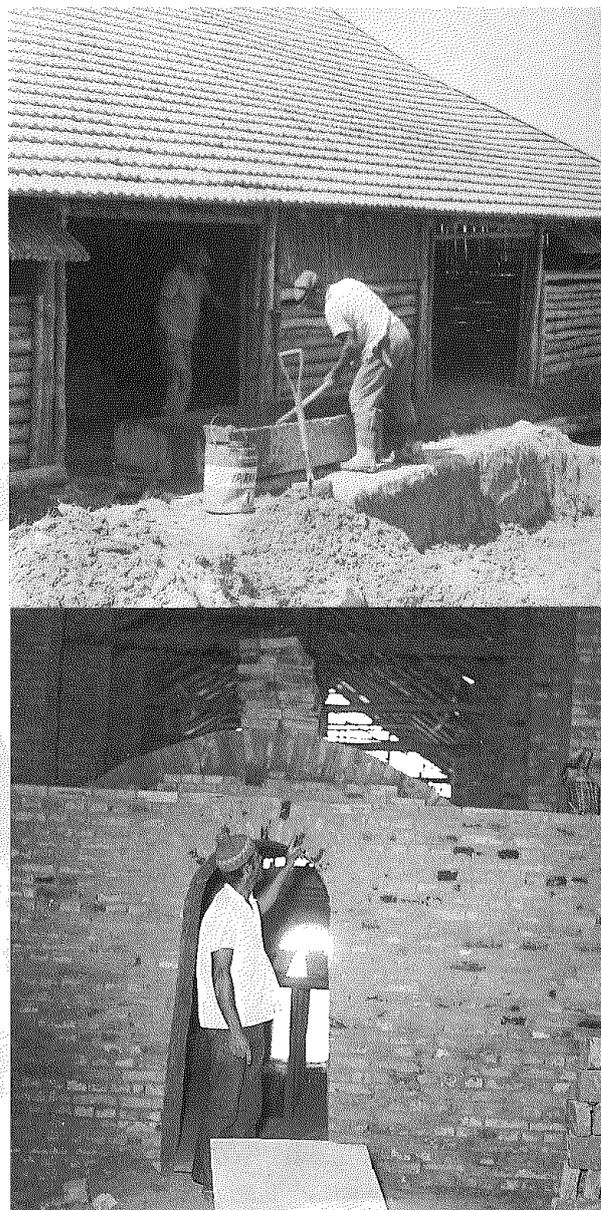
Hospital Colônia Itapuã. 60 anos de história.

O Hospital Colônia Itapuã, localizado em Viamão, no Rio Grande do Sul, foi inaugurado oficialmente em 11 de maio de 1940. Nestes 60 anos, abrigou centenas de pessoas das mais diferentes localidades do Estado.

Durante as décadas de 30 e 40, a política nacional de controle e prevenção da lepra realizava "verdadeiras cruzadas" contra a doença. Vários leprosários e colônias foram construídos para isolar e excluir as pessoas portadoras do mal de Hansen. O objetivo era evitar o contágio. Os filhos sadios dos doentes eram mandados para outras instituições, como parte do chamado ciclo de prevenção.

A criação do Hospital Colônia Itapuã faz parte deste contexto. Planejado para ser auto-sustentável, como uma pequena cidade, era dividido entre área "limpa/saudável" e área "suja/doente". Na área "saudável" ficavam as irmãs da Congregação Franciscana, os médicos e os funcionários. A área "doente" contava com enfermarias, casas geminadas, escolas, igrejas, pavilhão de diversões, olaria, padaria, lavanderia, prefeitura, cadeia, entre outras construções onde viviam os pacientes.

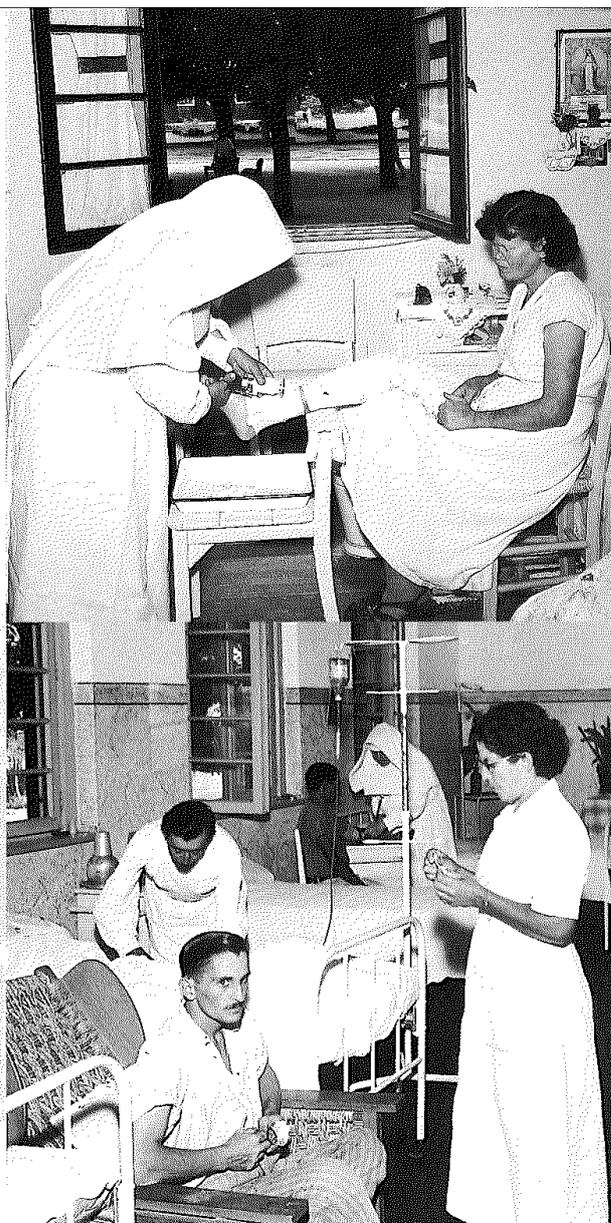
Neste microuniverso, pessoas que, na maioria, só tinham em comum a doença e a exclusão, eram obrigadas a viver dentro de uma estrutura que visava disciplinar e manter a organização do



Hospital, aliando as preocupações médicas com preceitos morais que determinavam decisões sobre espaços, horários e convivências. Este modelo de subordinação vai mostrando as suas falhas, e os pacientes vão, aos poucos, transformando este cenário para adequá-lo aos seus modos de vida.

Com o avanço do tratamento da Hanseníase, a diminuição da doença e a abolição do internamento compulsório, muitos pacientes retornaram para as suas cidades de origem, enquanto outros foram para lugares em que não seriam identificados como antigos portadores do mal de Hansen. Vários deles acabaram voltando para o Hospital, por terem sido estigmatizados pela doença ou ainda por falta de condições para sobreviver. Junto com aqueles que nunca haviam saído, foram transformando o Hospital Colônia Itapuã num local de moradia.

Nos anos 70, o Estado, atendendo a uma política nacional de assistência ao doente mental, transforma parte do local num Centro Agrícola de Reabilitação. A intenção era recuperar o paciente através do trabalho. 180 pessoas originárias do meio rural foram transferidas do Hospital Psiquiátrico São Pedro para Itapuã, criando uma unidade psiquiátrica que reforçou ainda mais o caráter segregador da instituição.



Uma nova vida para a região.

Hoje, vivem no Hospital Colônia Itapuã cerca de 200 moradores-usuários, um número relativamente pequeno comparado com as centenas de pessoas que, no decorrer destes 60 anos, transitaram pelo local. Vistos como prioridade, a assistência dada a estes moradores não se restringe à moradia, e sim a uma política de atenção integral à saúde que permite o resgate da cidadania e o retorno ao convívio social.

Com o objetivo de romper com o paradigma da exclusão, busca-se transformar o Hospital num centro cultural e de desenvolvimento regional, através da agroecologia, do ecoturismo, da saúde, da educação e da assistência social.

Realização da Pesquisa Histórica
Centro de Documentação e
Pesquisa do Hospital Colônia Itapuã
Centro Estadual de Informação e
Documentação em Saúde da Escola de Saúde Pública

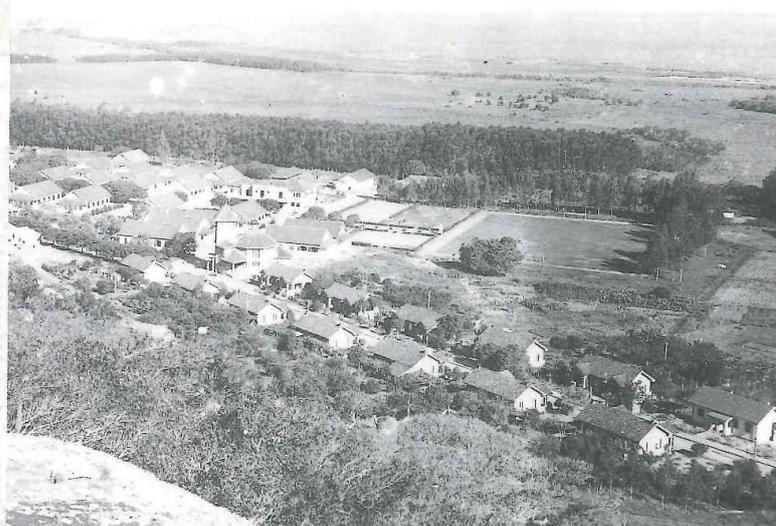
Equipe de Pesquisa
Arselle de Andrade da Fontoura
Cristiano M. Selin
Everton Luiz Stefanello
Everton Reis Quevedo
Helius Keuncke Neto
Juliane Serres
Viviane Trindade Borges

Apoio Operacional
Marlise Fraga
Pedro Hansel



“Nada é fixo
àquele que
alternadamente
pensa e sonha...”

(Gaston Bachelard)



60
anos
**Hospital
Colônia
Itapuã**

60 anos **Hospital
Colônia
Itapuã**



**GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL**
Secretaria da Saúde
Hospital Colônia Itapuã

ANEXO II – Textos utilizados na exposição “A História da Saúde Pública no Rio Grande do Sul sob a Ótica dos Hospitais Estaduais”

*A História da Saúde Pública
no Rio Grande do Sul
sob a ótica dos Hospitais Estaduais:*



Hospital Psiquiátrico São Pedro



Hospital Colônia Itapuã



Hospital Sanatório Partenon



Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Saúde

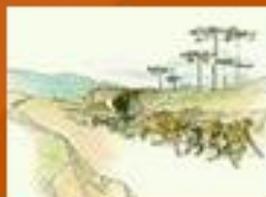
Origem

Até o século XIX, o controle das doenças contagiosas e das epidemias compreendia o isolamento dos doentes do restante da sociedade.

Para isso, lazaretos, que eram hospitais de isolamento abertos apenas em situações de surtos e epidemias, eram instalados em locais distantes dos centros urbanos.

Há muitos anos, as autoridades sanitárias do RS tinham a intenção de construir um Hospital de Isolamento permanente, para o atendimento de doentes de moléstias contagiosas.

Em 1908, o governo estadual adquire o terreno para a construção desse hospital. O local foi escolhido em razão do distanciamento da cidade: ficava no Arraial de São José, na antiga Estrada do Mato Grosso (atual av. Bento Gonçalves), onde só se chegava de carroça...



Hospital de Isolamento em construção, 1909.

No ano seguinte, começa a construção do Hospital de Isolamento "São José", no terreno onde hoje está instalado o Hospital Sanatório Partenon.

O Hospital de Isolamento - HI começou a funcionar em outubro de 1909, atendendo principalmente casos de febre tifóide, difteria, varicela, varíola, gripe e peste. Em razão das diversas demandas sanitárias ocorridas durante o século XX, o terreno do HI foi incorporando diferentes serviços de saúde.

Em 1918, o mundo foi assolado pela Gripe Espanhola, epidemia que causou 20 milhões de mortes, o equivalente a 1% da população mundial, entre setembro e novembro daquele ano.

Os primeiros números de vítimas em Porto Alegre são de 18 outubro de 1918. Entre as providências do governo do RS em relação à epidemia estava o isolamento dos doentes.

Uma das medidas de contenção da epidemia foi a ampliação do Hospital de Isolamento, de modo a atender os portadores da doença.



HI e pavilhões para a gripe, 1918



(...) O Hospital de Isolamento possui a maior sala de isolamento em que se encontra no Brasil, com 200 leitos, um para o curativo e a sala, um para o banho e a sala de espera, com a porta e a janela e um para o médico.

Revista do Estado do Rio Grande do Sul, 1928.



Hospital
Sanatório
Partenon

Isolamento

A hanseníase, então conhecida como lepra, passou a ocupar um local de destaque no Estado do Rio Grande do Sul a partir de 1925, quando a Diretoria de Higiene definiu uma série de medidas para a profilaxia da doença, entre elas o isolamento obrigatório de todos os doentes.

Assim, em 1926, foram utilizados os antigos pavilhões para a gripe do Hospital de Isolamento para o abrigo desses doentes.

Em 1936, foi inaugurado o Hospital de Emergência para Leprosos, localizado no mesmo terreno do Hospital de Isolamento, tendo funcionado até 1940, quando foi inaugurado o Hospital Colônia Itapuã.



"Completam o leproário 2 pavilhão, aduzindo também, uma pequena capela além de uma praça de desporto onde se lê: 'Praça de Higiene e Recreação'. Anunciada a vinda dos médicos todos os leprosinos formaram no jardim principal do leproário."
Diário da Manhã, 17 de março de 1936

A tuberculose passou a ser tratada no Hospital de Isolamento de forma sistemática na década de 1940. Para isso, foram construídos pavilhões específicos junto ao hospital: o abrigo Carmem Gonçalves, para os casos considerados incuráveis à época, e pavilhão Bonifácio Costa, para os casos cirúrgicos.



Interior do abrigo Carmem Gonçalves, 1946



Proclamação de frente o abrigo Carmem Gonçalves, 1946



Pavilhão Bonifácio Costa, década de 1950

Além desses abrigos, teve início em 1940, no Hospital de Isolamento, um Serviço de Cirurgia Torácica.

"(...) Foi instalada no Hospital de Isolamento uma pequena sala de cirurgia e iniciado um Serviço de Cirurgia Torácica."

Revista do Hospital de Isolamento, Rio Grande do Sul, 1940.



Hospital
Sanatório
Partenon

Hoje



Num lugar construído para excluir, esconder e segregar, as vidas tomam seus rumos, novas histórias são contadas, novos vínculos foram criados e novos caminhos foram trilhados.

O Hospital Colônia Itapuã é hoje, considerado uma das melhores Colônias de Ex-Hansenianos dentre as 33 ainda existentes no Brasil.

O Hospital tem como missão a melhoria das condições de vida das pessoas, portadoras de sofrimento psíquico e dos ex-hansenianos, desmitificando os antigos "Leprosários e Manicômios".



Churrasco das Unidades Habitadas



Festa do Natal



Recreação

São oferecidas moradias dignas para os ex-hansenianos e pacientes psiquiátricos com pavilhões reformados, quartos individuais ou com até dois moradores.



Moradia dos pacientes psiquiátricos



Pavilhão



Moradia dos ex-hansenianos

São desenvolvidas várias atividades com os pacientes de uma forma mais ampla, interagindo com todos, focalizando-os como indivíduos únicos que ocultam um grande potencial - muitas vezes mascarado pelo preconceito, pela exclusão social e um passado de dor - auxiliando no tratamento da saúde física e mental de todos.



Oficinas de Costuras



Realização de Imagens com



Grupos de Recreação



Hospital
Colônia
Itapuã

ANEXO III – Convite da exposição “Da Lepra à Hanseníase”



Da Lepra à Hanseníase

O Sindicato Médico do Rio Grande do Sul,
o Museu de História da Medicina e o Gabinete da Primeira-Dama
do Estado têm a honra de convidá-lo
para o coquetel de abertura da exposição
"Da Lepra à Hanseníase" na Sala Rita Lobato.

Data: 17 de maio de 2012
Horário: 18h30min
Local: Museu de História da Medicina
Av. Independência, 270
(Prédio Histórico do Hospital Beneficência Portuguesa)

Confirmações de presença
pelo e-mail: eventosmuseu@simers.org.br
ou pelo telefone (51) 3029-2900.

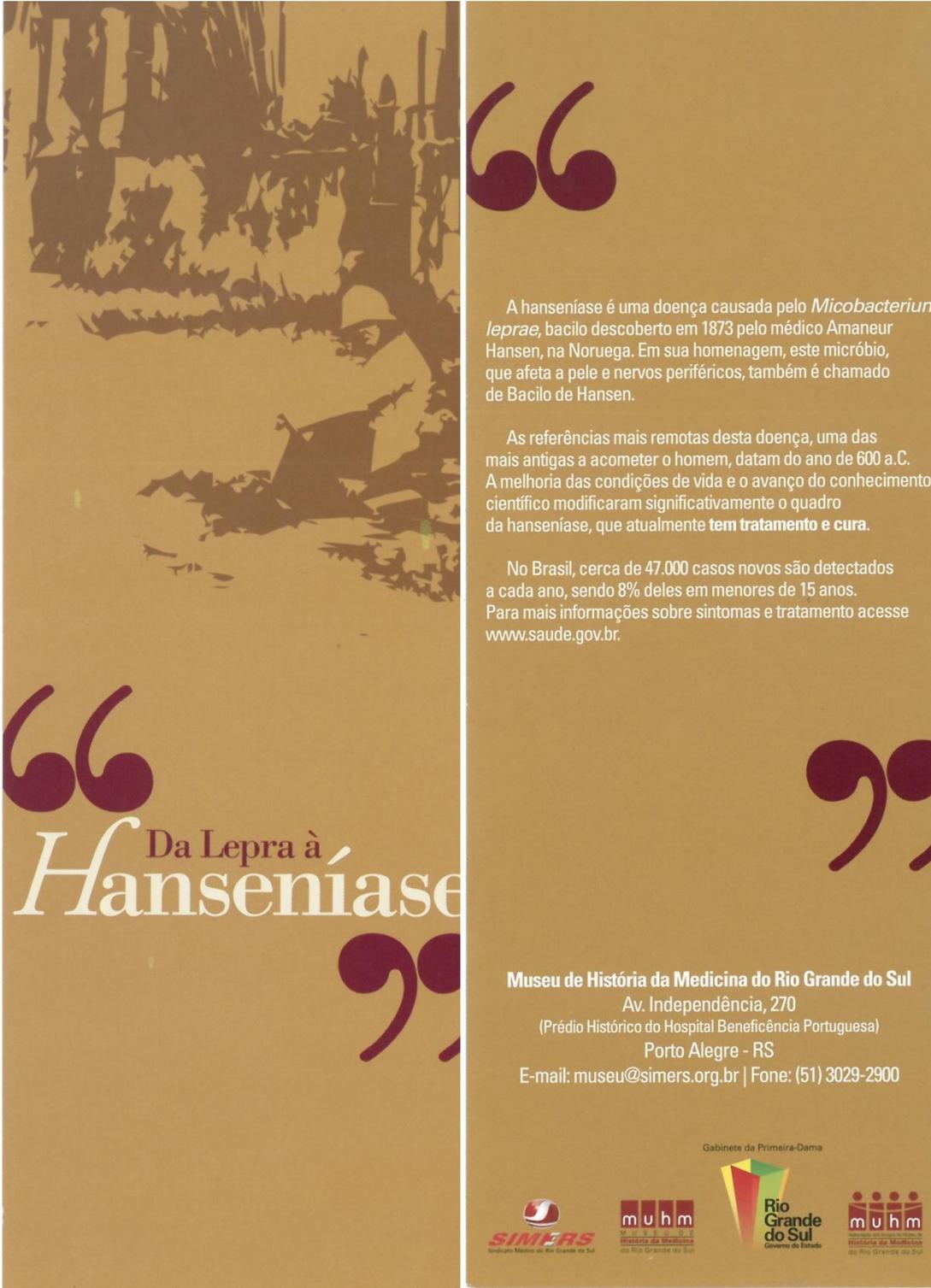
www.muhtm.org.br



Gabinete da Primeira-Dama



ANEXO IV – Material de Divulgação da exposição “Da Lepra à Hanseníase”



A hanseníase é uma doença causada pelo *Micobacterium leprae*, bacilo descoberto em 1873 pelo médico Amaneur Hansen, na Noruega. Em sua homenagem, este micróbio, que afeta a pele e nervos periféricos, também é chamado de Bacilo de Hansen.

As referências mais remotas desta doença, uma das mais antigas a acometer o homem, datam do ano de 600 a.C. A melhoria das condições de vida e o avanço do conhecimento científico modificaram significativamente o quadro da hanseníase, que atualmente **tem tratamento e cura**.

No Brasil, cerca de 47.000 casos novos são detectados a cada ano, sendo 8% deles em menores de 15 anos. Para mais informações sobre sintomas e tratamento acesse www.saude.gov.br.

**Da Lepra à
Hanseníase**

Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul
Av. Independência, 270
(Prédio Histórico do Hospital Beneficência Portuguesa)
Porto Alegre - RS
E-mail: museu@simers.org.br | Fone: (51) 3029-2900

Gabinete da Primeira-Dama